

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS**

FABIANA STAHL CHAPARINI

**Gernote Kirinus: Religião, política e lutas pela terra no Oeste Paranaense
(1970-1980)**

**Marechal Cândido Rondon
2018**

**CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, PODER E PRÁTICAS SOCIAIS**

FABIANA STAHL CHAPARINI

**Gernote Kirinus: Religião, política e lutas pela terra no Oeste Paranaense
(1970-1980)**

Texto submetido à Banca de Defesa como requisito à obtenção do título de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* de Marechal Cândido Rondon, na Linha de Pesquisa Estado e Poder, sob a orientação do Prof. Dr. Marcio Antonio Both da Silva.

Marechal Cândido Rondon

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Chaparini, Fabiana Stahl
Gernote Kirinus: Religião, política e lutas pela terra
no Oeste Paranaense (1970-1980) / Fabiana Stahl
Chaparini; orientador(a), Marcio Antônio Both da Silva,
2018.
110 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste
do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, Centro de
Ciências Humanas, Educação e Letras, Graduação em
História Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

1. Religião. 2. Política . 3. Luta pela terra. 4.
Trajetória . I. Silva, Marcio Antônio Both da . II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FABIANA STAHL CHAPARINI, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 10 dia(s) do mês de abril de 2018 às 14h00min, no(a) Sala 61 - Lab de Estado e Poder, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Fabiana Stahl Chaparini, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Marcio Antônio Both da Silva, Alessandra Gasparotto, Paulo José Koling, Carla Luciana Souza da Silva. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Marcio Antônio Both da Silva, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "Gernote Kirinus: Religião, Política e Lutas pela terra no Oeste Paranaense (1970-1980)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Alessandra Gasparotto, Paulo José Koling, Carla Luciana Souza da Silva. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).

Orientador(a) - Marcio Antônio Both da Silva

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Alessandra Gasparotto

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de Fabiana Stahl Chaparini, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Paulo José Koling

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Carla Luciana Souza da Silva

Fabiana Stahl Chaparini

Candidato(a)

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

Prof. Dr. Marcio Antônio Both da Silva
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em História
Mestrado e Doutorado
Portaria nº 6213/2016-GRE

*Nós somos do tecido de que são
feitos os sonhos*

William Shakespeare

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, com singelas palavras, todos aqueles que de alguma maneira estiveram ao meu lado nessa árdua e longa caminhada. Agradeço aos meus pais, principalmente a minha mãe que desde o início esteve comigo dando forças para realizar essa pesquisa.

A pesquisa que desenvolvi no mestrado foi um desafio. Durante esses dois anos, comecei a conhecer um mundo acadêmico totalmente diferente do que eu conhecia. Diante disso, um agradecimento especial ao meu orientador Marcio Antônio Both. Sem dúvidas, essa pesquisa só foi possível pela sua paciência, apoio e ajuda em esclarecer coisas que para mim eram novas e difíceis (e que ainda são) de compreender.

Agradeço as conversas e discussões realizadas com meus colegas de aula da turma de mestrado de 2016. Em especial, aos amigos que formei nessa trajetória: Margarete, Saionara, Rubia e Samuel.

Poderia escrever várias páginas para agradecer meus bons e velhos amigos. Porém, tudo o que fosse escrever não seria o suficiente para agradecer. Dessa maneira, digo brevemente que, sem vocês, muito disso não seria possível, pois cada um me ajudou de alguma forma em cada situação, da maneira que podiam. Obrigada, Tati, Cíntia, Douglas, Marcia, Lubiane, Polyana, Mateus, Raiane, Nayara, Luana, Mariah, Fabíola, Isabel e Giovanni.

Nessa caminhada conheci uma pessoa que pretendo sempre ter ao meu lado. Rafael, obrigada por me acolher em seu coração e fazer com que meus dias ficassem mais leves. O sorriso que carregou de ter chegado à reta final da pesquisa e descobrir novos rumos, tem a ver com esse novo momento da minha vida que estou dividindo com você.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em História na Unioeste, em especial a duas pessoas. Professora Carla Silva, que foi minha orientadora na graduação e que, durante o mestrado sempre esteve disponível quando eu precisava de uma luz e também ao grande professor que não está mais entre nós fisicamente, Alexandre Blank!

Não poderia deixar de mencionar a Lisane, secretária do PPGH. Obrigada pelas conversas, cuias de chimarrão e também com a burocracia que nem sempre eu conseguia resolver.

A banca presente Alessandra Gasparotto, Carla Silva e Paulo Kolling. Obrigada, por aceitarem a ajudar a construir meu caminho acadêmico. Suas contribuições desde o início, possibilitaram meu crescimento acadêmico. Sou grata a vocês!

Meus sinceros agradecimentos a Gernote Kirinus. Muito obrigada pelas fontes que disponibilizou, pelas dúvidas que surgiam e rapidamente me respondia por e-mail, sem contar pela forma que me recebeste em sua casa em Curitiba com a sua grande esposa, Gloria. Obrigada, Gernote e Gloria.

Meus últimos agradecimentos são a CAPES, por ter financiado essa pesquisa pelos vinte e quatro meses.

Gernote Kirinus: Religião, política e lutas pela terra no Oeste Paranaense (1970-1980)

RESUMO

Essa pesquisa buscou analisar, a partir da trajetória de um militante social, o contexto sócio histórico do Oeste paranaense, durante o período de 1970 a 1980. Assim, tomando como ponto de partida a atuação de Gernote Kirinus, buscamos compreender as lutas sociais que marcaram a região Oeste do Paraná, na época. Além disso, o tema da relação entre política e religião, também foi objeto de análise, uma vez que Kirinus era pastor vinculado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Não foi a intenção elaborar uma biografia do pastor, pelo contrário, a partir da sua vivência e atuação, buscamos discutir e analisar as mobilizações realizadas pelos camponeses da região contra o processo de expropriação que acompanhou a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e o estabelecimento de novos padrões para agricultura brasileira, via execução do projeto de modernização de agricultura. Chamamos atenção neste caso, o fato de que inicialmente a atuação de Kirinus tinha um sentido religioso, mas na medida em que os conflitos na região ganharam grandes proporções, ele rompeu com as fronteiras do campo religioso e passou a atuar mais diretamente no campo político. Circunstância que fica mais visível quando Gernote Kirinus, em 1978 é eleito deputado estadual pelo MDB. Momento a partir do qual passou a ter atuação destacada e conturbada, a qual ainda é pouco conhecida.

Palavras-chave: Religião. Luta pela Terra. Política.

**Gernote Kirinus: Religion, politics and struggles for land in the west of Paraná
(1970-1980)**

ABSTRACT

This research sought to analyze, from the trajectory of a social activist, the socio-historical context of the West of Paraná, during the period from 1970 to 1980. Thus, taking as a starting point the performance of Gernote Kirinus, we sought to understand the social struggles that marked the western region of Paraná, at the time. In addition, the subject of the relationship between politics and religion was also analyzed, since Kirinus was a pastor linked to the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB). It was not the intention to elaborate a biography of the pastor, on the contrary, from his experience and performance, we sought to discuss and analyze the mobilizations carried out by the peasants of the region against the expropriation process that accompanied the construction of the Itaipu Hydroelectric Power Plant and the establishment of new standards for Brazilian agriculture, through the implementation of the modernization of agriculture project. We call attention in this case to the fact that initially Kirinus' performance had a religious sense, but as the conflicts in the region gained large proportions, he broke with the boundaries of the religious camp and began to act more directly in the political field. Circumstance that is more visible when Gernote Kirinus, in 1978 is elected state deputy by the MDB. Moment from which he started to perform outstanding and troubled, which is still little known.

Keywords: Religion. Fight for the Earth. Policy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Assesoar	Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural
AI-5	Ato Institucional 5
ALN	Ação Libertadora Nacional
Arena	Aliança Renovadora Nacional
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CPT	Comissão Pastoral da Terra
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
DSI	Doutrina Social da Igreja
DSN	Doutrina de Segurança Nacional
FACTEOL	Faculdade de Teologia
G.K.	Gernote Kirinus
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IJGDE	Associação Internacional da Juventude Transoceânica da Alemanha
JNT	Jornal Nosso Tempo
MASTRO	Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste Paranaense
MGEB	Movimento Gaúcho de Educação de Base
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MJT	Movimento Justiça e Terra
STRs	Sindicatos dos Trabalhadores Rurais
TDE	Terror de Estado
VPR	Vanguarda Popular Revolucionária
W.W.	Werner Wanderer

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Material de campanha política de G.K.....	65
Figura 02: Material de campanha política de G.K.....	68
Figura 03: Fotografia do Movimento Justiça e Terra na cidade de Foz do Iguaçu	96
Figura 04: Fotografia do Movimento Justiça e Terra na cidade de Foz do Iguaçu	96
Figura 05: Reportagem Jornal Nosso Tempo.....	97
Figura 06: Reportagem Jornal Nosso Tempo.....	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO I – Gernote Kirinus: Uma breve apresentação	19
1.1 INTRODUÇÃO	19
1.2 A VIDA FAMILIAR	21
1.3 A FORMAÇÃO RELIGIOSA	25
1.4 A FORMAÇÃO ESCOLAR	28
1.5 O INGRESSO NO SEMINÁRIO: NOVAS PERSPECTIVAS.....	33
1.6 IDA PARA O EXÍLIO	43
CAPÍTULO II – Da Igreja para a Assembleia Legislativa (1975-1979)	46
2.1 INTRODUÇÃO	46
2.2 CHEGADA DE KIRINUS NA REGIÃO OESTE	49
2.3 GERNOTE KIRINUS E A SUA PARTICIPAÇÃO NAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA	56
2.4 CANDIDATURA.....	62
2.5 A ELEIÇÃO DE G.K: “PARA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ”	72
CAPÍTULO III – Gernote Kirinus e os conflitos agrários no Oeste Paranaense (1970 – 1980)	77
3.1 INTRODUÇÃO	77
3.2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA.....	79
3.3 CONFLITOS AGRÁRIOS	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS	108
FONTES	111

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação visamos compreender o contexto sócio histórico da região Oeste do Paraná, durante os anos de 1970 a 1980, por meio do estudo da trajetória de um indivíduo, Gernote Kirinus, este que esteve ligado aos movimentos de luta pela terra nesta região.

Gernote Kirinus é natural do Rio Grande do Sul, e desde a sua juventude se envolveu em movimentos em prol dos direitos humanos. Além disso, se formou em Teologia pelo seminário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) se tornando pastor desta Igreja. Logo após se formar em Teologia, veio para a região Oeste do Paraná, especificamente para a cidade de Entre Rios do Oeste. Devido aos problemas que a região estava enfrentando, em 1976 passou a atuar como secretário da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Entre os anos de 1976 e 1978 esteve ao lado das movimentações dos expropriados da Itaipu e de outros conflitos pela terra. Em 1978, se candidatou a deputado estadual do Paraná, sendo eleito por três mandatos, a qual na eleição posterior se candidatou a deputado federal, em que não se elegeu. Ressaltamos que mesmo ele sendo deputado e não mais residindo no Oeste Paranaense, ainda apoiava o movimento dos expropriados pela Itaipu.

A escolha por trabalhar com a trajetória dele ocorreu pelo interesse de compreender a luta pela terra na região Oeste do Paraná, no período que abrangesse parte da ditadura civil militar e pela grande quantidade de fontes disponíveis sobre a sua trajetória. G.K, doou seu fundo documental para o CEPEDAL¹. O fundo Gernote Kirinus, conta com um acervo de mais de nove mil documentos do período de 1970 a 1999, sendo que o âmbito do conteúdo está relacionado com a sua gestão como

¹ “O núcleo de pesquisa e documentação sobre o Oeste do Paraná- CEPEDAL se constitui num órgão suplementar, vinculado cientificamente ao Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras - CCHEL, e administrativamente ao Campus de Marechal Cândido Rondon, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, objetivando pesquisar e preservar acervos documentais sobre a Região Oeste do Paraná e as populações de fronteira a ela vinculadas”. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/projetos/cepedal/>> Acessado em: 2 ago. 2017.

deputado estadual e com as questões agrárias no Oeste Paranaense. Diante desse grande número de documentos, as coletas das fontes requereram um recorte temporal melhor delimitado. Sendo assim, os documentos coletados e analisados, estão dentro do período de 1970 a 1980. É importante destacarmos que antes da coleta realizada pelo CEPEDAL, Kirinus realizou uma seleção dos materiais doados, o que nos indica que essa seleção passou por interesses do próprio doador sobre o que seria disponibilizado.

Em relação à escolha do tema, relatamos que o primeiro projeto apresentado tinha por intenção analisar algumas trajetórias de militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), na região Oeste do Paraná. Porém, isso não ocorreu, pois não teríamos condições de desenvolvê-lo pela falta de fontes. Frente a isso, em conversas com os professores da linha de pesquisa “Estado e Poder” do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste e posteriormente com o orientador, foi proposto para que realizasse um trabalho na mesma linha de análise de trajetórias, mas com personagens diferentes: Werner Fuchs e Gernote Kirinus.

No decorrer da pesquisa, após termos discutido, optamos por realizar um estudo mais aprofundado sobre a trajetória de Gernote Kirinus e Werner Fuchs na região Oeste do Paraná, mas encontramos outro problema: dessa vez a grande quantidade de fontes passou a ser um empecilho. Desta maneira, por tratar-se de uma quantidade muito ampla de fontes para um trabalho de mestrado, optamos por analisar apenas a trajetória de Kirinus, com a finalidade de entender as décadas de 1970 a 1980 na região Oeste do Paraná.

O recorte temporal selecionado para essa dissertação foi decorrente dos conflitos agrários que estavam ocorrendo naquele momento, na região Oeste do Paraná. A agricultura brasileira tinha e estava passando por mudanças desenvolvidas com o Plano de Metas na década de 1950 com as mudanças de Bases do governo, na década de 1970. Os elementos que mais chamaram a atenção foram o sistema de crédito rural, para que aumentassem o desenvolvimento tecnológico brasileiro e os estímulos para a colonização nas regiões, principalmente do Norte e Centro Oeste.

Essas articulações do Estado interviam no quadro social da região Sul, em que destacamos a região Oeste do Paraná. Frente a isso, o contexto que G.K. se deparou quando chegou à região foi de instabilidade social e econômica frente às imposições do governo.

Para a análise desta trajetória de vida, consideramos fundamental a metodologia proposta por Pierre Bourdieu. Não foi a intenção fazer uma biografia de G.K.. Nesse sentido, a primeira leitura realizada de Bourdieu foi o livro “Esboço de autoanálise”, que permitiu visualizarmos de que maneira poderíamos trabalhar com a trajetória de um sujeito sem torná-la uma narrativa sem sequências de fatos, isto é, uma história do indivíduo pelo indivíduo, sem uma problematização aprofundada.

Quando iniciamos o processo de análise das fontes nos deparamos com um problema que Bourdieu chamou atenção,

O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido da existência* narrada (e, parcialmente, de qualquer existência)²

Isso reverberou muito na pesquisa, no decorrer do processo da escrita, muitas vezes a pesquisadora acabava tomando o objeto como a única verdade, incorporando os sentidos que a fonte transmitia, sem problematizá-los, apenas apresentando. Bourdieu também apontou que,

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.³

Ao analisarmos a trajetória de G.K. nos deparamos com estudo de campo. Indicamos que isso esteve ligado a perspectiva de Bourdieu sobre a análise de campo. G.K. foi pastor e deputado estadual, diante disso, foi necessário analisar como ele se fez dentro e contra o seu campo, sem romper as relações. A partir das incorporações das leituras de Bourdieu, definimos o campo como possíveis divisões sociais funcionando na ordem social, em que estão inseridos dentro da estrutura estruturada e estruturante.

² BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica.” Em: FERREIRA, M.M. & AMADO, J. (coord.) Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.P:184.

³ Idem².

Cada campo possui suas características próprias. Frente a isso, o universo de simbologias constrói seus objetos e conhecimentos. Essas simbologias estão em diálogo com a língua, o mito, ciência, entre outros. Sendo assim, cada um é atravessado por um universo particular de simbologias de objetos e conhecimentos. Neste sentido o campo religioso e o político dialogam com essas simbologias variadas, construindo costumes e práticas possíveis de serem permeadas, uma em relação às outras.

Frente a isso, nos deparamos com um desafio, ele esteve ligado com analisar os conflitos agrários na região Oeste do Paraná, durante as décadas de 1970 a 1980, partindo da trajetória de um sujeito que inicialmente era pastor e posteriormente se elegeu deputado estadual pelo do MDB, partido que era oposição ao governo ditatorial.

Em relação às fontes, indicamos que em cada capítulo dessa dissertação buscamos detalhar uma fonte. Desta maneira, nessa introdução geral, focamos apenas em apresentar alguns autores para indicar como trabalhamos com determinadas fontes.

A principal fonte utilizada nessa dissertação foram os relatos colhidos de G.K e sua esposa Gloria Kirinus. A fonte oral nos permitiu ver como os sujeitos construíram uma memória daquele processo que viveram. Portelli contribuiu para vermos essas relações quando nos apontou os cuidados que devemos ter ao trabalharmos com fontes orais. De acordo com ele,

Desta forma, requerem instrumentos interpretativos diferentes e específicos. Mas a depreciação e a supervalorização das fontes orais terminam por cancelar as qualidades específicas, tomando estas fontes ou meros suportes para fontes tradicionais escritas, ou cura ilusória para todas as doenças.⁴

Isso nos indica alguns elementos presentes na história oral. Como exemplos, citamos os cuidados que devemos ter ao utilizar a fonte oral. Diante disso, foi construído um questionário que contava com aproximadamente cinquenta e duas questões. Essas questões tinham como objetivo conhecer G.K, mas o que chamou

⁴ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História, São Paulo, Educ., n. 14, p. 25-39, fev.1997. p.26

muito a atenção nessa entrevista foi a importância que ele deu à sua mãe. Diante disso, o primeiro capítulo demonstrou um pouco disso, mas de forma a compreender que a imagem que ele transmitiu foi uma memória construída ao longo de sua trajetória e que ganhou sentido no presente, com relação ao seu passado.

Neste mesmo sentido de construção de memória, uma fonte que analisamos foram crônicas produzidas por G.K. sobre ele mesmo. Ele disponibilizou essas crônicas à pós-graduanda, sendo que elas ainda não foram publicadas. Essas crônicas que foram disponibilizadas, narravam sobre a infância de G.K., a relação com a sua mãe e padrinho, seu período escolar, a entrada no seminário, à participação em movimentos por direitos humanos, a saída para o exílio e sobre a sua campanha eleitoral no Paraná. Apresentamos esses temas, porque não conseguiríamos separar as histórias, pois elas dialogavam entre si. O que conseguimos observar nessas produções de memória, é que ao mesmo tempo em que tentou apresentar determinados momentos da sua vida, o principal objetivo foi de construir uma história sobre si, e tomando base pela memória familiar.

Também utilizamos o jornal Nosso Tempo para demonstrar o Movimento Justiça e Terra, dos expropriados pela Itaipu. Esse jornal era produzido na cidade de Foz do Iguaçu e utilizamos esse periódico porque não poderíamos nos basear apenas nas narrativas de G.K para compreender esse processo que foi descrito no último capítulo dessa dissertação.

O fundo Gernote Kirinus também foi utilizado. Foram realizadas coletas das diversas pastas que compõem o fundo como CACOF (referente às cartas), DOCJUD (documentos judiciais), CPT (Comissão Pastoral da Terra), MACAPE e DOPS. Os principais documentos retirados dele foram referentes à sua primeira campanha política para deputado estadual. Na introdução do segundo capítulo abordamos melhor as informações desse fundo.

Outra fonte que ele disponibilizou foi um livro produzido pela Editora Beija Flor sobre a sua atuação na Assembleia Legislativa. Nesse livro encontramos alguns dos seus pronunciamentos do seu primeiro ano de mandato como deputado estadual pelo Paraná. Além dos pronunciamentos, esse livro também contava com documentações dos trabalhos realizados em comissões e como a imprensa divulgava o trabalho de G.K. O livro não possui uma ficha catalogada completa, carece de detalhes, como por exemplo a data que foi publicado o que indica que foi uma publicação artesanal.

Os sermões que foram produzidos por G.K. durante seu período de atuação como pastor na comunidade da IECLB em Entre Rios do Oeste, também foram disponibilizados à pós-graduanda. Foram entregues aproximadamente cinquenta sermões. Neles, G.K. sempre buscou relacionar os problemas sociais que estavam vivendo com os textos bíblicos.

Para finalizar, indicamos que usamos também a documentação do DOPS/PR. Várias pastas referentes à região Oeste do Paraná foram vistas. Entretanto, selecionamos apenas um documento referente à violência pela extorsão contra um expropriado pela Itaipu.

Essa dissertação tem três capítulos. Todos os capítulos contam com subtítulos, separando os assuntos por tópicos. No primeiro capítulo, a intenção foi apresentar a vida de G.K desde a sua infância até ida para o Peru. Indicamos que para a realização dessa pesquisa buscamos dialogar com o autor Pierre Bourdieu, entretanto em alguns momentos o primeiro capítulo acabou esbarrando em contar a história de G.K, porque isso era necessário para entendermos os motivos que o levaram a atuar na região Oeste paranaense de determinadas maneiras.

O segundo capítulo tratou de apresentar a chegada de G.K. no Paraná e a sua candidatura como deputado estadual. Ele chegou ao Paraná no início de 1975 para atuar como pastor na comunidade de Entre Rios do Oeste. Entretanto, em 1976 começou a fazer parte da Comissão Pastoral da Terra (CPT), atuando como pastor por meio período. Em 1978, se candidatou a deputado estadual pelo MDB no Paraná, sendo eleito.

Durante esse período, mudanças estavam acontecendo na região Oeste do Paraná. Uma dessas foi a construção da Usina Hidrelétrica da Itaipu Binacional. Sua construção expropriou diversos sujeitos, muitos não receberam as indenizações pelas terras alagadas, outros tiveram um pagamento abaixo da tabela. Sendo assim, os expropriados juntamente com a CPT, sindicatos e alguns membros da igreja católica e luterana criaram o Movimento Justiça e Terra (MJT). Frente a esse contexto, o terceiro capítulo buscou analisar o MJT partindo da atuação de G.K. frente ao movimento.

CAPITULO I

Gernote Kirinus: Uma breve apresentação

1.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar a formação religiosa e política de Kirinus. Diante disso, o texto foi dividido em cinco partes, nas quais foram tratados temas relativos à sua formação familiar, religiosa, escolar, política e teológica. Para realizar esta proposta analisamos uma entrevista realizada em janeiro de 2017⁵, a qual teve cerca de cinco horas de duração. Para a realização foi elaborado um roteiro de questões, abarcando os diversos períodos da vida de G.K.

Estas questões estavam ligadas desde como foi a inserção dele no meio religioso; como ocorreu a vontade de se tornar pastor; como foi a sua inserção em movimentos considerados clandestinos pelo sistema ditatorial; qual motivo de ir morar no Peru; como foi a volta para o Brasil; atuação na região Oeste do Paraná enquanto pastor; oportunidade de se candidatar deputado estadual e se eleger por três vezes. O roteiro esteve embasado em grande medida por esses eixos, os quais eram aprofundados de acordo com o que ele narrava.

À medida que a escrita do primeiro capítulo foi desenvolvida, outras dúvidas surgiram. Diante disso, sempre mantive o contato com G.K. por e-mail. Ele sempre dispôs do seu tempo para responder as questões que enviava. Essas perguntas em grande medida eram desmembramentos das questões feitas na entrevista e que no momento da gravação não foram percebidos certos elementos, mas que apareceram na hora da escrita da pesquisa.

Outra fonte selecionada para compor este capítulo é uma crônica autobiográfica escrita pelo próprio G.K. O texto ainda está em construção, contudo ele disponibilizou uma cópia⁶. O conteúdo dessa fonte estava relacionado com ocorridos que marcaram a sua vida. Até o momento tivemos acesso a cinco histórias, estas relacionadas com a sua inserção em escolas religiosas na infância, participação nos movimentos em prol dos direitos humanos, perspectivas políticas da sua família e a decisão de se tornar pastor.

⁵ Entrevista cedida a Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

⁶ Essa cópia foi disponibilizada para a pós-graduanda.

O desenvolvimento deste capítulo se deu da seguinte forma: no primeiro subitem o objetivo foi produzir uma apresentação geral da família de G.K., isto é, como era sua vida familiar, os valores nos quais diz ter sido formado, sua relação com os pais e irmãos e parentes próximos. Tanto na entrevista como nos textos que ele produziu sobre si, este é um assunto recorrente e, sempre que é perguntado sobre sua trajetória religiosa e política, não deixa de mencionar experiências vividas neste momento de sua vida.

No tópico seguinte, o foco da análise foram os primeiros contatos de G.K com a vida religiosa, sua introdução na Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB), seu batismo, as impressões e lembranças que guardou destes momentos e o quanto elas atravessaram sua trajetória posterior.

Os dois últimos subitens buscaram apresentar como ocorreu a sua inserção no seminário e de que maneira essa mudança foi responsável por apresentar-lhe o universo da militância política. É neste momento que ele passa a ter contato maior com movimentos sociais que não deixavam de ter algum tipo de ligação com a igreja da qual participava, mas que se fundamentava em outros princípios que não só os religiosos.

Desta forma, um conjunto de possibilidades foram apresentadas a G.K. Neste momento de sua vida, as quais vieram acompanhadas de novos amigos, relações e desafios. Assim, como nos ensinou Bourdieu ao tratar de temas referentes à constituição, conversão e reconversão de “capitais”, é possível afirmar que neste momento de sua vida, G.K ampliou o leque de suas relações sociais (capital social) e isto é decorrência de sua formação escolar e religiosa (capital cultural), sendo que ao longo de sua trajetória e de diferentes formas utilizou estes capitais para ampliar e garantir a sua inserção no universo da política oficial e também produzir, por meio da conversão e reconversão de capitais, outros capitais (econômico, por exemplo).

A intenção foi de compreender de que maneira G.K, passou a dialogar com os campos em que ele esteve inserido. O processo apresentado nesse primeiro capítulo mostrou como que aos poucos ele foi lidando com as fronteiras entre os campos. À medida que ele fez as suas escolhas, que inicialmente não eram comuns ao seu campo de origem, mas acabou sendo levado a ter que realizar certas rupturas e negociações com o campo religioso. Ressaltamos que quando analisamos os campos e os denominamos, não estamos indicando separações, pelo contrário, indicamos

embasados em Pierre Bourdieu que mesmo com divergências, os campos estão em constante diálogo.

1.2 A VIDA FAMILIAR

Gernote Gilberto Kirinus nasceu no dia 15 de setembro de 1948, natural de Carazinho, Rio Grande do Sul. Entretanto viveu na cidade de Não Me Toque durante sua infância e adolescência. Filho de Edith Kirinus e Helmuth Kirinus. Seus pais eram descendentes de alemães. G.K possuía mais quatro irmãos, dentre eles três irmãs e um irmão (Lilian, Orlando (irmão já falecido) Schirlei e Mirna) .

A estrutura cultural da maioria das famílias de descendentes de alemães estava baseada na língua. No caso da família de G.K, isso não era diferente. Além disso, compreendemos que a organização social que havia nas comunidades de descendentes de alemães (igrejas, clubes, escolas, etc.), contribuía para essa concreção linguística⁷. Até os sete anos de idade, G.K. tinha como a principal língua a alemã, mas isso acabou mudando a partir do momento que ele se inseriu nos internatos religiosos e a sua mãe aprende a ler e escrever em português, por se tornar comerciante.

Em relação à origem familiar de Kirinus, os dados que temos é que seu bisavô veio da Alemanha no século XIX, este período foi marcado no Brasil em grande medida pelo incentivo à imigração. O Estado brasileiro no século XIX, visou a colonização das áreas consideradas “vazios demográficos⁸”, destinando assim, esses locais para europeus.

Seus bisavôs, tanto materno quanto paterno, vieram para o Brasil com a intenção de colonizar uma nova área. G.K não teve contato pessoal com seus bisavôs, entretanto as histórias sobre eles marcaram a sua trajetória, porque indicou de que maneira a sua família foi formada.

De acordo com ele, seu bisavô paterno possuía conhecimentos de marcenaria e carpintaria. Além dessa atividade, também se dedicava ao comércio como carroceiro. Levava os produtos do interior (da colônia) de Agudo para os centros

⁷ Spinassé, Karen, P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes alóctones minoritários no Sul do Brasil. Revista Contingentia, 2006.

⁸ Para compreender melhor este conceito veja: MOTA, L. T. As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: Eduem, 2009. p.25.

comerciais da cidade de Santo Ângelo. Chegando nesses centros urbanos, na volta trazia produtos industrializados', como ferramentas, pregos, tecidos entre outros.

Em uma das suas viagens, acabou se envolvendo em um acidente de carroça, que o levou a morte. Seu bisavô deixou de forma trágica sua família, com oito filhos. Destes oito filhos, um era o avô de nosso entrevistado, Gottfried Kirinus, que seguiu a profissão de marceneiro. Ele recebeu um convite para montar uma serraria no planalto rio-grandense no município de Carazinho, em uma vasta área de araucária. O ramo econômico que fez o avô dele prosperar foi a área industrial madeireira.

Seu avô materno, da família Roese, também possuía atividades no setor madeireiro. Iniciou seus afazeres nesse ramo, construindo serrarias para madeiras. Com o passar do tempo, conseguiu comprar uma fazenda inserindo-se na produção de trigo e criação de ovelhas. A mãe de G.K, dona Edith, herdou a fazenda, posteriormente à morte de seus pais, em que passaram a produzir milho. Vemos que, mesmo tendo a exploração de madeira como primeira forma de renda, complementavam com as atividades agrícolas desenvolvidas na fazenda.

Seu pai herdou parte da indústria madeireira. Diante disso, resolveu comprar em Santo Antônio, distrito de Carazinho, um estabelecimento comercial. A organização do comércio era realizada da seguinte forma: sua mãe cuidava da parte gerencial e seu pai dos transportes de mercadoria. Com a venda do estabelecimento, seu pai começou a se dedicar mais para a agricultura. É importante frisar em relação a períodos cronológicos, que G.K informou que não conseguiu destacar datas ou anos. Entretanto, quando seu pai começou a se dedicar à agricultura e sua mãe ao comércio, G.K era uma criança, indicando caminhos para um período cronológico na década de 1950.

Nessa situação, sua mãe se dedicou a trabalhar como doméstica. Posteriormente, dona Edith voltou a se dedicar ao comércio, vendendo tecidos. As mudanças que estavam acontecendo no meio rural, durante as décadas de 1950 a 1980, como os projetos de industrialização e urbanização pelo se intensificaram e também afetou na venda de tecidos, devido a esses processos de transformações. Diante disso, a mãe dele mudou a mercadoria do seu comércio, dedicando-se a venda de roupas e não mais de tecidos. Entretanto, isso foi por um breve período, pois com cinquenta e seis anos, Edith faleceu vítima de câncer.

Ao analisarmos o modo como G.K produziu narrativas e interpretações sobre si e sobre sua trajetória, um tema recorrente em suas falas e nos textos que produziu é o da importância de sua mãe em termos de sua formação. Exemplo disso pode ser encontrado na crônica ainda inacabada em que narrou alguns dos acontecimentos que marcaram sua vida. Ao tratar de sua infância, relatou a influência de sua mãe em relação à sua formação religiosa e política. Chamou a atenção, neste sentido, a memória que construiu de agosto de 1954, quando percebe certa tristeza em sua mãe devido ao suicídio de Getúlio Vargas:

Apesar da minha pouca idade minha mãe resolveu explicar o motivo de sua tristeza e me relatou sobre o suicídio e morte de um grande governante. Nos detalhes do relato, tentou me explicar os motivos que levaram Getúlio ao suicídio. Muitos anos depois ao reler a carta testamento de Getúlio Vargas compreendi melhor o que minha mãe me explicava. O que mais me surpreendeu, no entanto, foi constatar a consciência política dela sensibilizada pela consciência pátria e nacionalista. Ela que tinha pouca oportunidade de estudo, fez parte do primário numa escola da comunidade de imigrantes alemães que foi fechada a mando do próprio Getúlio na perseguição aos alemães durante a segunda guerra mundial. Ela sabia, no entanto, que a atitude de Getúlio a quem idolatrava era por conta da pressão norte-americana.⁹

Esse relato de G.K como já foi mencionado na introdução do capítulo, está inacabado. Nele, foram atribuídos à sua mãe, justificativas de construções de comportamentos dele, como seus posicionamentos críticos políticos posteriores. O que queremos mostrar, como a memória é uma prática e construção que dialoga com as relações políticas, culturais, econômicas, sociais e psíquicas do indivíduo, é que G.K construiu uma memória seis décadas depois, para indicar que suas escolhas políticas resultaram das referências de sua mãe.

A leitura que ele tem sobre o período é de uma pressão norte americana sobre o país. Segundo Boito, com a crise do populismo uma parte da burguesia lutava pela industrialização brasileira. Com uma burguesia exportadora ligada ao capital norte

⁹ Crônica cedida a pós-graduanda Fabiana Chaparini.

americano, ocorreu a oposição à política econômica industrial, que já vinha tomando força desde os anos de 1930¹⁰.

Essa compreensão sobre o contexto nacional do país perpassou por quase todas as falas de G.K, quando tratou de caracterizar seus posicionamentos frente a uma política, ele rememorou na sua crônica em 2017, que em 1962 lembrou o episódio da morte do presidente Getúlio Vargas que aconteceu em 1954. Com quatorze anos questionou sua mãe sobre o suicídio de Vargas. Essa indagação se deu pelo contexto nacional que estava ocorrendo no Brasil, com a Campanha da Legalidade em 1961 que foi um movimento liderado principalmente pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, em prol da posse de João Goulart como presidente do Brasil. De acordo com Kirinus,

E depois em 62.... Também foi ela que dava verdadeiras aulas atrás do balcão do armazém de secos e molhados que ela dirigia no interior, para colonos que vinham lá e queriam saber sobre as notícias do movimento, da legalidade, da resistência, da legalidade do governador Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, para evitar o golpe que queria impedir o golpe e ascensão de João Goulart na vice-governadoria, com a renúncia do Jânio Quadros. Lá explicava o que significava o movimento da legalidade e ela fazia assim, como uma consciência política surpreendente. Eu acho que é dali que eu tenho a herança da veia política, tanto religiosa, como política. E aí misturei as duas coisas e deu no que deu.¹¹

A fonte acima está relatando outro período da história brasileira, o da Campanha da Legalidade. A campanha se iniciou em 1961, quando Jânio Quadros renunciou seu cargo de presidente e seu vice João Goulart assumiu o governo. Entretanto foi um período conturbado, a qual Goulart não era bem visto por alguns setores da sociedade,(exemplo os militares) para assumir o cargo. Frente a esse acontecimento, foi realizada uma movimentação pela posse de João Goulart, conhecida como a Campanha da Legalidade¹².

¹⁰ BOITO, Armando Júnior. O golpe de 1954: A burguesia contra o populismo; Ed: Brasiliense, 1982; P:116.

¹¹Entrevista cedida a Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

¹² QUADROS, Claudemir. Brizoletas: A ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963). TEIAS: Rio de Janeiro, ano 2, nº 3, jan/jun 2001.

Neste mesmo sentido, G.K apresentou um momento histórico brasileiro que ele vivenciou jovem, a partir da experiência da sua mãe. Ele relatou sobre a Campanha da Legalidade, em que partindo do seu presente e dos resquícios de uma memória sobre a sua mãe buscou explicar e fundamentar seus posicionamentos. Quando indicamos isso, é por compreender que ele evidenciou que isso foi possível pela posição social dela dentro do mercado de trabalho.

Sua mãe trabalhava em um armazém como atendente de balcão, e sempre esteve em contato com diversos sujeitos, o qual mantinha diálogos diversos, inclusive sobre o processo da Campanha da Legalidade. Isso nos faz perceber que a figura da mãe dele teve uma determinada atuação frente ao processo da campanha, porém, é necessário ressaltarmos que G.K construiu uma memória da mãe dele e para ele sobre esse acontecimento.

Algo que chama a atenção e que perpetuou nesse primeiro capítulo, foi a importância que G.K deu à sua mãe. A fala de G.K sempre esteve vinculada e direcionada a ela, ou quando mencionava sobre seu pai era apenas para indicar algo que estava em diálogo com a mesma.

1.3 A FORMAÇÃO RELIGIOSA

Desde o seu nascimento, G.K foi inserido no campo religioso. Segundo G.K, todos da família Kirinus eram de origem luterana. Seus pais, logo após seu nascimento, o batizaram na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). De acordo com a própria apresentação da IECLB,

A base doutrinária da IECLB é estabelecida pelos credos da igreja antiga, pela Confissão de Augsburgo e pelo Catecismo Menor de Martin Lutero.

A base da fé e a base doutrinária da Igreja Luterana podem ser resumidas em quatro princípios: Somente Cristo. Somente a Fé, Somente a Graça e Somente a Escritura. Esses princípios são considerados os pilares da Reforma Protestante¹³.

¹³ Quem é a IECLB, P;1, retirado em <http://www.luteranos.com.br/textos/missao-formacao-educacao-crista/quem-e-a-ieclb-2>. Acessado em 04/01/2017. Este site é da própria igreja.

Seu batizado ocorreu no dia dois de janeiro de 1949, em Arroio Bonito. O distrito de Arroio Bonito pertencia ao município de Carazinho. Além do batizado, Kirinus passou pela primeira eucaristia. Não tivemos acesso à data da sua primeira comunhão, pois G.K não encontrou seu certificado da primeira eucaristia, entretanto ele indicou que muito provavelmente este episódio ocorreu no ano de 1960.

A confirmação, segundo a interpretação da IECLB, representou a transformação e o amadurecimento da infância para a adolescência. Sua primeira eucaristia aconteceu na cidade de Não Me Toque. Antes de fazer a primeira eucaristia, G.K precisou passar pelo ensino confirmatório, realizado na cidade de Passo Fundo. Esse ensino confirmatório mencionado é conhecido no meio católico como catequese. Ele consistia em um processo de capacitar as crianças a aprofundar seus conhecimentos sobre o cristianismo, no caso luterano durando cerca de dois anos. A inserção das crianças nessa iniciação bíblica se dá por volta dos dez anos de idade, sendo que com doze anos eles já estão aptos a se confirmarem e iniciar a sua participação no ritual da santa ceia.

A comunidade evangélica que a família de G.K frequentava era conhecida como Comunidade Evangélica Luterana ou Sinodal. Ela estava localizada na vila de Santo Antônio, distrito de Carazinho. Nessa vila seus pais estabeleceram uma casa comercial, como já foi descrito no item anterior.

Quando questionado sobre o número de membros que havia na igreja, G.K não soube informar. Além disso, também não soube dizer se naquela vila havia outra igreja. Entretanto, mencionou que em uma vila mais próxima, chamada de Rincão Doce, existia uma comunidade católica, composta principalmente por descendentes de italianos. Ao contrário de Santo Antônio, vila que ele habitava, e que era composta por descendentes de alemães.

G.K descreveu características das duas comunidades religiosas citadas anteriormente. Inicialmente ele caracterizou a comunidade luterana sendo modesta, com uma escola ao lado e um salão de baile grande, com uma pista de bolão anexa. Já a comunidade católica, possuía uma igreja grande, ao lado um salão de festas com uma cancha de bocha.

O diálogo entre as duas comunidades era realizado de forma solidária. Quando as comunidades realizavam alguma confraternização, ambas se ajudavam. Pelo lado da paróquia católica, o comerciante Girardello e pelo lado luterano o pai de G.K.

Ambos lotavam caminhões e levavam a população nas festas da comunidade. Essa história contada por ele nos permitiu visualizar uma rede de relações que ultrapassou a convivência com pessoas do meio luterano.

Essas práticas realizadas entre as comunidades no interior eram muito comuns. Entretanto, para G.K elas acabaram ganhando determinados sentidos, sendo incorporados por ele. Esses sentidos eram os mais variados possíveis. As festas para G.K, representaram a construção de laços de solidariedades entre as comunidades. Apesar de ambas as igrejas serem diferentes, elas estavam dentro de uma mesma conjuntura. Vemos aqui, como o laço familiar de G.K sempre esteve em torno da religião. Além de incluírem seus filhos em escolas evangélicas, também participavam de festas de comunidades religiosas, estas que tinham por objetivo principal celebrar determinado acontecimento da igreja.

A partir das falas de G.K, compreendemos que a sua formação religiosa esteve sempre em diálogo com a sua formação educacional. Desde seus oito anos já frequentava internatos religiosos luteranos, em diversas localidades. Segundo seus relatos, foi no internato de Passo Fundo que ele começou a frequentar por volta de seus dez anos de idade, após passar pela primeira eucaristia, que o lado sacerdotal foi despertado, por conhecer o pastor Germano Burguer. Diante deste despertar para se dedicar à vida pastoral, G.K comentou com a sua mãe sobre seu desejo de se tornar pastor.

E uma vez quando eu cheguei em casa e falei pra minha mãe de que eu desejava talvez fazer teologia diz ela que no coração dela, sentiu vontade de me colocar em um colégio em que eu pudesse fazer a faculdade de teologia.¹⁴

Mesmo G.K apresentando que os posicionamentos que construiu tiveram grande influência da sua mãe, é necessário lembrarmos que isso foi resultado da sua memória no século XXI. Se observarmos o contexto religioso do período que G.K relatou, o ecumenismo estava entrando em cena, abrindo caminhos para a realização de diálogos entre protestantes e católicos¹⁵. Referenciar isso é por lembrarmos que não foi apenas a mãe de G.K que o influenciou politicamente como ele indica, mas

¹⁴Entrevista cedida a Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

¹⁵ Zózimo Trabuco, em sua tese investiga as relações do protestantismo com outros setores como partidos, movimentos de esquerda durante o período da ditadura militar brasileira, abertura política e a transição democrática brasileira.

sim as relações sociais em que ele esteve inserido desde criança. Essa abertura religiosa, no caso de G.K indicou caminhos a ele, mesmo de forma inconsciente, mas que moldaram a personalidade e características dele, enquanto um sujeito que inserido dentro do campo religioso, em que determinando momento, passou a atuar fora dele, mas sem se desvincular do próprio. Frente a isso, o próximo subitem, busca analisar de que maneira ocorreu a formação educacional, sempre visando relacionar essas relações na trajetória dele.

1.4 A FORMAÇÃO ESCOLAR

Desde cedo, G.K frequentou colégios religiosos. Na grande maioria esses colégios eram internatos. As igrejas evangélicas tinham essa preocupação em relação ao ensino religioso. De acordo com ele, a educação apresentada era mais conservadora. Porém foi a partir dessas experiências nos colégios religiosos, que deram o teor da sua formação educacional cristã. Inicialmente, com sete anos de idade, ele estudava em uma escola mantida pela Igreja, entretanto precisou sair, pois era comum a falta de professores.

Devido a escola que G.K frequentava passar constantemente por problemas, ele e seus irmãos precisaram mudar de internato. Sob essa circunstância, eles foram destinados a estudar no internato Sete de Setembro, por volta dos seus oito anos, na cidade de Não Me Toque.

Dois anos atrás (2016), ele começou a escrever crônicas relacionadas aos eventos de sua trajetória de vida. A citação a seguir é uma introdução que ele fez na crônica para contar sobre a sua fuga do colégio. Esse foi um episódio marcante em sua vida. A história ocorreu na cidade de Não Me Toque, na Escola Evangélica Sete de Setembro. Esse internato ficava distante da sua casa aproximadamente 30 quilômetros. O motivo dessa fuga foi pela desavença entre G.K e o diretor da escola.

A forma descrita aparentou que ele G.K narrando quando ainda era criança. O problema disso é que uma criança de oito anos não tem tal consciência, como ele descreveu na citação a seguir a partir de uma parábola, e que armações dessa faixa etária são muito comuns. É complicado indicarmos que G.K aos oito anos tivesse tal posicionamento e conhecimento sobre seu contexto como será demonstrado.

Eis porém que fostes chamado para ser livre.

Quando Moisés se dirigiu ao Faraó para pedir a liberdade para ir ao deserto adorar ao Deus de Israel (dos escravos), Faraó desconfiou e negou o pedido. Moisés insistiu dizendo que Deus exigia a liberdade do seu povo. Rebelar-se contra qualquer tipo de escravidão ou dominação transforma a rebeldia numa vocação divina¹⁶.

A narrativa dele em relação ao conceito de rebeldia esteve em torno do alvoroço causado, de acordo com ele, com o diretor Schullerer, por conta da disciplina rígida que difundia, acabou afetando a liberdade de G.K¹⁷. Como forma de protesto, disse ao diretor que iria fugir da escola. Não acreditando nessa atitude do menino que tinha apenas oito anos, o diretor o desafiou. O desafio era o seguinte: G.K teria que ir para a casa dos pais a pé. Seus pais naquele momento viviam no distrito de Santo Antônio, pertencente ao município de Carazinho-RS. O trajeto esteve marcado por encontros com pessoas conhecidas, que lhe deram carona. Chegando em casa, sua mãe se assustou com a sua presença e de forma atenta ouviu a história. Seu pai não gostou da situação, mas sua mãe o convenceu para conversar com G.K pela manhã.

Ao narrar, G.K inseriu elementos, os quais para uma criança de oito anos não eram comuns. A fuga descrita por ele esteve em diálogo com o que narrou na sua crônica como sendo rebeldia, ou seja, é como se soubesse o que isso representa. Porém, essa foi uma construção dele depois de cinquenta anos do ocorrido, em que ele já havia tido outras experiências que o levaram a conhecer e entender determinados conceitos.

O menino não queria voltar para aquele internato. Frente a esse acontecimento, ele já havia planejado que iria conversar com seu pai, para ver se havia outra saída para esse assunto. A saída planejada pela criança de oito anos era estudar na escola rural que havia na localidade onde seus pais moravam. Essa escola rural havia sido inaugurada pelo governo estadual do Rio Grande do Sul. Naquele momento o governador do Estado era Leonel Brizola. Durante o seu mandato de 1959 a 1963, o governo de Leonel Brizola, havia inaugurado algumas escolas rurais¹⁸. Com esse contexto, G.K queria frequentar a escola rural que estava localizada em Santo

¹⁶ Crônica escrita por Gernote Kirinus e entregue a discente Fabiana Chaparini. Essa crônica ainda não foi publicada.

¹⁷ Sobre a liberdade que Gernote Kirinus expressa em seus escritos é sobre o conceito em geral, indagado sobre, fez apenas uma relação de liberdade e disciplina que o diretor regia no internato.

¹⁸ QUADROS, Claudemir. Brizoletas: A ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963). TEIAS: Rio de Janeiro, ano 2, nº 3, jan/jun 2001.

Antônio. Novamente aqui, a forma da narração esteve em diálogo com o que ele se lembra de resquícios sobre e que construiu já na sua fase adulta.

Seu pai não concordou com isso com o argumento de que não acreditava na estabilidade da escola. Frente a isso, para seu pai, a melhor opção era de continuar a estudar em um internato luterano. G.K., conhecia um professor que atuava na escola rural de Santo Antônio, seu nome era Zulmiro Monaretto. Desta forma, ele procurou o professor para que conversasse com seus pais, convencendo-os a frequentar aquela escola e ficar morando em casa. Isso não funcionou. Diante disso, seu padrinho que anteriormente veio na madrugada da fuga conversar com seus pais, propôs que ele continuasse na escola Sete de Setembro como aluno externo em Não Me Toque, porém morando na sua casa.

Analisar essa história apresentada por G.K permitiu-nos problematizar as relações do passado que ele construiu no presente. Buscamos apresentar conforme ele escreveu em sua biografia, para destacar como a sua narrativa foi ao encontro com o que Bourdieu apresentou sobre análise autobiográfica ou biografia. De acordo com ele,

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo.¹⁹

A crônica produzida por G.K nos mostrou o duplo sentido que Bourdieu chamou a atenção sobre construir uma narrativa sobre si. G.K buscou demonstrar, ressaltar e criar uma história dentro de uma temporalização que desse sentido ao episódio da sua fuga com a sua parábola produzida na crônica. Nesse mesmo sentido, ao tratar do seu padrinho, G.K buscou apresentar da mesma forma a sua relação com ele.

A figura do padrinho na vida de G.K é importante para compreendermos parte da sua trajetória. Seu padrinho se chamava Alfredo Dannenhauer e era casado com Zelmira Freitag Dannenhauer. Eram parentes por parte da avó paterna de G.K, Alfredo

¹⁹ BOURDIEU, P. "A ilusão biográfica." Em: FERREIRA, M.M. & AMADO, J. (coord.) Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.P:184

era ferreiro e como já mencionado morava próximo à escola Sete de Setembro, a qual foi relatada a fuga.

Seu padrinho tinha uma certa simpatia pelos políticos Leonel Brizola e Getúlio Vargas. Sempre foi muito envolvido com a política, porém nunca chegou a se candidatar a algum cargo político. Entretanto, foi cabo eleitoral do PTB, partido de Brizola. Esse sentimento estava, segundo relatos de G.K., exposto na parede de sua casa, em uma parte nobre da casa, com dois quadros: um do governador do Rio Grande do Sul, e o outro de Vargas. G.K chamou a atenção para os quadros dos políticos na parede, como se isso fosse uma exceção, porém essa prática na época era muito comum.

De acordo com G.K, toda sexta-feira à noite, a família de seu padrinho, por volta das 19 horas, se reunia em torno do rádio para ouvir o programa do Brizola. O programa era transmitido pela rádio Farroupilha de Porto Alegre. Em cima de uma caixa sempre havia dois fogos de artifício. Antes de iniciar o pronunciamento, seu padrinho soltava um fogo de artifício. Quando terminava a fala de Brizola, seu padrinho novamente soltava um foguete como forma de finalização do ritual.

Essa prática nos permitiu analisar de que maneira as incorporações das estruturas objetivas são resultantes das percepções do mundo social. Como os objetos são perceptíveis de maneiras diferenciadas. Isso nos instigou e indicou caminhos de compreensão sobre como foram construídos no passado e no presente. O ritual praticado pelo padrinho influenciou G.K a construir uma memória no presente em que ele visou dar significado que achou ser importante para justificar suas escolhas.

Após a volta dele para a escola Sete de Setembro, ficou apenas dois anos para terminar o curso primário. Posteriormente começou a estudar no Instituto Educacional, colégio evangélico de Passo Fundo, frequentado por seus primos e irmão. O processo para entrar nesse colégio e dar continuidade em seu estudo, no chamado ginásio, estava baseado na aprovação em um exame de admissão.

O resultado é que G.K começou a estudar no colégio, com seus primos e irmão. Já havia um grupo da família Kirinus na escola. Antes de ele entrar no colégio, seu irmão por ser o mais velho era o líder desse grupinho que era composto por mais dois primos. Como seu irmão já estava se tornando maior de idade e estava se formando, ele começou a trabalhar para ajudar no sustento da família e passou a morar em uma

pensão. Desta maneira, G.K passou a integrar o trio da família Kirinus no colégio metodista. Kirinão (seu primo mais velho) Kirinus (seu primo de idade intermediária) e Kirininhos (Gernote), assim era o trio da família Kirinus.

Sua fase escolar também foi marcada pela inserção no grupo de escoteiros. Ele descreve essa fase se caracterizando como um rebelde.

E eu sempre fui meio rebelde, tanto na juventude quanto no colégio, né. No colégio, por exemplo, eu comecei ali a ler o diário do Che Guevara, fundei e liderei um grupo de escoteiros. Até nós simulávamos nos nossos acampamentos, guerrilhas, e até recebemos a visita do comandante do RI de São Leopoldo, que nos visitou, porque o filho dele participou do movimento, do movimento de escoteiro onde estavam pregando a guerrilha, e aí eu fui que expulso do colégio, [Risos], do movimento, mas sempre tive essa inclinação revolucionária e isso eu devo muito também a minha mãe.²⁰

Nessa narrativa novamente G.K está dando determinados sentidos ao seu passado. Ao narrar sobre a sua rebeldia, ele incorporou um posicionamento que não foi construído no seu passado, até mesmo porque ele ainda não havia se deparado com um contexto que fosse fora do seu meio familiar e escolar, em que pudesse exercer tais práticas como descreve. Indicamos que ao dizermos isso, é por compreender que ele pode ter organizado um grupo de adolescentes, mas que o objetivo como ele narrou não foi construído no seu passado, ou seja, foram as suas vivências de jovem que possibilitaram ele construir posteriormente justificativas sobre suas origens em atuar como um militante social.

De acordo com G.K, o RI era o quartel do XIX regimento de infantaria do Exército Brasileiro, que tinha sede em São Leopoldo. A sua narrativa, nos apontou elementos da sua formação que foram além da sua formação religiosa. Ter participado de um movimento de escoteiros e ler Che Guevara, na década de 1960, demonstrava um posicionamento até certo ponto divergente ao que estava exposto na época. O cenário brasileiro na década de 1960 estava marcado pelo golpe dos militares, renúncia de presidente e ditadura civil militar.

Essa influência política de G.K, em grande medida foi resultado do convívio com a sua mãe e seu padrinho. O que muito instigou nessa narrativa é como ele

²⁰Entrevista cedida a Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

continuou atribuindo principalmente a sua mãe nas atitudes tomadas referentes ao que poderíamos considerar do campo político. Compreendemos que ele construiu uma imagem referente a sua mãe para justificar suas escolhas, sendo uma dessas a escolha em cursar Teologia.

Quando passou pela primeira eucaristia, por volta dos seus doze anos de idade, já estava nesse internato religioso na cidade de Passo Fundo. De forma bem ampla, compreendemos que a sua inserção nesse colégio evangélico se deu em virtude de suas iniciações bíblicas, ou seja, estudo da bíblia.

Para G.K poder cursar Teologia, primeiramente precisava cursar um segundo grau, conhecido como especial. Esse segundo grau especial, era o ensino pré-teológico, em que ensinavam as línguas alemã, grega, latina e hebraica. Inicialmente não havia vaga disponível, sendo assim, ele foi aconselhado a fazer o ginásio no colégio Evangélico de Panambi, em que também preparavam os alunos em classes especiais de latim e estudos bíblicos.

Com o ginásio concluído, ele poderia frequentar o segundo grau especial, o pré-teológico em São Leopoldo. Entretanto, novamente faltaram vagas. Sendo assim, passou a estudar no colégio Sinodal, também em São Leopoldo. O colégio ficava em frente a esse seminário que ele pretendia frequentar. Então, foi no colégio Sinodal, em São Leopoldo, fundado em 1886 por imigrantes e membros do luteranismo, que ele cursou o segundo grau especial.

Para finalizar, constatamos que a formação educacional de G.K, sempre ocorreu em colégios vinculados à igreja luterana, ou seja, de origem protestante. Além disso, em grande parte, sempre foi aluno interno. Isso foi resultado da opção de seus pais em prosseguir com a tradição religiosa luterana e dar aos seus filhos um ensino vinculado a conhecimentos bíblicos.

1.5 O INGRESSO NO SEMINÁRIO: NOVAS PERSPECTIVAS

Para começarmos, ressaltamos que algumas coisas já foram mencionadas nos subitens anteriores, entretanto iremos ressaltar novamente, pois eles estão em constate diálogo. Em 1968, G.K terminou o ensino médio especial, ingressando ao

seminário FACTEOL (Faculdade de Teologia) em 1969. O chamado seminário FACTEOL, é um dos seminários que membros da IECLB podem frequentar caso pretendem estudar Teologia para se tornarem pastores. Esse seminário até hoje está localizado em São Leopoldo no Rio Grande do Sul. A grade curricular do seminário FACTEOL, tinha como base os cursos de teologia da Alemanha.

O curso de Teologia era semestral e estava estruturado em três níveis, composto por três exames. Estes exames eram realizados no final de cada nível, consistindo em provas orais e escritas. Frente a isto, o primeiro nível consistia em quatro semestres letivos. Nele eram ministradas as disciplinas até a realização do exame intermediário. De acordo com Kirinus, após o exame intermediário o passo seguinte era fazer um estágio em uma paróquia, sob a supervisão de um pastor.

G.K²¹ afirmou que após cumprir esse primeiro nível, os estudantes regressavam para o seminário. O segundo nível era estruturado de forma parecida com o primeiro, porém nessa fase eram desenvolvidas escritas teológicas que se dirigiam ao primeiro exame teológico. Passada essa fase, o estudante já era considerado bacharel em Teologia. Desta maneira, para passar pelo segundo exame teológico, era necessário atuar em alguma paróquia como pastor, para posteriormente voltar e realizar a prova final, e então, ser ordenado como pastor da IECLB.

A decisão de G.K de ir para o seminário e se tornar pastor foi inspirada na convivência com o pastor Germano Burger. Esse pastor que o inspirou, até hoje é reconhecido na IECLB em que chegou a obter inclusive, uma matéria especial no site da IECLB, publicada em 06/12/2016 sobre a sua atuação na instituição²². Para a IECLB esse pastor teve uma grande importância, pois ele foi um dos precursores em levar a instituição para regiões que ainda estavam sendo colonizadas.

Nesta primeira parte da pesquisa, que envolveu o início da vida de G.K, vimos fortemente na fala dele a presença da sua mãe, já seu pai aparece poucas vezes, ao final das frases. Analisarmos esse silêncio também foi importante para compreendermos como que as relações familiares de G.K não perpassaram apenas pela sua mãe e padrinho que ele tanto menciona. A autora Josefina Cuesta nos auxilia para analisarmos essas relações em que,

²¹ Essas informações foram passadas pelo próprio Gernote Kirinus.

²² Retirado em <http://www.luteranos.com.br/textos/tributo-a-germano-burger> (site da própria IECLB). Acessado em 31 de julho de 2017.

Relaciones conflictivas entre presente y pasado, em las que éste no logra ser assimilado por aquél, y se produce una ruptura entre ambos – con el olvido -, o una yuxtaposición- con el recuerdo o com el silencio sin juicio-, o un acantonar- encerrado em um paréntesis...²³

A sua entrada no seminário de Teologia em 1969, permitiu que ele ampliasse seu espaço social. Dessa maneira, suas perspectivas começaram a se transformar. Essas inquietudes dele estiveram vinculadas aos novos círculos de amizades e contatos que ele fazia e que começam a direcioná-lo a outros caminhos. Neste momento, por conta da sua atuação social, novas leituras e experiências que veio adquirindo por participar de dois movimentos sociais²⁴.

A trajetória de G.K no seminário se diferenciou de grande parte dos seus colegas do curso de Teologia. Em grande medida, isso esteve relacionado com a sua participação em movimentos sociais. A sua inserção nesses grupos, ocorreu pelo contato que ele teve com o seminário católico. O seminário dos jesuítas, de origem católica, ficava no Morro Cristo Rei e o da IECLB estava no Morro do Espelho, ambos próximos e na cidade de São Leopoldo.

Em sua trajetória no Rio Grande do Sul, participou de dois movimentos em prol dos direitos humanos. Eram eles: Movimento Gaúcho de Educação de Base (MGEB) e outro que não havia nome específico, mas que tinha participação de Frei Betto. Em relação a esse segundo movimento, a obra de Frei Betto “Batismo de Sangue”, retratou seu envolvimento com a ALN e Marighela. Na obra encontramos como chegou ao Rio Grande do Sul e passou a liderar na região um movimento que tinha como objetivo ajudar perseguidos políticos a atravessarem a fronteira. A escolha de Frei Betto, de ir para o Rio Grande do Sul, esteve ligada à sua espera para iniciar o doutorado em Teologia na Alemanha e porque o Estado era fronteira do Uruguai.²⁵

No MGEB, de acordo com G.K quem participava, na sua maioria eram estudantes de Sociologia e os estudantes de Teologia de ambos os seminários já citados. Este movimento tinha como objetivo alfabetizar as pessoas carentes das

²³ CUESTA, Josefina. La odisea de la memoria. Historia de la memoria en España. Siglo XX. Madrid, Alianza, 2008.P: 18

²⁵ Essas informações foram baseadas em um artigo que apresentou as obras de Frei Betto. O artigo encontra-se disponível : http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427529027_ARQUIVO_OCarceredeFreiBetto.pdf

periferias de São Leopoldo e de Porto Alegre. A realização desse trabalho nessas cidades, se dava em virtude de serem próximas da roda de localização em que eles moravam. Além disso, quem ajudava o MGEB, era a Igreja Católica da grande Porto Alegre. A inserção de G.K nesse movimento ocorreu pela sua participação em grupos de estudo com estudantes de sociologia, em que discutiam leituras diversificadas acerca da sociedade, isso em 1969. A metodologia e bibliografia utilizada para serem realizados os trabalhos dentro do movimento baseavam-se na leitura de Paulo Freire. Entretanto, o grupo se deparava com a dificuldade de articular o debate com a prática.

Encontramos nele um caminho autêntico dentro da pregação que ele fazia do evangelho, então existe uma pergunta.... Como é que vocês faziam o trabalho com os agricultores, se o nível cultural é bem diferente? Então, Paulo Freire ensina exatamente isso, descer ao nível cultural deles e crescer junto com eles, através do diálogo.²⁶

O trabalho desenvolvido pelo MGEB nas periferias começou a ser reconhecido por outros círculos sociais que também lutavam em prol dos direitos humanos. Desta maneira, G.K conheceu Padre Chiquinho que também atuava em movimentos de base sociais, havendo contatos com entidades estrangeiras que desenvolviam atividades em torno do trabalho voluntário.

Desta maneira, o MGEB foi convidado para participar de um evento em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Esse evento ocorreu em 1969, patrocinado por uma entidade alemã, a IJGDE (Associação Internacional da Juventude Transoceânica da Alemanha). A IJGDE tinha como objetivo patrocinar os trabalhos voluntários na América Latina. O patrocínio destes trabalhos também contava com organizações de eventos.

Nestes encontros eram realizadas palestras sobre a conjuntura latino-americana, envolvendo a política e economia. O movimento Gaúcho de Educação de Base do Rio Grande do Sul foi representado pelo grupo de G.K Não temos muitas informações sobre a IJGDE, mesmo sendo feita uma busca pelos sítios eletrônicos e nada encontrado sobre. As únicas informações que temos são as que G.K passou-nos, que estão direcionadas com o que vem sendo contado. Uma informação

²⁶ Entrevista cedida para a pós-graduanda Fabiana Stahl Chaparini, sendo realizada na cidade de Curitiba, em janeiro de 2017.

importante sobre a Comunidade Internacional da Juventude Transoceânica, é que eles optavam por trazer pessoas da própria América Latina para orientar de forma ideológica e política os grupos que participavam de seus eventos. Frente a isto, o MGEB, ficou encarregado da parte pedagógica do evento. Dessa forma, utilizaram uma metodologia social, partindo dos conceitos de Paulo Freire, para repassar em formas de GT/ oficina para os participantes.

Esse evento proporcionou a G.K duas coisas. A primeira foi a participação em um evento no México, ministrando uma palestra. A segunda foi conhecer um homem, que ele designa como japonês – que reapareceu posteriormente na sua chegada ao Peru – e Gloria, que depois se tornou a sua esposa. Gloria era peruana e veio ao evento em Petrópolis, representando a Cruz Vermelha do Peru. Por algum tempo ficaram trocando correspondências²⁷.

G.K, também participou de outro movimento enquanto frequentava o seminário. O movimento não tinha um nome específico, diferentemente do MGEB. A sua inserção nele foi devido a aproximação com o seminário jesuítico Cristo Rei, hoje Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), localizado em São Leopoldo, em que realizavam reflexões acerca dos direitos humanos e tarefas chamadas como rede de solidariedade. Movimento liderado por Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo) e com o apoio de Carlos Marighella. Eles realizavam atividades diferentes do MGEB. Nele eram desenvolvidas a travessia da fronteira, ou seja, promoviam o transporte dos chamados subversivos para o Uruguai. G.K narra a travessia da seguinte maneira,

Nós os levávamos até a fronteira com o Uruguai, onde cruzávamos como Capuchinos, ou como seminaristas que iam iniciar a missão religiosa no Uruguai. E lá deixávamos os que precisavam partir para o exílio e voltávamos.²⁸

Inseridos nesse contexto de repressão ditatorial, era necessário ter codinomes. Diante disso, o codinome de G.K era “Taquara”, devido a sua estrutura física, alto e magro. Ter um codinome significava uma estratégia de segurança, frente aos problemas de repressão que eles encontravam por conta dos militares. Este período

²⁷ Sobre esse tema, o próximo item abará essas informações, aqui cabe apenas citar como Gernote e Gloria se conheceram.

²⁸ Entrevista cedida a Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

relatado por ele, do final de 1968 e início 1969, se tratava de um momento em que a repressão atuou fortemente. Com a implantação do AI-5 em 1968, foram vetados vários direitos individuais, intensificando a repressão. A utilização do codinome se dava por motivo de segurança, caso alguém fosse preso pela repressão, a entrega de seus companheiros seria mais complicada, pois caso chegassem a entregar alguém, seria pelo codinome.

Mesmo com essas estratégias, a morte de Marighella em 1969, fez com que a repressão caísse fortemente no Rio Grande do Sul sobre o Frei Betto. Em todo o Brasil, diversos dominicanos prestavam apoio aos militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Aliança Nacional Libertadora (ALN) entre outros grupos guerrilheiros, em que as atividades desenvolvidas eram as mais diversas possíveis. Frei Betto, tinha contato principalmente com Marighella da ALN, pois o conheceu, por intermédio do frade Dominicano Oswaldo Rezende.

Anteriormente, indicamos os motivos de Frei Betto escolher a região do Rio Grande do Sul para atuar, porém também vale ressaltar que além daqueles motivos, a sua escolha esteve ligada por seu primo João Batista Libânio ser professor no seminário Jesuíta Cristo Rei. Naquele momento, ainda Frei Betto não era conhecido na região o que ajudou quando organizou no estado uma rede de solidariedade aos perseguidos. Entretanto, no dia nove de novembro de 1969, Frei Betto foi cercado no seminário para ser preso. Conseguiu fugir por alguns dias, porém posteriormente foi preso pelo delegado Fleury.

No momento da prisão de Frei Betto, G.K e seus companheiros estavam voltando da fronteira. Ele ficou sabendo da notícia pelo jornal que havia no trem, enquanto eles estavam voltando para São Leopoldo. Diante dessa situação, resolveram que a melhor saída seria ir para outro lugar que não fosse o seminário. Essa decisão se deu pelo fato da prisão de Frei Betto, entre outros.

Resolveram ir para Florianópolis, em uma casa de retiro de jesuítas que era escondida em um morro, próxima a uma colônia de pescadores. Por um mês ficaram escondidos. Sem nenhuma notícia, resolveram voltar para o seminário. Quando chegaram a suas instituições, G.K relata que os olhares de seus colegas e superiores mais conservadores, era de reprovação, seguido de uma narrativa em tom de que ele e seus companheiros estavam colocando em risco todos que frequentavam o seminário. Com a sua volta ao seminário, G.K e seus colegas foram surpreendidos

com algumas visitas de sujeitos que também participavam de organizações do mesmo teor que Kirinus, em que atuavam na região Sudeste do Brasil, especificamente, São Paulo.

Porque junto com frei Beto foram presos outros também, e não só o frei Beto.... Então eles vão ver as informações que eles conseguem arrancar e vão chegar ao nome de vocês. E vocês vão ser presos e a gente não sabe o que vai acontecer.... Então é melhor já partir pra outra cidade...²⁹

A história acima estava relacionada com a prisão de Frei Betto e as consequências que isso trouxe. G.K estava se referindo aos indivíduos que participavam do mesmo movimento clandestino, mas em outras regiões do país. Ele não conhecia quem eram essas pessoas que propuseram duas saídas daquela situação: Guerrilha do Araguaia, em Tocantins, ou o exílio. A proposta da guerrilha não foi aceita por todos, sendo o caso de G.K que foi para o exílio.

As transformações no cenário mundial, sobretudo na década de 1960, como por exemplo na América, ditaduras instauradas na América Latina, fome, desemprego, entre outros eventos, apontaram que eram necessários outros caminhos para conseguir mudanças. Desta forma, outras correntes religiosas começaram a surgir.

Frente a essa circunstância, alguns professores e grande parte de pastores e alunos eram contrários ao posicionamento de G.K. Essas discrepâncias estavam em torno das perspectivas teológicas anteriormente citadas que se diferenciavam das dele, visto que estavam ligadas mais ao pensamento das perspectivas citadas anteriormente, relacionadas a algo mais teológico, sem um teor materialista com o qual ele estava começando a ser adepto. Ele compartilhava de perspectivas com teor mais progressistas, como a Teologia da Libertação, esta que entrou em contato justamente nos encontros com outros colegas do seminário católico.

Diante disso, a Teologia da Libertação veio como forma de contribuir no cenário da América Latina. A Teologia da Libertação foi um movimento que se originou dentro da igreja católica, na década de 1960. Nesse período o catolicismo também era a religião cristã fortemente atuante na América Latina e a população latino-americana estava passando por sérios problemas sociais, vinculados à pobreza, fome e miséria.

²⁹ Entrevista de Gernote Kirinus cedida a Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

No caso brasileiro, dois elementos motivaram para que parte dos membros católicos se posicionassem frente a esses problemas: o golpe militar em 1964 e o Concílio Vaticano II. Conforme aponta Camilo,

Foi nesse contexto do aumento do envolvimento da Igreja Católica com a realidade de seus fiéis, no processo de agionamento em relação ao secular, com o agravamento das questões sociais na América Latina e o surgimento dos opressivos regimes militares na América Latina que se organizou dentro da Igreja Católica o movimento da Teologia da Libertação.³⁰

Apesar de ter sido criada dentro do seio católico, a Teologia da Libertação abrangiu um público misto, inclusive ligados ao protestantismo, como por exemplo, o caso de G.K. Ele narra que,

Porque a Teologia da Libertação não é que ela seja marxista, ou comunista, nós usamos o materialismo histórico como estudo de interpretação da sociedade capitalista. Pra entender a sociedade capitalista. E a nossa proposta é baseada na lei de Deus numa sociedade fraterna, e não tem nada que ver com o comunismo.³¹

O autor Zózimo Trabuco, em sua tese trabalhou com esse tema em que nos ajudou a vermos essa relação entre católicos e protestantes dentro desse contexto. De acordo com ele, dois aspectos foram importantes na inclusão dos protestantes nesse cenário: 1) as divergências internas que fragmentavam as esquerdas; e 2) a presença protestante num conjunto mais amplo de atividades de oposição à ditadura³².

Gernote Kirinus criou novas relações e novos contatos, por conta do seu envolvimento com pessoas vinculadas ao seminário católico, localizado no Morro Cristo Rei e de estudantes de sociologia, em que estes últimos contatos, chegaram por conta do seu trabalho dentro das periferias de Porto Alegre e São Leopoldo. Ao indicarmos isso, é por compreendermos que as mobilizações sociais inquietavam

³⁰ CAMILO, Rodrigo, A.L. A teologia da libertação no Brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade. II seminário de pesquisa da faculdade de Ciências Sociais. 2011.

³¹Entrevista cedida para a pós-graduanda Fabiana Stahl Chaparini, sendo realizada na cidade de Curitiba, em janeiro de 2017.

³² TRABUCO, Zózimo. “ À direita de Deus, à esquerda do povo” : Protestantismos, esquerdas e minorias em tempos de ditadura e democracia (1974-1994)/ Zózimo Trabuco. RJ ,2015.P:136.

tanto quanto as guerrilhas, ao governo militar. Diferentemente, as mobilizações não aparentavam perigo (como o governo apresentava formalmente) como as lutas armadas. Nesse sentido, as formas de impor a repressão nesses casos de mobilizações eram de acusar pessoas que se posicionavam contra a forma de governo, em que muitos eram adeptos a correntes teológicas mais progressistas, o que invariavelmente dirigia aos simpatizantes a uma imagem de serem comunistas, mesmo não sendo.

De acordo com a memória narrativa de G.K, mesmo com novas correntes teológicas surgindo, ainda era pequeno o número de estudantes e professores que aderiram a estas novas perspectivas. Diante disso, as novas abordagens ainda não eram bem vistas dentro do seminário que ele frequentava, criando assim, distinções entre ele e o grupo de seminaristas.

A medida que G.K foi tendo contato com outras pessoas e que conhece novas perspectivas de interpretação do mundo, inclusive sobre Deus, nos meios sociais que estava inserindo nos movimentos, um ligado à igreja e o outro de apoio aos perseguidos políticos, ele construiu sua própria visão de como entender determinados assuntos. Diante dessas relações entre diferentes círculos de amizade, desde católicos a estudantes de sociologia, G.K conheceu outras leituras, como a Teologia da Libertação, que começaram a caminhar na sua trajetória.

Outro ponto importante para compreendermos sua narrativa, é sobre o contexto sócio histórico em que ela estava inserida: a ditadura civil militar brasileira. Analisar a narrativa é sua fala é compreender que as ações de G.K estavam imbricadas dentro de uma construção social, resultante de um período que difundia o “Terror de Estado”. O TDE foi resultado da Lei de Segurança Nacional, criada em 1967, em grande medida esteve fundamentada na DSN³³. De acordo com Padrós,

A DSN apontou, da mesma forma, a existência de um “estado de guerra permanente” contra um (suposto) “inimigo interno”, que podia ser toda pessoa ou organização armada, política ou social de oposição aos interesses da ordem vigente. Embora a DSN e seus defensores proclamassem agir em defesa dos valores democráticos, consideravam, no fundo, que a democracia era uma fonte geradora de desordens por permitir a atuação dos setores desconformes com a

³³ Doutrina de Segurança Nacional.

ordem vigente, a qual devia ser defendida através de todos os meios disponíveis.³⁴

Frente a esse processo de repressão, qualquer pessoa que pudesse ser considerada suspeita de crime contra a nação, estava sujeita a ser presa. Ser considerado suspeito naquele momento variava desde crimes hediondos, até a posse de um livro que pudesse ser considerado pelo sistema repressivo como subversivo.

A aplicação das premissas da doutrina destruiu as bases da democracia representativa com o fechamento do Parlamento, o controle sobre o Poder Judiciário, a proibição do funcionamento dos partidos políticos, a imposição generalizada da censura, a violação sistemática dos direitos humanos e uma repressão brutal contra toda a oposição.³⁵

Ter acesso a essas leituras como Marx e Freire, no período ditatorial era muito difícil. Isso ocorria, porque o governo militar avaliava tais leituras como crimes contra o Estado, utilizando da sua força práticas abusivas de poder nesses sujeitos que incorporavam tais perspectivas abordadas nessas literaturas, considerando-os subversivos.

G.K, em alguns momentos se deparou com questionamentos sobre a fé. Isso implicou em demonstrarmos como as relações sociais insinuaram em mudanças da vida dele. A incorporação de novas leituras e contatos com outros sujeitos o fez interpretar uma passagem que para ele já era esclarecida, mas que por meio de outras leituras, embasadas no materialismo histórico, passou a questionar sobre o que, até então, era naturalizado por ele. À medida que ele foi tomando contato com formas diferentes de interpretação sobre questões religiosas, começou a se diferenciar e abandonou assim, uma concepção embasada apenas pela teologia, aderindo a uma perspectiva social e crítica.

Esse subitem buscou apresentar a inserção de G.K no seminário de Teologia. As relações que ele criou com professores, colegas e outros personagens fora do seminário luterano e suas novas relações com o meio católico possibilitaram

³⁴ PADRÓS, Enrique Serra. América Latina: Ditaduras, Segurança Nacional e Terror de Estado. Revista História & Luta de Classes, 2004. P: 45.

³⁵ Idem³⁸.

compreender de que maneira as relações sociais acabaram moldando uma nova forma de analisar a sociedade, não mais apenas pelo lado familiar. Frente a isso, o próximo item desse capítulo visa analisar de que maneira essas transformações na sua vida resultaram em ações posteriores ligadas a movimentos de lutas clandestinas.

1.6 IDA PARA O EXÍLIO

Essas experiências que G.K adquiriu até nesse momento nos mostraram de que maneira ele se relacionou dentro e contra o campo onde ele estava inserido.

A relação de homologia que se estabelece entre a posição da Igreja na estrutura do campo religioso e a posição das frações dominante no campo do poder e na estrutura das relações de classe, fazendo com que a Igreja contribua para a conservação da ordem política ao contribuir para a conservação da ordem religiosa, não eliminam as tensões e os conflitos entre poder político e poder religioso³⁶.

Devido ao contexto social (prisão do Frei Beto, morte de Marighella) e também pessoal (Gloria), decidi partir para o exílio no Peru. Diante disso, compreendemos que a sua partida foi outra forma de analisarmos a construção da sua trajetória enquanto um militante social e futuro pastor, que se viu de certa forma obrigado a partir para o exílio, por conta da repressão do governo ditatorial.

Um elemento que consideramos sobre a escolha do exílio ser no Peru, era pela relação que ele estava construindo com Gloria. Eles estavam trocando correspondências e a situação dele no Brasil fez com que o destino escolhido fosse o Peru. Para que ele pudesse morar lá, primeiro ele precisaria avisar seu pai que estaria saindo do país.

Porém a situação era bem mais complexa. Sua mãe havia falecido pouco tempo atrás, final de 1969, vítima de câncer, e as condições psicológicas e financeiras do seu pai não eram as melhores. Entretanto, G.K precisava se retirar do país, mas seu pai não poderia saber o motivo real, ou seja, pela prisão de Frei Betto. Frente a

³⁶ BOURDIEU, Pierre. Economia das Trocas Simbólicas. Ed. Perspectiva: São Paulo, 1974.P:72

essas situações, a família de Gloria ajudou-o com a passagem, mas com o seguinte acordo: ele iria trabalhar no Peru e pagaria posteriormente a dívida.

Sua chegada aconteceu em 1970. Inicialmente, ele foi considerado turista, sendo assim, a chance de conseguir emprego era praticamente nula. Porém, reencontrou o japonês que conheceu no evento em Petrópolis, em 1969. Este o ajudou a conseguir um emprego ali. De acordo com as informações que G.K. passou, esse japonês era da igreja metodista e desenvolvia um trabalho com as igrejas dali. Desta maneira, o emprego que ele conseguiu, consistia em ajudar na reconstrução da cidade de Lima, onde havia acontecido há pouco tempo um terremoto, e a população precisava de ajuda.

Nesta passagem, é possível visualizar outro aspecto da vida social para o qual Bourdieu chama atenção em suas análises, isto é, o processo de conversão e reconversão de capitais. Neste caso em específico, o ingresso de G.K no seminário levou-o a conhecer pessoas e a se integrar no MGEB (capital cultural), a partir dessa inserção conheceu o referido “japonês” (capital social), o qual o ajudou a encontrar um trabalho no Peru (capital econômico). Estes são aspectos fundamentais para compreender a trajetória de G.K, sua atuação social e o modo como atuou ao longo de sua história, por vezes com sucesso e por vezes sem, na conversão e reconversão dos capitais que adquiriu ao longo de sua vida. Neste sentido, ao relatar sua experiência na reconstrução da cidade de Lima, ele ressalta que:

E a gente foi trabalhar na construção de casas que tinha sido destruída. E como sempre eu tinha certa consciência crítica, eu pensei... Eles já tinham construído algumas casas, já tinham assentado algumas famílias... Mas daí eu pensei... Eles estão usando o modelo norte americano pra construir essas casas. Eu pensei, vocês tão fazendo uma agressão cultural, né. Vocês tão completamente fora da linha de Paulo Freire, que é da palavra, do diálogo.... Porque você tem que respeitar a cultura, porque as culturas são diferentes.³⁷

Ao desenvolver um trabalho sociológico na comunidade peruana, G.K conheceu o padre Manuel. Esse padre era anglicano e desenvolveu um trabalho religioso por um viés mais progressista, no interior do Peru. Frente a isso, G.K identificou-se com a perspectiva do padre e se uniu a ele para desenvolver as

³⁷ Entrevista cedida para a pós-graduanda realizada na cidade de Curitiba, em janeiro de 2017.

atividades propostas no interior do país. Durante esse período que ele trabalhou com o padre Manuel, o que mais marcou na sua memória foi um episódio que aconteceu nas fazendas de cana de açúcar.

As fazendas descritas eram áreas que cultivavam cana-de-açúcar. Elas pertenciam ao governo que tinha interesse em aplicar um projeto da reforma agrária. Ele narrou de que maneira acontecia a desapropriação por parte do governo, um tanto quanto contraditória.

Mas o governo desapropriava a fazenda e cinquenta por cento ficava pra uma cooperativa formada pelos próprios funcionários, e os outros cinquenta por cento, ficavam pro dono da própria fazenda. E eu achei meio esquisito, e os caras não faziam nada...³⁸

G.K, não deu outras informações, além destas. O motivo do mesmo relatar sobre isso foi porque estranhou com o padre Manuel a situação da cooperativa e dos trabalhadores. Aprofundaram suas investigações e descobriram problemas nos registros, indicando falcatruas na cooperativa. Além de questões burocráticas, descobriram que os funcionários da fazenda estavam vivendo de forma escrava, não tendo nem sequer alimentação.

Essa situação fez com que G.K e seus companheiros fizessem uma denúncia para as autoridades locais. O grande problema disso, é que os guardas civis eram próximos ao dono da fazenda, complicando assim a situação dos agricultores/funcionários que trabalhavam na fazenda.

G.K constitui família no Peru. Além de casar, teve seu primeiro filho no exterior. Com essas circunstâncias resolveu voltar para apresentar a sua família para o seu pai. Isso aconteceu no ano de 1974, quando o ditador Geisel estava saindo do seu mandato. Nesse período, o chamado “milagre econômico” dava seus sinais de fraqueza, com o arrocho salarial, aumento da carga horária de trabalho, fim de alguns direitos dos trabalhadores, entre outras coisas. Essa situação refletia posteriormente quando G.K estivesse formado (o que analisaremos nos próximos capítulos).

Então ele decidiu terminar a formação em Teologia, fixando-se no Brasil.

³⁸ Entrevista cedida para a pós-graduanda Fabiana Stahl Chaparini, sendo realizada na cidade de Curitiba, em janeiro de 2017.

Formado em 1974 foi chamado para ordenar uma paróquia, localizada no interior de Santa Catarina. De acordo com o próprio, essa paróquia era conservadora e tradicional, o que lhe incomodou. Essa situação fez com que ele voltasse a ter contato com seus ex-colegas de seminário: o pastor Arnoldo Maedche, de Matelândia; Uwe Wegner que estava em Foz do Iguaçu; Edgar Ravache em Capanema; Kurt Hattje que exercia o pastorado em Pato Bragado, então distrito de Marechal Cândido Rondon. Todas estas paróquias estavam localizadas no Oeste paranaense.

Esse contato, principalmente com Kurt Hattje, despertou a vontade de vir atuar na região Oeste do Paraná, pois seus companheiros estavam nessa região. Não levou muito tempo e em 1975, G.K foi chamado para atuar na região Oeste do Paraná, no distrito de Entre Rios do Oeste. Finalizamos este primeiro capítulo, concluindo que buscamos apresentar como G.K construiu sua trajetória. Sua trajetória é resultado da sua inserção, vivência e diálogo que construiu entre os campos religioso e político. Isso foi resultado das suas experiências e construções que desenvolveu no decorrer da sua vida, em que passou a dialogar com perspectivas diferentes quais estava habituado. Sendo assim, o próximo capítulo visa demonstrar como podemos analisar o contexto sócio histórico do Oeste do Paraná, partindo da atuação dele na região.

CAPÍTULO II

Da Igreja para a Assembleia Legislativa (1975-1979)

2.1 INTRODUÇÃO

Esse capítulo tem por intenção abordar a chegada de G.K à região Oeste do Paraná e a constituição da sua candidatura como deputado estadual pelo Paraná. O recorte temporal selecionado foi o período entre 1975 a 1979. A escolha esteve relacionada com a sua chegada em 1975 e o seu mandato como deputado estadual, eleito em 1978.

As fontes utilizadas são: Fontes orais (duas entrevistas, sendo uma com Gernote Kirinus e a outra com a sua esposa Gloria Kirinus em 2017), fundo Gernote

Kirinus (doado pelo próprio ao CEPEDAL³⁹, localizado em Marechal Cândido Rondon, no ano de 2014), e um livro produzido pela editora Beija Flor com seus discursos enquanto ele era deputado, detalhe que não consta o ano que o livro foi publicado.

A partir de agora começaremos a apresentar as fontes utilizadas neste capítulo. Sendo assim, optamos em iniciar a relatar sobre o Fundo Gernote Kirinus. Este fundo foi formado por um acervo documental que abrangeu o período que se estendeu entre 1970 e 1999, sendo que na generalidade os documentos tratavam do período em que G.K foi deputado estadual e também que abordavam temas relativos à questão agrária no Oeste paranaense. Atualmente, o fundo conta aproximadamente com nove mil documentos. Diante desse grande número de fontes, optamos por trabalhar mais diretamente com a documentação produzida e selecionada no Fundo por Gernote Kirinus entre os anos de 1970 e 1990.

A fonte oral, também foi utilizada na constituição desse capítulo. Foram duas entrevistas, uma cedida por G.K e já utilizada também no primeiro capítulo dessa dissertação, e a outra cedida pela sua esposa. A importância de analisar a narrativa dela é para compreendermos a partir de outra experiência como ocorreu esse processo na vida dele. Gloria relatou sua experiência enquanto uma estrangeira, vivendo em uma região totalmente diferente que ela vivia no Peru.

Outra fonte utilizada foi a revista Cambota produzida pela Assesoar⁴⁰. Sua importância nessa pesquisa se deu pelo motivo que ela possibilita compreender como ocorreu a criação e inserção de G.K na Comissão Pastoral da Terra (CPT) no Paraná. Isso só foi possível devido a edição comemorativa de número 271, lançada em março de 2016, tendo como objetivo apresentar os cinquenta anos de criação da Assesoar.

Além dessas fontes, o livro produzido pela Editora Beija Flor, na década de 1980, em que foram editados os pronunciamentos de G.K no parlamento, também foi utilizado. De acordo com ele, o livro não foi publicado por ele próprio, apesar de ter uma apresentação na contracapa do livro de seu ex assessor, Rui Pires. A editora editou e publicou discursos do seu primeiro mandato.

A estrutura do texto está dividida em três tópicos. O primeiro tratou de como ocorreu o convite para G.K atuar na região Oeste do Paraná e a sua instalação em Entre Rios do Oeste. Nele foram trabalhados elementos que dialogaram com a sua

³⁹ Núcleo de pesquisa e documentação sobre o Oeste do Paraná.

⁴⁰ No próximo subitem será melhor descrito sobre a Assesoar.

vivência no seminário quando cursava Teologia no Rio Grande do Sul. Muito do que foi trabalhado no primeiro capítulo, reapareceu nesse item, pois entendemos que as experiências que ele teve naquele processo influenciaram a sua atuação na região Oeste.

Analisar primeiramente a chegada dele e a sua atuação enquanto pastor da IELCB, possibilitou compreendermos o seu desempenho na CPT. Frente a isso, o segundo tópico, dialogou com a trajetória de G.K dentro da Comissão Pastoral da Terra, no Paraná. Não era intenção desse trabalho, focar na CPT, até mesmo porque existem outras pesquisas que analisaram essa temática, porém precisamos apresentá-la, pois ela fez parte da constituição e da trajetória de G.K Pautamos, que em relação às datas de criação da CPT, no Paraná, indicamos que a partir da narrativa de G.K, ela foi criada em 1976, diferentemente do que em alguns trabalhos como de Judite Veranisa Schmitt⁴¹ apresentou que a secretaria da CPT no Paraná foi constituída apenas em 1978. Entendemos que Schmitt tentou indicar que as atividades da CPT só foram realizadas a partir de 1978, pois em 1976 as atividades eram organizadas com a Pastoral Rural. Frente a isso, sua participação dentro da Comissão, perpetuou da sua criação até início de 1978, quando assumiu o cargo de deputado estadual.

A participação na CPT possibilitou a G.K conhecer a realidade da região Oeste, para além da igreja e dos seus sermões. Diante disso, começou a se envolver com os camponeses que estavam sofrendo injustiças. Esses camponeses eram posseiros ameaçados por jagunços, contratados a mando de grandes fazendeiros locais, além de atuar fortemente no movimento dos expropriados pela Itaipu Binacional.

A terceira parte buscou apresentar como ocorreu o processo de entrada de G.K no campo político. Ele chegou ao Paraná em 1975 para atuar como pastor da IECLB na comunidade de Entre Rios do Oeste. Em seu primeiro dia na comunidade, já presenciou o clima político na região conversando com o deputado estadual pela Arena, Werner Wanderer. Além de ver a grande influência do partido de Wanderer no Oeste paranaense, também passou a ter conhecimento sobre os problemas agrários da região. Inicialmente, esses conflitos rurais estavam muito ligados com a violência exercida por grandes proprietários de terras sobre pequenos agricultores. Porém, com

⁴¹ SCHMITT, Judite Veranisa. "Os atingidos por Itaipu: História e memória. Oeste do Paraná, décadas de 1970 a 2000. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2008. (Dissertação de mestrado); P: 48.

o início da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, esses conflitos se intensificaram, não estando apenas mais ligados aos fazendeiros, mas também ao Estado.

G.K presenciou esse processo e tomou posicionamento. Foi a partir daí que ele começou a se consolidar enquanto um militante social na região Oeste do Paraná. Se observarmos, em grande medida essa atuação chamou a atenção do partido opositor, no caso o MDB, vendo nele uma possibilidade de preencher uma vaga nas cadeiras da Assembleia Legislativa.

A partir desse momento, em que o partido começou a investir financeiramente na campanha e a sua atuação com essa parte da população, é que ele conseguiu se consolidar e se eleger deputado. Analisar esse processo não foi simples, mas as fontes nos indicaram que essa é afirmação mais correta em entender como em tão pouco tempo ele conseguiu se tornar deputado estadual pelo Paraná, em uma das áreas mais fortes de atuação da Arena.

2.2 CHEGADA DE KIRINUS NA REGIÃO OESTE

A chegada de G.K na região Oeste do Paraná se deu por conta dos contatos com seus ex-colegas do seminário. Entretanto, relembremos o contexto anterior.

G.K formou-se no curso de Teologia em 1974. Com a sua formação foi chamado para atuar em uma comunidade do interior de Santa Catarina, na cidade de Ibirama. Essa comunidade, segundo G.K., era aos seus olhos conservadora e tradicional. Frente à essa situação, ele não se encontrava diante de seus posicionamentos progressistas, tendo uma dificuldade em aplicar sua metodologia com a comunidade. Sendo assim permaneceu menos de um ano, não sendo realizada a ordenação. Desta maneira, ele voltou a ter contato com seu ex-colega de seminário Kurt Hattje. Naquele momento, Kurt Hattje estava atuando na comunidade de Pato Bragado, pertencente ao município de Marechal Cândido Rondon. Hattje, propôs a Kirinus para que viesse trabalhar na região Oeste do Paraná.

Em 1975, G.K foi chamado para atuar na comunidade de Entre Rios do Oeste. Mudaram-se para o Oeste paranaense: ele, sua esposa e seu filho Dante Kirinus. Quando chegaram aqui, sua esposa Gloria, se deparou com um lugar diferente do que ela estava habituada, pois ela pertencia ao ambiente citadino, e não havia ainda

estabelecido contato com esse lado mais rural. Ela descreveu a região, partindo desse olhar, mas sobretudo pelo seu lado poético.

Gloria: Eu não reconhecia o ambiente rural e ali que entre esse lado poético, porque o não saber permite o estranhamento e o estranhamento é um elemento importantíssimo do saber literário.⁴²

A intenção de trazermos a narrativa de Gloria, não foi de mostrar quão deslumbrada ela ficou com a localidade e nem seu estranhamento, mas sim de relacionarmos o seu papel na trajetória de G.K Quando ele a conheceu, o seu meio já era diferente do que ele havia constituído apenas pela família, no sentido de demonstrarmos que ele já havia adquirido experiências diferentes daquelas que ele apenas tinha tido antes de entrar no seminário. Porém, seu contato com ela, proporcionou que o círculo de relações se ampliasse à medida que ele foi se reconhecendo enquanto um militante social no Peru e quando ele constitui sua própria família. Essa ampliação ocorreu mais uma vez quando ele passou pelo processo de ordenação para pastor e contou com o apoio da esposa.

Sua ordenação foi feita pelo próprio pastor Kurt Hattje, na comunidade de Pato Bragado, sendo assim reconhecido pela comunidade eclesial como pastor de Entre Rios do Oeste. Nesse momento, sua família, no caso, Gloria e seu filho ficaram hospedados na casa desse pastor. Isso decorreu pelo fato de que G.K precisava providenciar a mudança que estava no Rio Grande do Sul. Essa ordenação representou em sua trajetória, o início de uma nova fase que refletiu posteriormente no seu reconhecimento enquanto um sujeito social, principalmente no Paraná. Portanto, foi possível concluirmos que a opção por realizar a ordenação no Paraná não foi aleatória, mas uma decisão estratégica, uma vez que realizar este ritual na região onde posteriormente atuou como pastor já era uma forma de apresentá-lo à comunidade local e, em algum sentido, criar laços com ela.

Sendo assim essa nova fase iniciou-se formalmente com seu primeiro culto. Ele aconteceu em Entre Rios do Oeste no dia vinte e três de fevereiro de 1975. Entretanto, nesse dia, ele ainda estava no Rio Grande do Sul. Frente à essa situação, descreveu que a sua viagem foi conturbada devido a atrasos. O culto tinha horário marcado para se iniciar às nove horas da manhã. Porém, pela demora do ônibus que

⁴² Entrevista cedida a Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

estava vindo de Foz do Iguaçu, o culto não iniciou no horário previsto. Relatou ainda que quando desembarcou do ônibus em Entre Rios do Oeste, saiu correndo com a sua malinha, atravessando a praça da cidade, para chegar rapidamente na Igreja. Quando começou a se aproximar, já viu várias pessoas que estavam lhe esperando.

Assim que chegou à Igreja, antes de iniciar o culto, o jovem pastor foi chamado para conversar com o pastor distrital Harald Malschitzky. A conversa estava relacionada com o sermão que iria dar no culto. O pastor Harald já conhecia seus posicionamentos teóricos e por isso decidiu conversar para adverti-lo que a comunidade era conservadora. De acordo com G.K., esse pastor distrital, tinha uma perspectiva teológica vinculada ao bartheanismo. Frente a isso, Harald Malschitzky compreendia que a classe sacerdotal só poderia praticar política pela e para a Igreja.

Como era culto inaugural da comunidade luterana de Entre Rios do Oeste, após o culto foi servido um almoço. Ao término do culto, ele foi conduzido até a mesa de “honra” em que se encontravam algumas autoridades do município de Marechal Cândido Rondon. Nessa mesa, se encontravam o deputado estadual da ARENA Werner Wanderer⁴³, Almiro Bauermann prefeito nomeado de Marechal Cândido Rondon e a diretoria da paróquia da IECLB de Entre Rios do Oeste.

Seu primeiro sermão estava relacionado com o tema da liberdade. Independentemente se G.K já tinha conhecimento ou não sobre quais políticos participavam na comunidade onde pastorava, ele não teve problema em criticar a forma de sociedade em que estavam inseridos. Para criticar o governo ditatorial, se utilizou do seu espaço enquanto pastor e do seu poder de fala. Aqui percebemos como que a sua trajetória enquanto militante social contribui para que ele pudesse se posicionar e a partir dos seus sermões difundir o que ele acreditava como correto, frente a sociedade que ele se encontrava.

A liberdade que Jesus nos deixou e que ultrapassa em muito o papo de muitos políticos, é aquela que encontramos no seu testemunho pessoal de vida, JESUS VIVEU LIVRE. ⁴⁴

⁴³ Nas próximas páginas será descrito quem era Werner Wanderer.

⁴⁴ Retirado do primeiro sermão de G.K. na comunidade de Entre Rios do Oeste. 23/02/1975. P: 4 . Em relação a essa fonte, indicamos que G.K. enviou a pós-graduanda todos seus sermões (em torno de 36 sermões) reproduzidos na comunidade de Entre Rios do Oeste.

Essa foi uma das partes que diziam respeito ao primeiro sermão que G.K fez na comunidade de Entre Rios do Oeste. Algo marcante nele, além de ter sido o primeiro é que ele foi construído a partir do entendimento de G.K da bíblia relacionando com o contexto que estava presenciando. Ressaltamos que nos outros sermões que tivemos acesso, no início dos seus manuscritos sempre estiveram referenciados de qual livro bíblico ele se baseava.

Esta liberdade foi o maior incômodo para os poderosos. E por isso trataram de liquidar tal homem livre. Ainda assim Jesus se mostrou forte diante da própria ameaça de morte.⁴⁵

Dando sequência ao tema da liberdade ainda,

E se a libertação de todas as formas de opressão é a meta que nos traçamos em Cristo e como comunidades, uma primeira etapa seria libertar-nos da opressão cultural que existe entre os membros de uma comunidade e seu pastor. Opressão na qual o Pastor é quem fala e a comunidade fica quieta e não diz nada. Onde o Pastor dita as regras e a comunidade obedece e executa ou onde o Pastor faz tudo e a comunidade aceita tudo o que o Pastor faz.⁴⁶

Pela sua escrita, o que percebemos é que ele via que o funcionamento do pastorado só ocorreria pela junção da comunidade com as autoridades da Igreja, visando questionar com uma hierarquia. Se lembrarmos, sua passagem breve e rápida em um município de Santa Catarina, esse trecho citado pode indicar uma crítica ao que havia presenciado. Entretanto, acreditamos que isso vai mais além. G.K já conhecia pelos seus colegas de profissão como era a região Oeste do Paraná, a qual predominava fortemente a repressão ditatorial. Neste sentido, já em seu primeiro sermão buscou apresentar seu posicionamento político frente a uma comunidade a qual parcela era censurada em muitos casos pela predominância política da Arena e outra apoiava o partido. G.K. finalizou o seu sermão da seguinte maneira:

Ninguém tem o direito de ser mais que outros entre os cristãos. Sejamos livres por Cristo e deixemos aos outros a sua liberdade. O Reino de Deus só poderá

⁴⁵ Idem⁸. .P:5

⁴⁶ Idem⁸. P: 6

ser construído por homens livres, não comprometidos na opressão dos demais.⁴⁷

Todo o sermão dele esteve voltado ao tema da liberdade cristã. Sua base para escrever era por meio das leituras bíblicas. Citamos apenas o seu primeiro sermão apresentado em Entre Rios do Oeste, porém os posteriores que foram coletados também dialogavam com o mesmo sentido que foi apresentado aqui, em torno do conceito da liberdade e cristianismo. A diferença desse para com os outros é que a sua escrita não foi necessariamente baseada em uma determinada parábola bíblica.

A região Oeste do Paraná foi considerada uma área de segurança nacional. Isso significava que a região estava sendo monitorada pelos aparelhos repressivos da ditadura. O objetivo da DSN era identificar sujeitos que poderiam ser considerados inimigos internos da “nação”⁴⁸. G.K já tinha determinado conhecimento sobre o contexto social que estavam vivendo, devido suas experiências anteriores e participações em movimentos clandestinos, como já foi detalhado no primeiro capítulo. Diante disso, em sua narrativa relatou que neste momento estabeleceu conversa com o Deputado Wanderer e que de pronto perguntou:

Deputado, aqui não tem deputado de oposição? “E ele disse que não podia ter, porque aqui era faixa de fronteira, e só podia ter ARENA 1 e ARENA 2. E eu falei, então aqui é diferente do Rio Grande do Sul, porque lá tem outros partidos...”⁴⁹

G.K estava se referindo ao partido MDB. Naquele momento, na região Oeste do Paraná, apenas em Cascavel, o partido atuava. O pastor foi um dos precursores para que o MDB tivesse atuação em Marechal. Esse primeiro contato que G.K teve com autoridades da Arena e também com a sua indagação sobre a situação política

⁴⁷ Idem⁸. P: 7

⁴⁸ Em relação à Doutrina de Segurança Nacional(DSN), destaca-se que ela foi legalizada em 1968. De acordo com o historiador Enrique Padrós, ela foi uma das doutrinas utilizadas durante as ditaduras militares no Cone-Sul em que visava a proteção de inimigos subversivos (chamados comunistas), frente ao contexto anterior que o mundo havia vivido, a Guerra Fria. Um artigo interessante para compreender sobre isso é de Padrós em que discute sobre a DSN em que enfatiza o caso uruguaio, mas não deixa de contextualizar a América Latina.

⁴⁹ Entrevista cedida a Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

e partidária do município, refletiram posteriormente na sua trajetória, quando se candidatou como deputado estadual, três anos depois.

O assunto sobre a situação política deixou os políticos incomodados. Diante disso, de acordo com o relato do entrevistado, desviaram o foco da conversa e passaram a tratar da construção da casa paroquial. Como a comunidade da IECLB em Entre Rios do Oeste era nova, a estrutura que abrangesse uma comunidade eclesial ainda não estava pronta. Sendo assim, Wanderer fez uma proposta ao recém-chegado pastor. Ela era uma doação ao equivalente a dez mil cruzeiros para a construção da casa. Incomodado com a situação, G.K respondeu que esse assunto, o deputado deveria tratar com o tesoureiro da Igreja e não com ele, pois sua função era de resolver questões teológicas.

Esse posicionamento de G.K, foi interpretado pelo deputado, de acordo com o pastor, como uma ofensa, que de maneira expressiva, rotulou-o como o pastor comunista. Porém, ele não se ofendeu com que o deputado falou, porque ele próprio sujeito da sua trajetória, compreendia que ter um posicionamento contrário ao que estava imposto pela ditadura, era ser tachado de comunista. Entretanto, sabia o que isso significava e também sabia o significado da sua trajetória entendendo o que realmente era ser comunista.

Para reforçar isso que o deputado argumentou, G.K em muitas falas, inclusive na entrevista cedida, narra “Eu entrei com o pé esquerdo”. Essa expressão indicou o que ele veio demonstrando desde o início da sua trajetória, ou seja, de que maneira ele foi se transformando dentro do seu campo de atuação. A expressão citada não indicou que estava se referindo a ser comunista, mas de demonstrar seu posicionamento contrário, e de que maneira ele construiu uma trajetória em cima das contradições comuns à época da ditadura, sendo que o papel que desempenhou neste contexto era também expressão própria da época.

Do mesmo modo, o diálogo estabelecido com o deputado Werner Wander demonstra a capacidade de G.K em utilizar sua situação de pastor de diferentes formas, pois ao recusar a oferta de dinheiro realizada pelo deputado, afirmando que seu papel era unicamente teológico, ele estabelecia limites a sua atuação, os quais em outros contextos e situações poderiam ser ampliados. Nestes termos, se lançar como candidato a deputado estadual em 1978 ou a própria atuação que desempenhou no interior da CPT demonstram isto, em que diante de um conjunto de fatores

demonstraram o quanto é difícil definir em termos exatos quais os limites que separam a religião da política e o quanto, em determinadas circunstâncias, elas podem ser ou estar misturadas uma na outra.

Esse posicionamento refletiu em várias práticas e consequências em sua vida. Desde a sua chegada ao município de Marechal Cândido Rondon em 1975 até quando se candidatou a deputado estadual em 1977, percebemos intrigas entre G.K e o deputado estadual Werner Wanderer. Uma delas impactou diretamente a inserção de Gloria na comunidade, pois, por ser estrangeira, ainda não havia feito seus documentos e por isso encontrou alguns problemas como ela narra,

Gloria: eu era professora de inglês porque era a única língua que eu sabia, eu não sabia do português, e trabalhava na única escola que tinha lá. E os conflitos... é claro que eu, estrangeira sem documentos, porque eu ainda não sabia se ficava no Brasil se voltava, porque em principio a gente veio pra ele terminar o curso de teologia e daí, chegamos e começaram os conflitos, porque eu não tinha a documentação exigida... É claro que isso começou a ganhar mais atenção depois que meu marido começou as suas predicas, as predicas começaram a ser mais politizadas... E ele começou a ser observado como um perigo, incômodo, para o status da época, mas ai eu fiz a carteira de identidade, o título de eleitor.⁵⁰

A esposa de G. K apontou de que maneira as relações sociais que existem dentro de um mesmo campo, são complexas e em muitos casos divergentes. Quando Gloria se referiu aos sermões que ele pregava em seus cultos, vimos uma abordagem que foi além do campo religioso, perpassando pelo campo político. Essa relação entre os campos é comum na medida em que eles ampliam suas intervenções em determinadas práticas, e por isso que para muitos ele poderia ser considerando uma ameaça, pois o cenário lhe permitia ter seus posicionamentos mais críticos ampliados. Da mesma forma, sua condição de pastor dava suporte para que fosse ouvido com maior autoridade pelos habitantes da região, especialmente por aqueles que estavam envolvidos em algum tipo de conflito. Neste sentido, as literaturas produzidas sobre o papel dos sacerdotes nas comunidades camponesas demonstraram a sua importância e em termos das comunidades rurais, bem como o respeito que tais populações guardam em relação às autoridades religiosas.

⁵⁰ Entrevista cedida a Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

Esse processo da vinda de G.K para a região Oeste no Paraná e a sua breve atuação enquanto pastor, refletiram posteriormente na forma que ele se insere e participa na construção de movimentos em torno das questões agrárias. Frente a esse processo, o próximo tópico busca abordar como ocorreu a formação desses grupos na região e como a sua interação aconteceu e mediou esses processos.

2.3 GERNOTE KIRINUS E A SUA PARTICIPAÇÃO NAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

O tema sobre conflitos agrários no Brasil sempre foi pertinente e gerou grandes discussões. Frente a esse processo, entendemos da importância do trabalho de pesquisa desenvolvido por Sônia Mendonça,⁵¹ o qual analisou o tema, contribuindo para o diálogo dessa pesquisa. O contexto abordado pela autora é, acerca das classes dominantes no meio rural brasileiro e como que seus projetos se desenvolveram no cenário político durante o período de 1964 a 1990.

Ao dialogar com os problemas agrários brasileiros nesse momento de 1964 a 1990, deve-se levar em conta a conjuntura nacional do cenário político. De acordo com Mendonça,

No imediato pré-1964, em meio à profunda crise econômica vivida pelo país, três questões gerais se colocavam como exigências do desenvolvimento capitalista no Brasil: o combate à inflação, a alteração da política externa e a chamada “modernização” da agricultura.⁵²

Chamamos a atenção para a modernização da agricultura. Podemos analisar assim, que nas décadas de 1960 a 1980, as transformações que ocorreram no campo, estiveram em torno do discurso da modernização do meio rural. Principalmente na década de 1970, o governo militar tinha como um dos objetivos a modernização do país. Diante disso, a modernidade que o governo buscava, estava em torno da urbanização e da industrialização. Nesse contexto o setor rural forneceria os produtos para garantir o consumo interno, essa modernização no setor rural, ligada

⁵¹ Mendonça, Sonia Regina. A questão agrária no Brasil: a classe dominante agrária- natureza e comportamento 1964-1990/ Sonia Regina de Mendonça; João Pedro Stedile (org)—2. Ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2010. 200 .

⁵² Idem, 2010, 35.

principalmente à mecanização. Entretanto, além da inserção dos maquinários, também estava ocorrendo a implantação de produtos agrícolas, como agrotóxicos, fertilizantes, etc. Para realizar essas compras era necessário fazer empréstimos nos bancos, devido ao alto valor dos produtos.

As consequências deste projeto político no campo foram justificadas como sendo necessárias. Seu objetivo foi desenvolver o capitalismo no cenário agrário, mantendo a estrutura fundiária, abrindo assim um espaço maior para os latifundiários. Para isso acontecer era necessário conceder uma nova diretriz: crédito e subsídio rural. Essa política na agricultura de dissipação da tecnologia acarretou na saída do camponês do campo. O motivo, ligado ao endividamento dele por conta dos financiamentos, em que o obrigavam a sair da sua propriedade, ou da propriedade em que prestavam serviços.⁵³

A agricultura paranaense seguiu o modelo nacional de desenvolvimento de modernização da agricultura, assim como apontaram as autoras Maria Muniz e Miriam Rosa.⁵⁴ Isso indicou que ela se inseriu dentro da perspectiva tecnológica e intensificação da relação entre a indústria e agricultura. Assim como no contexto nacional, no caso do Paraná não foi diferente em que o crédito rural destinado as modalidades de culturas rurais modernas como a soja, em que resultou na expulsão do pequeno produtor, tornando-os trabalhadores bóias-frias e até mesmo volantes.

Outro grande problema que a inserção profunda do capitalismo no meio rural causou foi a saída da população do campo para a cidade. Isso originou em grande medida pela transformação do setor agrário. Essas mudanças ligadas à inserção da modernização da agricultura resultando na concentração fundiária foram elementos, que causaram e intensificaram as desigualdades no campo.

Frente a esse contexto de transformações sociais e econômicas no campo, em 1966 no Sudoeste do Paraná, padres belgas fundaram a Associação de Estudos Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR). De acordo com leituras realizadas na

⁵³ Esse diálogo foi produzido partindo leituras realizadas de autores que analisam a problemática agrária, como Marcos Smaniotto, Cintia Wolfart e Ricardo Abramovay.

⁵⁴ Em relação ao contexto apresentado sobre a agricultura paranaense, indicamos as autoras Helena Maria Cabelo Muniz e Miriam Dantas Rosa, com o trabalho intitulado “ Desdobramento da modernização da agricultura no estado do Paraná (Brasil). Apesar de ser um artigo, a leitura dele permitiu para que compreendemos esse contexto no Paraná.

Revista Cambota^{55 56}, a sua criação aconteceu em um momento que a Igreja Católica visava mudanças em sua estrutura⁵⁷. Se analisarmos, a conjuntura sócio econômica da região, veremos porque a Igreja se pautou em remodelar-se a partir dos problemas rurais, pois pouco tempo atrás na mesma região, havia acontecido a Revolta dos Posseiros, indicando assim um cenário de conflitos e tensões.

Em 1963, os padres belgas recém-chegados no Sudoeste do Paraná começaram um trabalho de catequização familiar. Essa atividade tinha como objetivo debater a religião, “no sentido dela não ser somente na igreja, mas também na família e na comunidade”⁵⁸. A catequese familiar passou a fazer parte da rotina daquelas pessoas, principalmente das crianças. Instigar as crianças a conhecerem e participarem dessa atividade era para que elas pudessem desde pequenas compreender o contexto em que estavam inseridas, atuando ativamente na sua comunidade.

A intenção dela foi de estar ao lado dos indivíduos que viviam no campo e que foram prejudicados pelas medidas do Estado. Diante do contexto anterior (Revolta do Posseiros, em 1957, na região Sudoeste do Paraná) em 1964 foi criada a Juventude Agrária Católica. Com o apoio dos padres belgas a JAC desenvolvia a alfabetização nas comunidades rurais, com o intuito de formar militantes. Ao mesmo tempo nos seus encontros em que discutiam as liturgias bíblicas, também questionavam sobre questões sociais e políticas. Neste sentido, sindicatos e cooperativas começaram a ser criados. Diante desse contexto, se viu a necessidade da criação de um espaço que pudesse agrupar esses grupos.

Sendo assim, em 1966, a Assesoar foi construída. Frente a ela, estavam os padres Ângelo Perin e Claudino Lise. Suas perspectivas teológicas e políticas estavam baseadas na perspectiva da doutrina social da Igreja (DSI) ⁵⁹, (MEZZOMO, 2009, p:289).

⁵⁵ Revista Cambota. Edição comemorativa dos 50 anos da Assesoar. Edição 271. 2016. P : 5. Na introdução desse capítulo já relatamos sobre a revista Cambota. Essa edição da revista Cambota é de março de 2016. O tema dessa edição era sobre os cinquenta anos da criação da Assesoar. A revista está disponível on-line no site da própria associação.

⁵⁷ Em relação as mudanças que estavam acontecendo na Igreja Católica, destacamos que o Concílio do Vaticano II foi uma forte influência para essa mudança cultural no meio religioso católico mundial.

⁵⁸ Idem⁵⁴. 2016, P:7

⁵⁹ Sobre a Doutrina Social da Igreja, uma leitura que esclarece todo o processo é o artigo “A Doutrina Social da Igreja e problemas de nosso tempo” produzido por Nilo Agostini. Ele encontra-se disponível em http://www.niloagostini.com.br/artigos/2010/pdf/15_180510_social.pdf.

Diante dos desafios sócio-econômicos e políticos de diversa índole, a Doutrina Social da Igreja busca captar justamente as dimensões éticas dos problemas humanos, identificando as responsabilidades do ser humano e aguçando, a partir da fé, o sentido moral do seu agir.⁶⁰

A região Oeste vinha sofrendo com problemas agrários, estes próximos e similares da região do Sudoeste. Essa situação se agravou na década de setenta. G.K. nesse momento já havia chegado à região Oeste do Paraná e a Assesoar já tinha praticamente dez anos de funcionamento. A relação com outros pastores e padres era ampla. Sendo assim, o padre Angelo Perin, que estava à frente da entidade convidou G.K. para participar de uma reunião que aconteceria em Goiás referente aos problemas agrários que estavam acontecendo na Amazônia.

A população que era violentada por problemas agrários naquela região passou a pedir apoio e ajuda para a Igreja católica. Neste contexto, uma parte da Igreja passou a atuar ao lado dessas pessoas, em que com o apoio de outros eclesiais da região brasileira criando a CPT. Nesta reunião no ano de 1975 foi criada a Comissão Pastoral da Terra, conhecida como CPT. Ela teve como direção membros da Igreja católica.

Frente à situação de problemas agrários em torno da luta pela terra, a CPT é criada no Paraná, em 1976. A Comissão Pastoral da Terra nacional, tinha como direção uma parte da Igreja católica, como já mencionado. Entretanto, no caso do Paraná, além dela, alguns pastores luteranos, também passaram a integrar e apoiar, tendo um caráter particular. O presidente da CPT paranaense era o Dom Agostinho Sartori, membro da Igreja católica e o secretário geral era Gernote Kirinus, pastor luterano⁶¹.

A participação de G.K. na CPT possibilitou a ele compreender que a região Oeste, sempre foi marcada pelos conflitos em torno da terra. Quando ele chega ao Paraná em 1975, aos poucos, vai se deparando com esse problema. A medida que ele toma conhecimento sobre, passa a tomar contato com os posseiros na região, especificamente nas comunidades de São Clemente e Sub Sede, localizadas no

⁶⁰ AGOSTINI, Nilo. Sobre a Doutrina Social da Igreja. Petrópolis. Editora Vozes, 2002. P: 2

⁶¹ MEZZOMO, Frank Antonio. Memórias dos Movimentos Sociais no Oeste do Paraná: Gernote Kirinus, Adriano van de Vem, Werner Fuchs. Campo Mourão: Ed. da FECILCAM, 2009. P:289

município de Santa Helena, em que se vê frente a um problema que perpassa o meio rural, mas também o religioso.

Desta forma, G.K. e o pastor Kurtz Hattje realizavam reflexões com os agricultores. Conforme narrou, “então a gente ia lá e fazia as reflexões, porque assim, dentro da metodologia das comunidades eclesiais de base a gente estuda a realidade, discute a realidade, né?!”⁶². Algo que chamou a atenção nessa fala foi a incorporação do método de Paulo Freire. No primeiro capítulo, destacamos a forte influência teórica e metodológica na vida de G.K. A sua vinda para o Paraná, não fez com que deixasse o método de lado para compreender o contexto da região, ao contrário, fez o uso dele. Em relação a essa situação relatou que,

Aí procura na bíblia situações semelhantes que possam iluminar aquela realidade, e depois na própria bíblia busca soluções, esses eram os grupos de reflexão, mas isso era independente dos cultos tradicionais, e tinha fins de semana que eu fazia cultos especiais, cultos com jovens, cultos em alemão, do jeito que eles queriam né... cultos mais participativos que não só o pastor fala, o pastor tem que escutar o clamor do povo... Então a gente tinha esse trabalho... É lógico que ao escutar o povo, ouvir o que eles falavam aflorava a consciência política, ai criava conflitos, porque não queriam que eu falasse sobre isso, né.⁶³

Muitos posseiros eram membros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Com esse bojo, G.K se vê na situação de estar ao lado deles. Sendo assim, passa a fazer parte da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Paraná, atuando como secretário. O primeiro escritório da CPT do Paraná foi criado em 1976 e estava localizado na cidade de Marechal Cândido Rondon.

Nesse momento, ele ainda era pastor na comunidade de Entre Rios do Oeste e desempenhava o papel de secretário por meio período. Como a comunidade que ele exercia o pastorado tinha um grande número de trabalhadores rurais que estavam sofrendo com as injustiças no campo, o pastor pede apoio à paróquia da comunidade. Sendo assim, a paróquia de Entre Rios do Oeste cedeu uma casa em Marechal Cândido Rondon para G.K. Isso está relacionado porque ele se tornou secretário da Comissão e o escritório da CPT era na cidade.

⁶² Entrevista cedida a Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

⁶³ Idem, 2017.

Nesse contexto, um novo elemento passou a fazer parte da pauta da Comissão Pastoral da Terra no Paraná: a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu em Foz do Iguaçu. Com esse novo fator, G.K se desligou da IECLB e passou a atuar de forma integral como secretário da CPT.

A atuação dele na CPT foi intensa durante os anos de 1976 até início de 1978. Nesse período que G.K. atuou na CPT foi criado o boletim Poeira em 1978 pela própria CPT. Esse periódico teve como objetivo apresentar os problemas sociais que a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu causou. O nome do boletim se originou pelas características da região Oeste, em que a poeira estava relacionada com a terra vermelha e produtiva. Ele visava informar as CEB's, sobre o trabalho que vinha sendo desempenhado pela CPT. Em relação ao boletim, Mascarenhas demonstrou que:

O primeiro número do Boletim Poeira foi publicado em março de 1978 e iniciou com uma tiragem de 120 unidades. A capa do informativo era produzida manualmente desde o nome do Boletim até os desenhos ou charges. A parte interna era escrita com máquina de escrever na matriz e depois de pronto era reproduzido num mimeógrafo à tinta e distribuído gratuitamente. O boletim era impresso em papel sulfite tamanho ofício, por vezes frente e outras, frente e verso. A periodicidade, em geral, ocorria bimensalmente, porém há alguns números sequenciais que ficaram quase sete meses sem ter publicação.⁶⁴

O boletim dialogava com os problemas agrários que estavam acontecendo na região. Neste sentido, o que a construção da Usina estava causando também foi objeto de crítica do periódico, pois estava dentro desse contexto. G.K. participou desses processos, tanto na produção dos informativos quanto do movimento dos expropriados pela Itaipu. Isso nos apontou como ele acabou se inserindo dentro de contextos diferentes dos quais ele veio para atuar. A partir do momento em que entrou em contato com diferentes situações, além da sua atuação religiosa, enquanto pastor, acabou criando outros laços que moldaram sua personalidade enquanto um sujeito ativo na sociedade.

Em 1977, as famílias que seriam desapropriadas pela Itaipu, já começavam a sentir a ameaça de perder suas propriedades. Diante disso, a sua atuação não estava

⁶⁴ MASCARENHAS, Milena Costa. POEIRA X UNICON: confrontos e contrapontos entre expropriados e Itaipu. Dissertação de Mestrado em História, Unioeste, 2011 ; P: 80.

mais voltada apenas para os membros que sofriam com a questão agrária da comunidade pastoral em que ele atuava.

Assim, em 1978, G.K. aceitou o pedido do partido MDB, para se candidatar a deputado estadual no Paraná. Entretanto, ele teria que deixar a secretaria da CPT. Além disso, era necessário se desvincular da IECLB, pois de acordo com a instituição, um pastor não poderia ser candidato político e sacerdote. Ciente da situação, propôs para que quem assumisse seu lugar na secretaria da CPT fosse o pastor luterano (IECLB) de Santa Helena, Werner Fuchs. Sua sugestão foi acatada, e em 1978, Werner Fuchs passou a ser o secretário geral da CPT e G.K. foi concorrer à eleição para deputado estadual do Paraná.

2.4 CANDIDATURA

O objetivo nesse subitem, foi apresentar como ocorreu o processo do primeiro mandato de G.K. O pastor da IECLB em 1978 se candidatou a deputado estadual pelo Paraná, pelo partido do MDB. Diante disso, abordamos como ocorreu a proposta da sua candidatura pelo partido de oposição ao governo ditatorial e também como foi o seu trabalho na Assembleia Legislativa. É importante frisarmos que a proposta em analisar a atuação dele na AL é sempre em diálogo com a região Oeste do Paraná.

Neste sentido, um personagem que esteve presente nesse processo é o ex-repórter Rui Pires. Ele foi assessor de campanha de G.K. Essa relação iniciou-se quando se conheceram na redação do Jornal Nova Geração, em Toledo. O repórter era filiado ao partido do MDB e G.K já despertava determinado interesse pelo partido. Nenhum sujeito é neutro, no caso de G.K notamos que por ele ser pastor é comum conceituarmos o sacerdote acima do profano, sem ter preferências, a não ser que seja dentro do próprio seio religioso. A resposta que deu a Werner Wanderer apontou que isso que é pregado não é coerente, e que por mais que um sujeito tivesse determinada posição social aparentemente neutra, ele tem seu posicionamento frente a situação.

As experiências que ele teve anteriormente, tiveram significados únicos. Entretanto, a proposta de sair para candidato a deputado estadual pelo Paraná foi por conta do seu trabalho desenvolvido entre os anos de 1976 a 1978 referente aos problemas agrários da região Oeste do Paraná⁶⁵.

⁶⁵ Esse assunto será melhor desenvolvido no capítulo III dessa dissertação.

Rui Pires⁶⁶ atuou nessa história como mediador entre o MDB e G.K. Para que o pastor aceitasse a proposta, o ex-repórter levou até ele o deputado Paulo Marques de Cascavel. Neste encontro conversaram sobre o objetivo de o lançarem como candidato, frente à sua atuação que estava sendo reconhecida. A estratégia utilizada pelo MDB esteve em diálogo em lançar um candidato de oposição a Arena. O autor José Alcântara indicou que se relembrarmos, nas eleições de 1974, o MDB obteve uma grande vitória nacional contra seus opositores. Isso só foi possível pelas estratégias adotadas pelo partido em divulgar seus trabalhos pelo rádio e televisão.

De acordo com José Alcântara, após as eleições de 1974, que proporcionaram um grande crescimento ao MDB, o governo federal determinou como fundamental a vitória de seu partido nas eleições municipais de 1976⁶⁷. Observamos isso, em 1972, quando nas eleições municipais Pedro Muffato se elegeu prefeito de Cascavel pelo MDB, e em 1974 com a candidatura de deputados estaduais e federais.⁶⁸ O governo federal presenciando a ascensão do MDB segundo Alcântara, mobilizou toda a sua máquina administrativa, no âmbito federal como no dos seus governos estaduais, para a vitória da ARENA⁶⁹.

Nas eleições estaduais posteriores, o MDB viu a situação favorável sobre a Arena e em 1978 o partido procurou G.K. É necessário observarmos que, esse convite foi feito a ele porque os integrantes do partido tinham noção da figura de G.K. representava. Neste sentido, G.K. era um bom candidato a disputar uma vaga pelo MDB no Paraná, em 1978. A figura dele enquanto um pastor e vinculado à Comissão Pastoral pela Terra (CPT), em que lidava com os problemas de uma ala da sociedade mais oprimida, em especial com pequenos proprietários de terra, configurava assim um eleitorado que estava cansado de sofrer pelas ações de um governo que apenas visava favorecer uma classe mais abastada.

⁶⁶ Rui Pires como já mencionado foi assessor político de G.K. Em relação às informações mencionadas, indicamos que foram passadas pelo próprio Rui Pires, em um questionário elaborado pela pós-graduanda que enviou a ele via e-mail.

⁶⁷ ALCÂNTARA, José Carlos. O dualismo partidário no período de 1966-1982 e sua representação local/ José Carlos Alcântara- Assis, 2004.P:147.

⁶⁸ Novamente utilizamos as informações de Rui Pires para demonstrar como ocorreu o convite para G.K se candidatar a deputado estadual pelo MDB. Para articular essas informações, essa escrita foi realizada a leitura do trabalho de José Alcântara “ O dualismo partidário no período de 1966 a 1982, o qual possibilitou compreender o processo eleitoral desde 1966 no Brasil.

⁶⁹ Idem⁶².

Em outros termos, a atuação de G.K. na região com a CPT e a sua condição de pastor garantiu ao MDB a adesão de um contingente significativo de pessoas que poderiam votar nele. No contexto da ditadura, era muito importante garantir vagas dentro da Assembleia Legislativa estadual, portanto, o convite feito por membros do MDB da região para que G.K. fosse candidato também era estratégico, uma vez que a possibilidade de eleger um deputado estadual a partir de Marechal Cândido Rondon, um dos municípios brasileiros onde a força da Arena era nacionalmente reconhecida, fortificaria muito diretamente o MDB.

Para disputar uma campanha política em uma região na qual o predomínio político era da Arena (Marechal Cândido Rondon), era necessário estar ciente que o conflito iria ser grande. Neste sentido foi oferecida uma ajuda financeira para a campanha eleitoral. De acordo com José Carlos Alcântara em 1974, o MDB havia adotado algumas estratégias para conseguir aumentar seu público. Essas medidas continuaram nas eleições de 1978, em que a campanha não poderia ser apenas na base da panfletagem, discursos no rádio e televisão e palanques, era necessário ir onde os eleitores estavam, ou seja, em suas casas.

Entretanto, apenas a ajuda financeira não resolvia o problema. Para que G.K. iniciasse a sua campanha política, era necessário deixar o pastorado e seu cargo na CPT. Dom Agostinho Sartori, seu companheiro na CPT, como forma de exigência só aceitaria a sua saída e apoiaria a candidatura, caso encontrasse alguém com o mesmo perfil teológico e político que G.K.

Sendo assim, Werner Fuchs assumiu o secretariado da CPT. Em 1978, G.K. iniciou a sua campanha para deputado estadual pelo Paraná. Não havia muitas expectativas sobre a sua vitória, mas o simples fato de se candidatar já demonstrava determinado interesse em fazer parte do meio político. Se observarmos, as relações que o campo político e religioso mantém, apesar de se apresentarem distintos e com características próprias, os diálogos estabelecidos por eles são diversificados, e que justamente por isso conseguimos interrogar as suas formas de ação e compreender como as ações da Igreja puderam moldar ou instruir politicamente os cristãos.

Além da questão religiosa, outro elemento e de certa forma o mais importante referente ao anseio da candidatura de G.K era o deputado estadual, Werner Wanderer. Mencionamos brevemente quem foi esse sujeito para compreendermos as relações políticas sociais principalmente na cidade de Marechal Cândido Rondon e

também porque foi o adversário principal de G.K. Werner Wanderer entrou no meio político na década de 1960, sendo o segundo prefeito de Marechal Cândido Rondon. Além disso, foi deputado estadual no Paraná pelo partido da Arena, esse que detinha grande poder em relação à questão partidária do país, devido ser o partido de apoio a ditadura civil militar.

Relatamos um pouco sobre a trajetória de Werner Wanderer, por conta do papel social e político que ele exerceu sobre a região Oeste do Paraná. Em relação a uma das campanhas políticas que ele saiu como candidato a deputado estadual pelo Paraná, precisamente em 1974, Koling relatou as relações de poder que o ex-prefeito detinha.

O arenismo, ou melhor, o wernismowandereismo já imperava, pois obteve 13.800 votos nas eleições de 1974, isto apenas entre os eleitores rondonenses. Naquela eleição os candidatos da ARENA somaram mais de 95% dos votos, correspondendo ao maior índice proporcional em favor do partido da ditadura no país.⁷⁰

Como já foi mencionado nessa pesquisa, a região Oeste do Paraná era considerada área de segurança nacional. Os prefeitos eram nomeados e utilizavam desse poder para inserir integrantes da Arena em cargos nas prefeituras, sendo que a participação de integrantes do partido opositor, o MDB era minoritário. Isso indicou as dificuldades que o partido opositor encontrava e encontrou durante o período ditatorial para eleger algum candidato.

Ponderando a partir da contribuição de Koling, o domínio político que Werner Wanderer possuía sobre a região do extremo Oeste paranaense, era muito forte. Diante disso, um questionamento presente é de que forma G.K. conseguiu se eleger nesse contexto já definido de poder. Em 1978, esse cenário começou a se transformar com a candidatura de um pastor criticado pelos políticos tradicionais de Marechal Cândido Rondon. Uma das coisas que chamaram a atenção nessa campanha foi o seu reconhecimento pela metáfora “do tostão contra o milhão”. Indicarmos isso, foi uma forma de reconhecer o conjunto social que G.K. estava inserido e quais desafios eram necessários enfrentar.

⁷⁰ KOLING, Paulo. Sociedade e política em Marechal Cândido Rondon.p. 363

Diante disso, seus materiais de campanha foram criados a partir desse conhecimento que ele tinha sobre a sua localidade, pois o seu foco de atuação pautava-se na região Oeste. Entretanto, ao indicarmos sobre seus materiais de campanha, devemos considerar que eles não foram seu ponto chave nesse processo eleitoral, mas considerar que foi a vivência dele com a sua comunidade religiosa, pequenos agricultores e a própria atuação na CPT, é que fizeram realmente ele ter domínio em seu discurso na hora de seus comícios.

Ao narrar isso, ele construiu uma memória que justificou a sua vitória como deputado nas eleições de 1978. Em um dos seus escritos biográficos que disponibilizou à pesquisadora, ele relatou a história referente ao seu material de campanha mais conhecido.

Um dia a cidade de Mal. Cândido Rondon amanheceu com um enorme K dentro de um círculo pintado com cal no asfalto nas esquinas dos principais entroncamentos.

Sem saber ao certo a quem atribuir este mistério a prefeitura toma providencias de borrar esta sujeira do asfalto. No entanto o K volta aparecer e desta vez com tinta mais forte. A prefeitura mais uma vez toma as providências e joga piche sobre aquelas manchas. Vem a chuva e o K volta a aparecer por conta da natureza. A prefeitura abandona o incômodo serviço, pois não tinha maior sentido ficar apagando este k teimoso.⁷¹

O que nos chamou a atenção nessa narrativa estruturada por G.K foi o valor que ele atribuiu à letra K. Nesse sentido foi importante notarmos como o diálogo entre a história e a memória são importantes. Ele construiu aqui uma memória um tanto poética acerca da sua campanha política em que narrou uma lembrança que é do passado, mas que foi relatada no presente. Essa construção resultou da imagem que ele buscou apresentar dele enquanto um sujeito, que confrontou o que estava imposto naquele momento em especial, na cidade de Marechal Cândido Rondon. Vimos isso, quando chegou em 1975 e já teve um conflito com o deputado Werner Wanderer em que posteriormente foi seu rival político. Frente a essas situações, ambos os lados precisaram criar maneiras de se elegerem como deputados.

⁷¹ Retirado de um dos seus escritos bibliográficos disponibilizados a Fabiana Chaparini.

Desta forma, uma estratégia utilizada por W.W.⁷² foi se utilizar do meio midiático, a rádio local para afrontar seu opositor G.K, em que a transmissão de informações acabavam construindo significados sociais. Partindo da narrativa⁷³ de G.K, o que estava sendo difundido pela rádio, instigou as pessoas a acompanharem a campanha eleitoral do designado “pastor do diabo”. Isso fez com que o interesse fosse despertado pela curiosidade da população próxima da cidade de Marechal Cândido Rondon, em que lotavam os salões das comunidades e escolas, locais estes que eram realizados os comícios.

A partir desse momento, as coisas começaram a mudar. O que antes talvez pudesse ser considerado pela população local como uma afronta, no momento que as pessoas começaram a frequentar os comícios do MDB, essa ideia começou a ser transformada. Um elemento importante nessa caminhada foram as propagandas impressas.

Inicialmente a fabricação dessas propagandas no papel eram realizadas por voluntários. Esses materiais impressos por eles eram feitos sobre retalhos de jornais, sendo carimbado a identificação de G.K., seu partido e o número.

Em seguida apresentaremos uma imagem que foi retirada do fundo Gernote Kirinus, que está localizado no CEPEDAL. As propagandas políticas impressas da campanha de G.K, se encontram nesse fundo nas pastas intitulados MACAPE. Lá encontramos vários panfletos em relação as suas campanhas políticas, porém selecionamos as correspondentes ao primeiro mandato dele, no caso do ano de 1978.

⁷² A partir de agora utilizaremos a sigla W.W para designar a figura de Werner Wanderer.

⁷³ Escrita baseada a partir da entrevista realizada pela pesquisadora dessa dissertação com Gernote Kirinus e dos seus escritos bibliográficos.



FIGURA 1. Material de campanha política de G.K.

Fonte: Imagem retirada da pasta MACAPE do Fundo Gernote Kirinus

Essa foi uma das primeiras propagandas impressas da campanha política de G.K. para o ano de 1978. Ele relatou em um dos seus textos biográficos como foi a recepção dessa propaganda pelos seus adversários.

Os adversários faziam piadas e escárnios sobre a pobreza de nossa campanha que não tinha uma propaganda decente. O jornal HOJE sustentado pela prefeitura a nosso pedido desenhou uma caricatura do candidato com uma calça remendada um chapéu de palha esfrangalhado na mão pedindo um votinho pelo amor de Deus.

Este jornal foi o tema durante a semana dos nossos comícios, reuniões e conversa dos cabos eleitorais denunciando os adversários sobre o escárnio e a crueldade com que enxergam os mais pobres.

Esta propaganda se espalhou como fogo rasteiro sobre um campo seco depois de uma geada. E adesão dos mais pobres à campanha crescia dia a

dia, pois estavam sufocados pela falta de liberdade e a falta de uma oposição corajosa que enfrentasse os usurpadores do poder local.⁷⁴

A trajetória de G.K sempre esteve permeada por uma crença religiosa. Mesmo ele rompendo com determinadas práticas religiosas, a crença que carregava consigo, no caso em 1978 ainda era presente, pois o diálogo estabelecido por ele estava inserido dentro de um contexto religioso. Compreendemos que seu eleitorado era de uma classe mais pobre. Sendo assim, ao G.K. dialogar com essas pessoas, moldava seu discurso partindo de metáforas sobre opressão que aqueles sujeitos sofriam fundamentadas na teologia.

Essa perspectiva de opressão estava muito presente no cristianismo, e a forma de luta contra isso, está baseada na esperança e no futuro. Se observarmos, o discurso de campanha eleitoral também esteve baseado nessa perspectiva. G.K. se colocou na mesma situação que seu público como forma de padronizar experiências. Partindo da perspectiva de Bourdieu, entendemos a postura adotada pelo candidato a deputado estadual pelo MDB foi resultado de uma conjuntura inserida dentro de uma hierarquia de autoridade de fala.

Essa fonte produzida por G.K. nos remete ao que Bourdieu chamou a atenção em que “todo o ato de fala e, de um modo geral, toda ação é uma conjuntura, um encontro de séries causais independentes”⁷⁵. A sua fala foi constituída por elementos socialmente construídos a partir dos hábitos linguístico, em que os discursos já estão gramaticalmente estabelecidos e também arquitetados por um mercado linguístico pronto.

Ao se candidatar, a relação social de G.K. se amplia. Antes da sua candidatura, o círculo de contato dele era muito restrito ao seu pastorado (não que ele não tivesse contato com outros círculos, mas a intensidade não era a mesma), porém quando começou a divulgar a sua campanha passou a ter contato com um público que não era apenas da IECLB ou referente à CPT. Quando ele viajava até as áreas rurais, diversas vezes voltava com produtos produzidos pelos próprios sitiantes. Podemos descrever essas situações dentro de um campo social multidimensional, em que os indivíduos possuíam valores diferenciados a partir das variáveis de seus capitais.

⁷⁴ Retirado de um dos seus escritos bibliográficos disponibilizados a Fabiana Chaparini.

⁷⁵ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. EDUSP. 1996.P:24.

Ao analisarmos a primeira campanha política de G.K, conseqüentemente esbarramos pela memória. Em seus relatos atribui que, em muitos casos conquistou seu público pela imagem marginalizada que ele tinha. Ao nos depararmos com isso, é necessário compreender que isso é uma construção dele. Assim como aponta historiador Traverso precisamos entender que a história supõe um olhar exterior sobre os acontecimentos do passado, enquanto a memória implica uma relação de interioridade com os factos relatados⁷⁶. Independente da conduta de W.W (até mesmo porque não é de interesse desse trabalho analisar isso), o fato é que G.K. obteve muitos votos devido a sua trajetória enquanto militante ao lado das pessoas que estavam sofrendo por injustiças, principalmente em torno da terra, seja pela ação dos jagunços ou pela violência da Itaipu Binacional.

Frente a esse contexto de agravamento de problemas agrários na região Oeste do Paraná, G.K. passou a ter uma atuação mais conhecida além do jargão “pastor do diabo”, ou “pastor comunista⁷⁷”. Essa atuação fez com que o “slogan” da campanha dele fosse: “Obrigado pela sua coragem de ser livre”.



FIGURA 2. Material de campanha política de G.K.

Fonte: Imagem retirada da pasta MACAPE do Fundo Gernote Kirinus.

Esse foi outro material de campanha dele impresso e que foi entregue durante o processo eleitoral. O slogan da campanha chamou muito a atenção, pois ele foi

⁷⁶ TRAVERSO, Enzo. O passado, modos de usar. Lisboa, Unipop, 2012. P:33

⁷⁷ Ao trazermos esses jargões na escrita, destacamos que retiramos eles das narrativas que Gernote Kirinus nos disponibilizou.

formado a partir do rumo que ela começou a tomar. Se lembrarmos, o momento da sua produção ocorreu ainda quando existia a censura da ditadura civil militar. Diante desse fato, a forma que encontramos de analisarmos essa imagem ocorreu pelo discurso. Conforme leituras realizadas do autor Francisco Ferraz⁷⁸, era comum utilizar nas propagandas eleitorais a contextualização da história para demonstrar que determinada situação era melhor ou pior que as anteriores.

Como sabemos, desde o início G.K sofreu com perseguições de âmbito político. Para além disso, outro elemento está presente: a Lei Falcão. Essa lei foi desenvolvida em 1976, e designava que as propagandas deveriam ser limitadas na televisão e no rádio, como forma de igualar os candidatos. Entretanto, ela não proibia que candidatos à reeleição fizessem discursos ou se pronunciasse sobre suas campanhas em ocasiões de inaugurações de obras ou outras atividades da prefeitura, em que o prefeito deveria estar presente. Sendo assim, W.W se aproveitava dessas aberturas que a prefeitura dava, pois, o prefeito era do seu mesmo partido, o que prejudicava G.K.

Essa estratégia usada permitia que certos candidatos tivessem uma abertura maior para se pronunciar, além daquela que era permitida oficialmente. W.W já era deputado estadual em 1978 e estava novamente concorrendo às eleições. Diante disso, em uma solenidade que a prefeitura estava promovendo em Marechal Cândido Rondon, W.W utilizou da brecha para prestigiar o evento e discursar sobre a sua campanha para a reeleição. Em consequências, para G.K essa abertura não o favoreceu, pois ele era oposição ao governo local e não tinha sido eleito.

Sabendo disso, um dos membros do grupo, de campanha de G.K, Matias Seibot resolveu juntamente com ele montar uma barraca na frente do evento. Ela tinha como descrição “Reclamações aqui”, indicando ser uma barraca do candidato G.K. do MDB. O objetivo era receber as queixas da população que se sentisse à vontade de expor seus incômodos da situação política daquele momento. Aqui vimos a cena que compõe e estrutura todo o processo político, o diálogo entre o eleitor e o candidato. É importante notarmos que é nesse diálogo que os eleitores evidenciavam seus planos, projetos e interesses ao candidato político.

Finalizamos esse tópico ressaltando que a campanha política de G.K. aconteceu em um meio conturbado, repressivo e de censura. Entretanto, mesmo com

⁷⁸ FERRAZ, Francisco. Manual completo de campanha eleitoral. Ed: L&pm, 2004.

essas dificuldades, vemos que ela foi desenvolvida dentro de uma perspectiva em que buscava dialogar com elementos do contexto na qual os seus eleitores estavam inseridos.

G.K. conseguiu em pouco tempo atingir um público marcado pelas injustiças. Isso é perceptível pela sua atuação desde 1975 quando começa a ter conhecimento dos problemas agrários na região que afetavam os pequenos agricultores e que muitos desses eram membros da IECLB que ele pastorava. Naquele momento ele deu continuidade a um trabalho social que realizava no Rio Grande do Sul e no Peru. Claro que os contextos eram diferentes, antes G.K estava em um meio urbano, em que os conflitos sociais eram diferentes que ele encontrou no Oeste paranaense, mas a perspectiva adotada por ele baseada em Paulo Freire era a mesma. Quando indicamos isso, é por compreender que essa atitude que ele tomou frente à situação possibilitou para que se formasse um público eleitoral pós-definido. Desta forma o próximo item tenta apresentar como aconteceram as eleições e de forma breve como G.K atuou dentro do plenário Legislativo, introduzindo assim o próximo tema do terceiro capítulo.

2.5 A ELEIÇÃO DE G.K: “PARA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARANÁ”

As eleições no Brasil em 1978 tiveram um caráter diferente das anteriores, tendo como motivo, ser a última bipartidária. O MDB teve um grande avanço nas eleições de 1974 e 1978. Em âmbito geral, como aponta José Carlos Alcântara⁷⁹, o partido contava com um grande número de militantes, de diversos grupos de oposição: estudantes, militantes partidários, ativistas sociais da Igreja, e membros dos movimentos pela anistia política, pelos direitos das mulheres e dos negros.

O MDB nas eleições de 1978 obteve um significativo resultado em diversos estados do Brasil, inclusive no Paraná. Segundo o autor, o partido teve um bom desenvolvimento perante a atuação da Arena⁸⁰. Em relação aos candidatos a deputados estaduais no Paraná, o MDB mesmo perdendo para a Arena conseguiu eleger vinte e quatro deputados estaduais contra trinta e quatro pela Arena. Ao

⁷⁹ ALCÂNTARA, José Carlos. “ O dualismo partidário no período de 1966 a 1982 e sua representação local/ José Carlos Alcântara- Assis, 2004.346 f.

⁸⁰ Idem, 2004. P:111

analisarmos isso, não podemos desconsiderar o resultado favorável, pois o contexto em que aconteceu essa eleição como já sabemos era de repressão.

A primeira eleição que G.K participou como candidato por uma vaga nas cadeiras da Assembleia Legislativa no Paraná, ocorreu no dia 15 de novembro de 1978. O processo de apuração dos votos levava alguns dias, e a forma de publicar os eleitos também acontecia de forma diferente que nos dias atuais. G.K e a sua família acompanhavam as notícias do processo eleitoral e até então seu nome não havia aparecido como eleito, ao contrário do seu adversário, Werner Wanderer que havia sido eleito pela segunda vez.

Existiu uma passagem nessa história muito marcante. Como forma de comemoração, W.W montou uma carreata pela cidade. A história dessa carreata ficou marcada na memória da esposa de G.K, por ter presenciado o momento. O acontecido foi que colocaram um caixão em cima do caminhão, sendo que nele estava escrito o nome de G.K. O conhecimento que tivemos sobre essa história foi por meio da narrativa de Gloria Kirinus. Para além disso, se indagar G.K sobre esse fato ele narrou a partir da construção da fala de sua esposa, pois no momento que isso aconteceu, ele havia ido para Cascavel renovar a sua Carteira Nacional de Habilitação (CNH).

De acordo ainda com as narrativas que Gernote Kirinus e Gloria Kirinus disponibilizaram para essa pesquisa, quando Gloria ficou sabendo que G.K havia sido eleito, de forma rápida foi comunicar os amigos e eleitores. Sendo assim, se encontraram na casa de um amigo, festejando a vitória.

A história escreve-se sempre no presente e o questionamento que orienta nossa exploração do passado modifica-se segundo as épocas, as gerações, as transformações da sociedade e os percursos da memória colectiva.⁸¹

Ao abordarmos isso, não temos como intenção em julgar tais ações, mas sim, compreender dentro desse contexto o que tal atitude representava naquele momento, e como atualmente ela é representada. A memória é uma construção filtrada, assim como apontou Traverso.

Eleito, o seu primeiro pronunciamento na Assembleia Legislativa esteve voltado a uma crítica ao partido da Arena. Nele relatou os problemas que em especial, o

⁸¹ TRAVERSO, Enzo. O passado, modos de usar. História, memória e política. Lisboa, 2005. Unipop. P, 157.

município de Marechal Candido Rondon estava passando com a falta de liberdade de expressão política.

... lá não faltam secretários de prefeitura que ficam em plena noite, de cócoras atrás dos carros, anotando a placa dos que vieram participar das reuniões cívicas do MDB, para no dia seguinte perseguir e intimidar. Estes tentáculos da tirania do Executivo fazem-se sentir em toda a região Oeste, nos municípios de faixa de segurança nacional, que vão de Guaira a Foz do Iguaçu.⁸²

Esse pronunciamento foi proclamado no dia doze de março de 1979, intitulado “Do púlpito à tribuna”. Mesmo ele tendo se afastado do pastorado, G.K. não rompeu os laços com o campo religioso. Pelo contrário, as relações ainda permearam a sua trajetória enquanto deputado e isso pode ser analisado quando em seus pronunciamentos na Assembleia Legislativa partia do seu conhecimento religioso para problematizar situações referentes ao plenário.

Isso é o que Pierre Bourdieu ao tratar sobre os campos visou destacar. Por mais que os campos sejam divergentes, eles não são separados, mesmo se apresentando como, ou seja, os sujeitos estão inseridos dentro de uma sociedade em que tem pilares as relações de poder, que se originam de vários campos, mas que sempre estão dialogando.

Relacionando isso com a atuação de G.K. na Assembleia, em vários momentos das suas falas no plenário relacionou os temas de seus pronunciamentos partindo de elementos religiosos, como histórias da Bíblia, como vemos a seguir.

Este é o princípio fundamental que faz com que um teólogo também venha a se interessar pela administração e à justa distribuição das riquezas naturais e, principalmente, quando o governo já não o faz com justiça e responsabilidade.

Não poderíamos ficar simplesmente presos à pregação de princípios, ao ver que o desrespeito ao homem está a corroer a tranquilidade da vida social.⁸³

⁸² Entre a cruz e a política. Editora Beija-Flor. P:25

⁸³ Idem. P: 20

Esse pronunciamento é de março de 1979. Analisarmos esse tipo de fonte é nos depararmos com a prática do discurso. Para aborda-lo foi necessário adotar uma metodologia que permitisse perceber as condições da produção dessa fonte, situando o objeto e o protagonista dentro de um contexto, período, vocabulário entre outros elementos que aparecem no decorrer das análises⁸⁴.

Mesmo ele atuando no campo político, ele ainda carregava consigo o hábito que adquiriu pelo capital simbólico no meio religioso. Sua trajetória enquanto militante social, pastor e deputado, se relacionam e se intensificam à medida que passa a atuar principalmente no movimento dos expropriados pela Itaipu. Se observarmos a sua atuação ao lado de sujeitos que sofriam com problemas agrários aconteceu antes de se tornar candidato, porém a intensificação da sua atuação e seu reconhecimento se dá no movimento em torno da Itaipu.

As intrigas entre G.K. e W.W refletiram na tribuna. Por serem dois deputados da região Oeste do Paraná, suas atuações eram distintas. W.W compartilhava da perspectiva das grandes obras faraônicas como forma de modernização do país, não levando em conta os problemas que isso causavam. Ao contrário, o deputado de oposição ao partido da Arena julgava o rumo que essas obras tomavam, no caso em especial, a Itaipu, por estar próxima a ele e principalmente ao seu eleitorado. Em grande medida, seus pronunciamentos eram baseados em críticas e experiências vivenciadas em torno de W.W.

E agora, no limiar de seu governo, confirmou-se mais uma vez a tirania executiva quando nomeou um interventor em Marechal Cândido Rondon. A escolha e fez dentro de um regime político inconstitucional adverso à vontade daquele povo. E lá está nomeado mais um mini-ditador a garantir os votos da Arena, através de ameaças (...).⁸⁵

Essa fala de G.K. na Assembleia Legislativa, além de criticar a atuação da Arena na cidade de Marechal Cândido Rondon, em especial a atuação de W.W, também foi uma forma do MDB se consolidar na Assembleia, partindo da língua afiada do deputado, G.K.

⁸⁴ Escrita baseada a partir da contribuição da autora Eni Puccinelli Orlandi: A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4^o ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

⁸⁵ Entre a cruz e a política. Editora Beija Flor; P: 24.

O deputado do MDB ficou muito conhecido por se posicionar fortemente contra a Arena e também pela imagem criada dele pela oposição. Sendo assim, destacamos um episódio marcante nessa trajetória de G.K enquanto deputado, que foi o incêndio em seu gabinete, em Curitiba. O fogo foi causado por um sargento de oposição, que havia conhecimento sobre a Assembleia. De acordo com G.K, esse militar vivia pelos corredores e em um determinado dia incendiou o gabinete. O deputado não soube dizer se esse ato foi a mando de alguém ou apenas uma forma desse tenente se impor frente a sua oposição partidária. O que chama a atenção é a repercussão que aconteceu na região Oeste do Paraná, em especial com um eleitor de G.K que pediu um esclarecimento sobre tal assunto.

G.K sempre deixou claro seus objetivos e perspectivas políticas. Na tribuna sempre se pronunciava contra as ações do governo de Geisel e de seus parceiros da Arena. Um de seus temas principais no plenário no seu primeiro mandato, como deputado estadual foi referente à luta dos agricultores contra a Itaipu Binacional, na região Oeste.

Estava acontecendo um descaso com os agricultores na região que seria alagada pelo Lago de Itaipu. Isso foi a consequência de uma ação do governo que justificava tal ação como necessária para o crescimento do país. Porém, ela foi além de um projeto econômico, sendo também uma forma de controlar a fronteira do país de sujeitos considerados pela ditadura como inimigos da nação.

Sendo assim, o próximo capítulo visa analisar como que o deputado estadual passa a agir e atuar principalmente com os agricultores que estavam enfrentando problemas causados pela construção da Usina de Itaipu. Desta maneira, buscamos compreender em que medida a sua atuação foi mediadora ou não no movimento Justiça e Terra com os expropriados pela Itaipu.

CAPÍTULO III

Gernote Kirinus e os conflitos agrários no Oeste Paranaense (1970-1980)

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo buscamos discutir os conflitos agrários ocorridos na região Oeste do Paraná entre as décadas de 1970 e 1980. Como o objetivo dessa dissertação era ter conhecimento sobre a região Oeste do Paraná durante esse período a partir da atuação de G.K, o capítulo focou praticamente no Movimento Justiça e Terra.

As análises sobre os conflitos agrários que foram feitas nesse capítulo, abrangeram as décadas de 1970 a 1980. A escolha do recorte temporal, se deu por entender que a atuação de G.K, tanto como pastor até 1976, e posteriormente como deputado estadual ocorreram durante esse período. O contexto histórico social no Paraná, em grande medida sempre esteve marcado pelos conflitos agrários. Se observarmos, grande parte da literatura produzida sobre essa temática, as regiões como o Oeste e Sudoeste do Estado foram pontos centrais dessas análises.

Neste sentido buscamos dar preferência a analisar o Movimento Justiça e Terra (MJT). De forma breve relatamos que o MJT foi resultado das ações que a Itaipu Binacional tomou, forçando assim os expropriados de terras por ela, se unirem e lutarem contra as injustiças. De acordo com o livro “A taipa da injustiça”⁸⁶, o processo durou oficialmente por cinco anos, muitos expropriados que ainda não haviam saído de suas terras, acabavam sendo prejudicados pela falta de infraestrutura, pois o governo não investia mais nessas localidades. Para além dos problemas físicos de infraestrutura, devemos considerar outro elemento que permeou e influenciou muito nas decisões dos afetados pela Itaipu: o psicológico. Ao analisarmos esse ponto precisamos ter cuidado, por ele ser complexo, pois os sujeitos construíram sentimentos e crenças que nortearam em grande medida suas trajetórias, além de pensarmos que migrações forçadas causam grandes impactos. O MJT foi um movimento que contou com diversas participações de apoio, sendo o caso de G.K.

Quando a Itaipu Binacional começou os processos indenizatórios em 1978, G.K ainda não era deputado, mas já fazia parte da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Isso permitiu que ele tivesse um conhecimento maior sobre o contexto da região naquele momento. Além disso, pouco tempo atrás havia deixado de atuar como pastor, o que também permitiu a ele conhecer a partir da sua comunidade religiosa de Entre Rios do Oeste, o que estava acontecendo com a população rural. Esses elementos permitiram que ele construísse uma campanha política de acordo com as necessidades dessa região, se elegendo assim por três mandatos.

As fontes utilizadas para essa pesquisa foram praticamente continuação das que já tinham sido utilizadas nos capítulos anteriores. São elas: Entrevista cedida por G.K., livro da Editora Beija-Flor, documentação do DOPS e o Jornal Nosso Tempo. Sendo assim, não vamos descrever novamente as fontes que já foram utilizadas nos capítulos anteriores, dando foco apenas para as que não estiveram presentes anteriormente.

Iniciamos a relatar sobre o documento utilizado da pasta do DOPS/PR. Esse documento foi encontrado na pasta do DOPS referente à cidade de Santa Helena. O documento retratou uma extorsão policial sobre um indenizado da Itaipu Binacional, ocorrida em na localidade do Pacuri.

⁸⁶ MAZZAROLLO, Juvêncio. A Taipa da Injustiça: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu: 2ª Ed. Loyola, São Paulo, 2003.

A segunda fonte a ser descrita é o Jornal Nosso Tempo. A utilização desse periódico contribui para conhecermos e visualizarmos como a imprensa estava cobrindo e se posicionando sobre determinado problema social, no caso o MJT. A estrutura do texto está dividida em dois tópicos. O primeiro apresentamos de forma geral o contexto agrário paranaense, e as políticas de modernização da agricultura. Para isso foram utilizadas bibliografias referentes ao assunto, para que pudéssemos apontar de forma pontual os aspectos que caracterizaram os conflitos agrários.

O segundo tópico ficou mais voltado para as análises de fontes. Nele foi descrito os problemas agrários no Oeste paranaense entre 1970 e 1982. Chamamos a atenção que focamos principalmente na atuação de G.K no MJT, apresentando apenas um caso de violência agrária fora do movimento dos expropriados, mas que tinha relação direta com ele.

Sendo assim, concluímos a introdução apontando que, mesmo havendo outras lutas agrárias na região, durante esse período que abordamos, praticamente todas estavam dialogando com o problema social que a construção da Usina Itaipu Binacional causou. Para além disso, buscamos compreender como o MJT se formou partindo dos problemas sociais, mas sendo orientados por pessoas do meio religioso, tanto católico quanto luterano.

3.2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA

Analisar o processo de modernização agrícola no Brasil foi uma tarefa ampla e complexa. O recorte temporal dessa pesquisa remeteu às décadas de 1970 e 1980. Entretanto, para compreendermos os problemas agrários na região Oeste do Paraná, foi necessário apresentarmos elementos que condicionaram tais políticas.

Até a década de 1960, o Brasil era um país rural. A industrialização ainda estava voltada para a produção nacional, sendo que apenas em 1970 e 1980 esse cenário começa a se transformar. Uma das principais estratégias realizadas durante o período militar brasileiro foi a transformação da agricultura convencional, ligada ao pequeno camponês para uma agricultura voltada para a industrialização. Neste contexto, algumas políticas públicas foram incorporadas no meio rural brasileiro, como a concessão do Crédito Rural.

Devido as transformações que estavam ocorrendo na década de 1960 no Brasil, a demanda por energia elétrica aumentou. Diante desse processo, surgiu a possibilidade da construção de uma usina hidrelétrica. Esse processo foi longo e complexo, passando inclusive por discussões com a Argentina. Porém, na década de 1970, essa situação mudou, sendo que em 1973, o Estado brasileiro e o Estado paraguaio, sendo governado por Alfredo Stroessner Matiauda assinaram legalmente um tratado referente à construção da Usina Binacional de Itaipu, em que se pudesse aproveitar o Rio Paraná.

De acordo com leituras realizadas a partir do trabalho da autora Edina Rautenberg, foram cerca de oito anos para a preparação da construção da primeira unidade geradora. Conforme a autora,

A Itaipu foi concebida e construída sob a égide do desenvolvimento econômico nacional, haja vista a significativa ânsia em transformar o Brasil em um país empreendedor e uma grande potência que objetivou alavancar o progresso do setor industrial interno, através da geração de energia elétrica para suprir as demandas exigidas para o desenvolvimento do Brasil e almejando o mercado externo.⁸⁷

O discurso da Itaipu Binacional foi o de que a sua construção estava voltada apenas para o desenvolvimento econômico como está expresso na citação acima. Porém, a construção da Usina não foi apenas um investimento econômico, mas sim uma política de estratégia inserida dentro da perspectiva da Doutrina de Segurança Nacional (DSN). Pelas leituras realizadas da documentação do DOPS, a localização da sua construção, na fronteira com Paraguai e Argentina, também foi estratégica.

A região Oeste já era considerada propícia a ser palco de movimentos considerados subversivos⁸⁸. Essa região sempre esteve em constantes conflitos agrários, até mesmo porque foi um elemento marcante dessa região. Porém, com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu na fronteira com o Paraguai e Argentina, essas disputas por terras se intensificaram.

⁸⁷ RAUTENBERG, Edina. A REVISTA VEJA E AS EMPRESAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL (1968-1978); Marechal Cândido Rondon, 2011 ; P 337.

⁸⁸ Essa informação refere-se a leitura realizada da documentação do DOPS na pasta AESI sobre a Itaipu Binacional.

A proposta seguinte é demonstrar o Movimento Justiça e Terra (MJT) partindo de uma análise vinculada à trajetória de G.K Sendo assim, a discussão estará em torno de como que G.K atuou nesse movimento.

3.3 CONFLITOS AGRÁRIOS

Os conflitos agrários na região Oeste se intensificaram com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Anteriormente foi citado como o extremo Oeste paranaense passou a ser considerado Área de Segurança Nacional, sendo monitorado por cento e cinquenta quilômetros. Dessa maneira, as próximas escritas abordam principalmente os conflitos agrários causados pela Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Os documentos retirados das pastas do DOPS/PR, estiveram em grande medida relacionadas com a construção da Usina, pois G.K participou intensamente desse processo com os agricultores expropriados pela Itaipu, no MJT. Entretanto, ele também esteve presente em outros processos de conflitos pela terra na região. Sendo assim, na medida do possível, fizemos a articulação desses conflitos com a trajetória do até então pastor no Oeste paranaense.

A Itaipu Binacional foi um projeto desenvolvido na década de 1960. Valdir Sessi⁸⁹, em seu trabalho, apontou que as primeiras reuniões e negociações sobre a Itaipu ocorreram ainda no governo de João Goulart. O projeto visava aproveitar o Rio Paraná, na produção de energia elétrica. O Brasil faz fronteira com Paraguai e Argentina, separados por dois rios: O rio Paraná e o rio Iguazu. Diante disso, o Paraguai ao saber do projeto brasileiro sobre a construção da Usina Hidrelétrica, no Salto das Sete Quedas, parte da fronteira com o Paraguai, posicionou-se em torno de questões diplomáticas. De acordo com Sessi,

Logo que a ideia de se aproveitar o potencial hidrelétrico do Rio Paraná chegou às autoridades paraguaias, foi levantada uma série de questões de ordem diplomática acerca das divisas entre os dois países, na altura do Salto das Sete Quedas, inundado no início da década de 1980. Tal questionamento impediria o Brasil de construir a barragem, sem a participação do Paraguai.

⁸⁹ SESSI, Valdir. O povo do abismo”: Trabalhadores e o aparato repressivo durante a construção da hidrelétrica de Itaipu(1974-1987); Dissertação de mestrado em História; Marechal Cândido Rondon, 2015: P 295

Outro ponto importante era a questão do desnível do Rio Paraná, pois não havia espaço para duas barragens, potencializando, neste sentido, a demanda levantada pela chancelaria paraguaia.⁹⁰

Com o golpe militar brasileiro de 1964, os diálogos entre os países se intensificaram, sendo que o Paraguai também estava vivendo uma ditadura severa, liderada pelo ditador Alfredo Stroessner Matiauda. Inicialmente a proposta da construção da usina era para acontecer em Guaíra, onde estavam localizadas as Sete Quedas. Entretanto com as negociações com o Paraguai, foi definido que a opção cabível para a sua construção seria em Foz do Iguaçu, também região Oeste do Paraná. Então em 1973 foi assinado o Tratado de Itaipu, institucionalizando assim a sua construção em Foz do Iguaçu.⁹¹

Como a ditadura civil militar⁹² estava instaurada e junto com ela o Terror de Estado, o tratado entre Paraguai e Brasil, propiciou que houvesse a intensificação da repressão. Ambos os países estavam inseridos dentro da Doutrina Nacional de Segurança (DSN). De acordo com Rossi⁹³, a DSN é oriunda das escolas nacionais de Guerra dos Estados Unidos, em que propagaram pelo continente.

Uma das formas do governo ditatorial imperar sua autoridade era por meio do controle de entrada e saída dos sujeitos do Brasil. Frente a isso, Itaipu Binacional foi para além de interesses econômicos, mas sim uma articulação do Estado. Essa estratégia era utilizada como forma de expor a sua violência por diversas formas de poder aos sujeitos que de alguma forma eles consideravam irem contra o Estado. Muitas leituras acerca do período ditatorial⁹⁴, nos apontaram como eram articuladas as estratégias para controlar as fronteiras. Com esse cenário, a escolha do local para a construção da Usina também foi estratégica, sendo escolhida a cidade Foz do Iguaçu, possibilitando assim um maior controle de entrada e saída dos sujeitos de ambos os países como já mencionamos.

A amplitude do impacto que a Itaipu causou foi muito grande. Famílias ficaram desalojadas, sem suas casas, propriedades de terra, empregos, mas para além da questão física foi necessário compreendermos o que essa perda representou. Para

⁹⁰ Idem, 2015: P 25.

⁹¹ Essa interpretação foi realizada a partir da leitura da pesquisa de Sessi.

⁹² Este conceito está baseado nas leituras realizadas de Dreifuss.

⁹³ ROSSI, Clóvis. Militarismo na América Latina; Brasiliense; São Paulo. 1984; 2º edição. P: 90

⁹⁴ Podemos destacar vários estudiosos sobre o tema, mas destaco as leituras incorporadas de Enrique Padrós.

além desses problemas materiais e financeiros, as maiores perdas foram as que interferiram no modo de vida dessas pessoas. É necessário considerarmos que essas perdas físicas de seus bens estavam relacionadas com o sentimento que eles construíram a partir das suas conquistas e que perderam em um piscar de olhos.

A devastação que a Itaipu estava causando na região Oeste do Paraná e na região ribeirinha do Paraguai era justificada pela própria Itaipu como sendo necessária. Uma maneira de fundamentar essa necessidade que a Itaipu estava propondo era a afirmação pelo discurso⁹⁵. Grande parte dos discursos difundidos pela Itaipu Binacional eram pelas propagandas feitas pela própria empresa. Segundo Mascarenhas,

a propaganda ideológica foi fortemente utilizada para convencer a todos que os projetos energéticos, como a construção da Usina de Itaipu, era essencial para o “desenvolvimento” do país e para que isso ocorresse era necessário o sacrifício de alguns⁹⁶.

Com o início das obras, as primeiras famílias desapropriadas foram as da cidade de Foz de Iguaçu, onde estariam localizados os canteiros das obras. Porém, esse processo se intensificou a partir de 1978. As localidades ameaçadas pela desapropriação, por conta da inundação que iria ocorrer pelo fechamento das comportas em 1982, eram: Entre Rios do Oeste, Diamante do Oeste, Guaíra, Marechal Cândido Rondon, Mercedes, Pato Bragado, Terra Roxa, Santa Helena, São José das Palmeiras., Foz do Iguaçu, Santa Terezinha de Itaipu, São Miguel do Iguaçu, Itaipulândia, Missal, Medianeira, Terra Roxa e Mundo Novo (MS).

Praticamente toda a região Oeste do Paraná sofreria com a inundação. Diante disto, os setores administrativos e jurídicos da Itaipu começaram as negociações com aqueles que seriam afetados pela construção da Usina. Foi um processo longo, que acarretou na formação do movimento dos expropriados da terra pela Itaipu. A

⁹⁵ ORLANDI, Eni Puccinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4^o ed. Campinas, SP: Pontes, 2001

⁹⁶ MASCARENHAS, Milena Costa. Poeira X Unicon: confrontos e contrapontos entre expropriados e Itaipu. Dissertação de mestrado em História; Unioeste, 2011. P:24.

formação desse movimento ocorreu porque a Itaipu não estava cumprindo principalmente com as suas propostas de pagar o preço justo pelas propriedades.⁹⁷

Com essa conjuntura, iniciou-se uma batalha entre os que estavam sofrendo com a situação contra o aparelho institucional da Itaipu Binacional. Um sujeito que entrou nessa história enquanto um mediador entre a usina e os expropriados foi Paulo José Nogueira. De acordo com a obra de Mazzarollo⁹⁸, ele era o diretor jurídico adjunto da Itaipu que dialogava com os que sofreriam com as inundações, objetivando direcioná-los a resolver a situação, “fechando negócio” com a Itaipu, já em 1977. Partindo da interpretação de Mazzarollo, algo marcante na fala de Nogueira, era para que os indenizados não tratassem com intermediários. Os intermediários eram tratados nesse contexto como “os picaretas” e principalmente sujeitos que estavam apoiando a luta dos expropriados (no caso por exemplo, os pastores, padres e dirigentes sindicais dos STRs).

Além das orientações de Nogueira, na Itaipu Binacional havia todo um aparato publicitário para convencer os agricultores que a construção da Usina seria um grande marco na história brasileira e paraguaia. Grandes nomes artísticos se apresentavam, declarando da importância dessa obra, como Teixerinha e Lima Duarte⁹⁹. As propagandas difundidas pela Itaipu, estavam carregadas de poder simbólico¹⁰⁰. A medida que eram reproduzidas essas propagandas, ocorria a legitimação de uma ordem.

Como demonstramos anteriormente, desde sua chegada ao Oeste paranaense, G.K se envolveu nos conflitos agrários presentes na região. Por sua vez, este envolvimento ganhou proporções ainda maiores quando a Usina começou a ser construída. Para compreender os mecanismos sociais, históricos e simbólicos que garantiam a ele ser um interlocutor importante em relação aos conflitos que ocorriam, Bourdieu, apontou que,

as relações de comunicação são, de modo inseparável sempre relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que podem acumular poder simbólico. É enquanto instrumentos

⁹⁷ MAZZAROLLO, Juvêncio. A taipa da injustiça. São Paulo. Ed: Loyola, 2003.

⁹⁸ Idem, 2003. P:50

estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) ¹⁰¹

Judite Schmitt¹⁰², em sua dissertação mostrou essa relação a partir dos significados desse acontecimento na vida dos expropriados. Em seu trabalho ela trouxe a narrativa do senhor Ivo, um expropriado que compreendeu esse momento, segundo a autora da seguinte forma,

Na memória do senhor Ivo, os pastores luteranos e membros da Comissão Pastoral da Terra, foram os articuladores do movimento do qual ele fazia parte, através de reuniões e reflexões, realizadas com os atingidos, demonstrando grande empenho nas mobilizações coletivas ¹⁰³

Aqui a autora nos mostrou a representatividade dos pastores luteranos, Gernote Kirinus e Werner Fuchs¹⁰⁴. Essa narrativa nos indicou como as relações entre os campos se construíram, e de que forma a representatividade imbuíu na significação do período para o senhor Ivo.

Numa crítica à Igreja Católica de sua localidade, do qual era inclusive membro, o senhor Ivo, lamentou o não envolvimento do padre da sua paróquia na mobilização, pois como um membro atingido ele achava necessário a participação do padre nesta luta dos fiéis, uma vez que, tanto o padre como atingidos constituíam a Igreja Católica de sua comunidade, ameaçada pelas águas da barragem de Itaipu.¹⁰⁵

¹⁰¹ OLIVEIRA, Fernando. V ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.2009; P:3. Apud, Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

¹⁰² SCHMITT, Judite Veranisa. Os atingidos por Itaipu. História e Memória. Oeste do Paraná década de 1970-2000. Dissertação de Mestrado em História, Unioeste, 2008.

¹⁰³ Idem, 2008. P: 90.

¹⁰⁴ O pastor Werner Fuchs pertencia à comunidade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil de Santa Helena. Ele também foi um personagem importante nesse contexto de luta pela terra principalmente com os atingidos pela barragem da Itaipu. Assim, como Kirinus, iniciou a sua militância muito jovem. Assumiu a secretaria da CPT, em 1978, quando Gernote Kirinus deixa de atuar pela CPT.

¹⁰⁵ SCHMITT, Judite Veranisa. Os atingidos por Itaipu. História e Memória. Oeste do Paraná década de 1970-2000. Dissertação de Mestrado em História, Unioeste, 2008. P: 91

Apesar de Ivo ter relatado a atuação dos pastores luteranos, não poderíamos deixar de mencionar que também haviam padres atuando ao lado dos pastores. As narrativas do senhor Ivo indicaram divergências entre os sujeitos que estiveram inseridos dentro do mesmo campo. Entretanto, era necessário abordar que mesmo o campo religioso sendo muito conservador, não o impossibilita de, dentro do próprio campo existir divergências.

Esses sujeitos no caso, foram os pastores e padres. Mesmo eles estando inseridos dentro do campo religioso, extremamente conservador, isso não impossibilitou que eles realizassem outras leituras acerca da religião. Em ambas as igrejas (católica e luterana), alguns eclesiásticos preferiam não entrar no movimento para lutar, pois acreditavam que a luta daria pela e na igreja, não cabendo a eles se envolverem na prática. Sendo assim, compreendemos que o campo religioso estava inserido na mesma doxa. A doxa, nesse sentido é a mesma que condiciona o campo religioso, mas isso não acarreta que não existem divergências entre eles. Em outros termos, ainda que o cristianismo seja o discurso que organizou o funcionamento e as fronteiras do campo religioso cristão, isto não significou que a totalidade daqueles que pertenciam e compunham este campo tivessem a mesma leitura do cristianismo e seus significados. Por exemplo, o pastor Harald Malschitzky citado no capítulo anterior e que teve uma conversa particular com Kirinus quando ele chegou no Oeste do Paraná, tinha uma leitura sobre o pastorado bastante diferente daquela que era feita por Kirinus, embora os dois participassem do mesmo campo e fossem pastores da mesma igreja.

O movimento dos expropriados pela Itaipu, apontou como o campo religioso é carregado de disputas e diferenças. Mesmo ele sendo fechado para a discussão da doxa, ou seja, ele poderia partir de um mesmo ponto, mas as ligações que o campo possuía, aponta para diferenças que se construíram pelas relações. Além disso, é importante mencionarmos que esses eclesiais participavam de forma administrativa na CPT, ou seja, as suas atuações eram frente a Comissão e não frente à igreja que eles participavam, pois era o posicionamento dos sujeitos e não da igreja. Neste sentido, foi vista a necessidade de unir os expropriados dentro do seu próprio grupo.

Sendo assim, o Movimento Justiça e Terra (MJT) foi criado em 1978, pelos expropriados pela Itaipu contando com o apoio da CPT. Até então, ela que organizava os encontros e intermediava com a administração da Itaipu. Frente a isso, os

dirigentes da CPT orientaram os “líderes” do movimento para que entre eles intermediassem discussões, debates sobre o assunto para que assim pudessem amadurecer as propostas no momento de negociar com a Itaipu.

Os primeiros encontros do MJT eram realizados na Igreja. Isso decorria devido que a Igreja, era um ponto de acesso de encontro das famílias nos finais de semana, tanto para lazer quanto para praticar as suas crenças. Porém, outro motivo das reuniões serem realizadas nela, eram porque neste momento a AESI, já estava investigando e espionando os expropriados, para saber o teor do andamento do MJT(entretanto isso não quer dizer que não teria espiões dentro da Igreja, mas as fontes analisadas não nos mostraram isso).

A formação do MJT foi rápida, pois os expropriados precisavam de uma resposta imediata. Em relação a escolha do nome, ele se deu devido a burocracia das indenizações. Inicialmente foi proposto pelo grupo dos expropriados que a indenização ocorresse pela troca de terra pela terra. Entretanto, a lei não permitia isso, ou seja, a indenização só poderia acontecer pelo dinheiro.

Diante desse processo, as estratégias desenvolvidas pela Itaipu eram as mais diversas. Algo que aconteceu foi a aproximação dela com os sujeitos que possuíam uma autoridade de fala dentro do movimento ou sujeitos que participavam na CPT. Esse foi o caso da procura por G.K. Ele relatou um processo que vivenciou, em que recebeu uma visita inesperada. G.K narrou a visita de Paulo Cunha, representante da Itaipu.

Ele veio lá em casa, até eu fiquei assustado, porque chegou um carro lá em casa, e eu até fiquei assustado, achei que era o DOPS que vinha me prender... E ele veio pedir arrego, e eu disse não!¹⁰⁶

Essa visita aconteceu em 1978, enquanto ainda morava em Marechal Cândido Rondon, com o intuito de convencê-lo a direcionar os expropriados a aceitarem a proposta da Itaipu. G.K, ciente das transformações econômicas que estavam ocorrendo, principalmente em relação aos valores altos das terras, sugeriu que a proposta inicial fosse remodelada. Inicialmente o movimento pautava para que fossem pagos os valores justos pelas terras. Porém aquilo não daria sustentabilidade a esses

¹⁰⁶ Entrevista cedida Fabiana Chaparini em janeiro de 2017.

expropriados, pois muitos não queriam sair do Paraná e como já mencionado os valores das terras estavam aumentando. Para além, disso, a Itaipu levava um tempo para pagar suas indenizações, sem atualizações monetárias.

G.K sugeriu uma nova proposta a Paulo Cunha. Ao invés de pagar pelas propriedades, poderia ser feito o processo da terra por terra. Esse processo consistia em trocar as terras que seriam alagadas por outras. Ele acreditava que essa era uma boa possibilidade, como narrou:

Se eles aceitarem a terra por terra, vocês compram uma área grande do governo, porque o governo tem... E se a terra for mais fraca, compensa pela extensão se aqui você produz três mil quilos de milho por hectares lá você produz mil e quinhentos... Mas eles não queriam sair do Paraná.¹⁰⁷

De certa forma, o que ele estava propondo poderia ser vantajoso para a Itaipu. Entretanto, é necessário compreendermos que a Itaipu estava ciente da situação e tinha “cartas nas mangas”. A desculpa de Paulo Cunha em não aceitar de acordo com G.K, era porque a Itaipu Binacional pertencia ao Brasil e Paraguai, e todas as decisões precisavam ser cabíveis e aplicadas para ambos os países.

Em maio de 1978, a Itaipu Binacional entrou em contato com comissão de padres e pastores que atuavam no movimento, para ouvir o posicionamento e possíveis soluções dos problemas que a empresa estava causando para a região Oeste. Isso se deu pelo motivo desses pastores e padres estarem atuando na Comissão Pastoral da Terra (CPT), como já foi mencionado anteriormente. Nessa conversa, a empresa afirmou que os pagamentos das terras estavam sendo feitos à vista, e que os valores pagos pelas propriedades eram feitos pelas análises das terras nuas mais as benfeitorias. Além disso, algumas famílias que já haviam tratado com a Itaipu e vendido suas terras a ela, poderiam produzir nessa área até 1981. O grande problema disso, é que o valor que a Itaipu estava disposta a pagar era praticamente o dobro a menos¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Idem¹⁰⁶.

¹⁰⁸ Essa escrita foi baseada pela leitura da obra de Mazzarollo, em que ele explicita detalhes importantes sobre esse movimento.

Segundo as leituras realizadas no livro “A taipa da injustiça”¹⁰⁹, com o posicionamento da Itaipu, em setembro do mesmo ano, o pastor Hattje que era secretário interino da CPT convocou uma assembleia para o dia dezesseis de outubro de 1978, em frente à igreja católica de Santa Helena. Os expropriados estavam preocupados, aflitos com a situação de incerteza, e percebendo essa situação, nessa assembleia que contavam com um total de duas mil pessoas, foram acatadas reivindicações, queixas da população que seriam expropriadas e estavam sem um norte de futuro.

Esse encontro no início de outubro de 1978 foi um dos primeiros que aconteceu. Posteriormente, outras reuniões foram realizadas, em que sempre objetivavam avaliar a situação dos expropriados. O MJT estava sendo monitorado de perto, pois ele representava uma perturbação à ordem do país. Além de ter sido considerado uma ameaça, os dirigentes da Itaipu precisavam saber todas as articulações do movimento para que assim ela pudesse facilmente montar suas estratégias.

Em abril de 1979, G.K na Assembleia Legislativa fez seu pronunciamento sobre o que havia acontecido na Assembleia dos agricultores em Santa Helena, uma semana anterior a sua fala no palanque. A fala do deputado nesse dia indicou que o seu primeiro mandato esteve voltado principalmente a lutar contra as injustiças que estavam acontecendo no interior do Paraná, dando uma atenção especial aos conflitos agrários.

Mas nós estamos integrados nesta luta, nesta caminhada contra a injustiça. Somos, portanto, contra alguém firme e declaradamente, contra alguém que é a Itaipu, no que se refere a injustiças que vem cometendo quanto ao pagamento de indenizações a quem tem o direito de ser justamente indenizado.¹¹⁰

O deputado deixava claro a sua discordância em relação ao processo indenizatório da Itaipu. Para ele, a melhor saída era resolver o problema oferecendo terra e não dinheiro para os expropriados. Os motivos eram diversos, mas

¹⁰⁹ MAZZAROLLO, Juvêncio. A Taipa da Injustiça: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu: 2ª Ed. Loyola, São Paulo, 2003.

¹¹⁰ Parte do pronunciamento de Gernote Kirinus, que se encontra no livro Entre a Cruz e a política. Edição Beija-flor. P: 41

principalmente porque a Itaipu não estava pagando os valores justos pelas propriedades.

Algumas mudanças começaram a surgir, mesmo sendo primárias. G.K. desde que chegou ao Oeste paranaense, sempre esteve atuando com a comunidade local em torno dos problemas agrários. Queremos chamar a atenção, no aspecto de como ele se construiu enquanto um agente social naquela região. Se analisarmos durante as décadas de 1960 a 1980, as relações das Igrejas protestantes se intensificaram com a Igreja Católica.

O primeiro capítulo dessa pesquisa demonstrou as relações que G.K. desenvolveu no Rio Grande do Sul. Elas se intensificaram ainda mais quando passou a conhecer a região do extremo Oeste do Paraná. Mesmo não sendo mais pastor quando estava atuando no MJT, ele ainda carregava traços do campo religioso em sua trajetória enquanto político, pois como Trabuco aponta, “é próprio dos profetas a perspectiva política”¹¹¹. Neste sentido, o trecho a seguir, G.K. narrou o que aconteceu em um encontro dos expropriados em Santa Helena em 1979, nos permitindo fazer esses nexos.

Então quando teve aquele acampamento em Santa Helena, eles foram lá com um pequeno aumento... e aí um bispo disse, vamos rezar uma missa em ação de graças pela graça alcançada, então como assim? Primeiro rezar a missa e depois empurraram tudo de goela a baixo junto com a hóstia. Porque o preço que eles tinham conseguido foi uma mixaria...¹¹²

A indagação de G.K. esteve em torno de que o bispo de Foz do Iguaçu considerou “graça alcançada”, mas que na visão de G.K, não foi uma graça. Mesmo que ele criticasse o valor baixo, o que foi conseguido foi pela luta dos agricultores. Nota-se que ele atribui as vitórias que aconteceram no movimento aos atingidos. A palavra “*ajudava*” utilizada por ele, foi para demonstrar que a articulação dele e de seus colegas de profissão que orientavam o movimento, porém as decisões finais eram dos expropriados.

¹¹¹ TRABUCO, Zózimo. “ À direita de Deus, à esquerda do povo”: Protestantismos, esquerdas e minorias em tempos de ditadura e democracia (1974-1994)/ Zózimo Trabuco. RJ,2015. P: 161.

¹¹² Entrevista cedida a Fabiana Stahl Chaparini em janeiro de 2017.

Cabe lembrarmos que a modernização da agricultura estava fortemente atingindo a população rural¹¹³. Mendonça, apontou a mudança que estava ocorrendo durante os anos de 1970 -1980.

Dentre elas, destacam os autores a expropriação do produtor rural motivada pela modernização/ mecanização; a ruptura de relações sociais tradicionais ou mesmo o delineamento de novas oposições sociais (não mais redutíveis à “velha” contraposição senhores e trabalhadores, mas englobando igualmente empreiteiros/ fichados/, trabalhadores dos empreiteiros/ donos de vendas, dentre outras). Em suma, para além das mudanças meramente econômicas, o que se destaca, no caso em tela, é a emergência de novas posições sociais e não somente uma mudança de papéis antes desempenhados pelos mesmos personagens, posições essas ligadas a universos sociais distintos, com novos personagens, dotados de novos interesses.”¹¹⁴

O movimento lutava pelo valor justo a ser pago pelas terras. Entretanto, como foi apontado por Mendonça, o meio rural estava se remodelando. Quando mencionado no parágrafo anterior que a decisão final era dos expropriados, é por compreendermos essas transformações que estavam acontecendo e que afetariam esses sujeitos.

O processo indenizatório cobriu em torno de oito mil expropriados. Juvêncio Mazzarollo, em sua obra apontou que uma das mais importantes formas de manifestações foi um acampamento dos expropriados em Santa Helena contou inicialmente na parte da manhã com quatrocentos pessoas, incluindo desde mulheres a crianças. Isso chamou a atenção da população, ainda mais depois que os meios midiáticos da época da própria cidade e da região começaram a divulgar notícias sobre o acampamento.

A notícia rapidamente já estava na boca de todos na região Oeste. No período da tarde, o movimento em frente ao escritório da Itaipu Binacional, já contava com mil e quinhentas pessoas. Essas pessoas eram das cidades que seriam afetadas pela inundação das águas de Itaipu. É importante destacarmos que o MJT não estava ali

¹¹³ Quando refiro a população rural, estou dirigindo o termo para os pequenos agricultores, posseiros, e trabalhadores rurais que viviam na terra de seus patrões.

¹¹⁴ Mendonça, Sonia Regina. A questão agrária no Brasil: a classe dominante agrária- natureza e comportamento 1964-1990/ Sonia Regina de Mendonça; João Pedro Stedile (org)—2. Ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2010. P: 118.

sem nenhuma organização, pelo contrário, haviam providenciado uma carreta com alimentos para manter-se acampados quantos dias fosse necessário. Além da questão física, outro elemento que chamou muito a atenção e que esteve presente no movimento dos expropriados é a relação do grupo com a crença religiosa e com a instituição da Igreja.

Esse imaginário religioso, ele tanto pode servir pra abafar, e serve pra manter o status de exploração, como pode servir pra alavancar uma ação crítica, revolucionária... Então o Pai Nosso ele reunia as igrejas, porque o Pai Nosso é rezado tanto na evangélica como na católica, então ajudava o povo a construir uma consciência crítica contra a Itaipu.¹¹⁵

Percebemos como o MJT esteve sempre em contato com uma mística, no caso arraigada ao cristianismo. Outra coisa que chama a atenção é a submissão a um Deus em que a fala de quem está à frente, nesse caso narrado por G.K, o bispo, em que naturaliza o processo, remetendo a “*graça alcançada*” (como foi mencionado anteriormente) a uma imagem paternal. Porém, não podemos atribuir que essa imagem como sendo criação do bispo, pelo contrário, isso estava inserido dentro do campo religioso, em que as visões e perspectivas do mundo já eram consagradas por séculos.

Entretanto precisamos considerar que as crenças religiosas se divergiam entre os sujeitos mesmo estando inseridas dentro do mesmo campo. De acordo com leituras realizadas do autor Tarcísio Vanderline e Juliane Vanderline¹¹⁶, isso é visível quando notamos que o camponês tem uma forma própria de crença não estando sempre em diálogo com aquela que é difundida pelas Igrejas.

G.K narrou uma visão mais crítica associada as suas experiências, conhecimentos que adquiriu durante a sua juventude e ida para o Peru, diferentemente do bispo que estava fazendo o sermão. Por mais que tivesse sido pastor, compreendia que as conquistas e perdas do movimento não estavam vinculadas a uma questão teológica, mas sim materialista, de relações concretas. Sua militância principalmente no Rio Grande do Sul, em que esteve em contato com

¹¹⁵Entrevista cedida a Fabiana Stahl Chaparini em janeiro de 2017.

¹¹⁶ Vanderline, Juliane; Vanderline Tarcísio. **Mística e Resistência na Fronteira-** Perspectiva geográfica- ISSN1981-4801. Unioeste v.6, N.7-2011.

peças do campo religioso e seu conhecimento sobre a Teologia da Libertação, propuseram para ele amadurecer a forma de lidar com situações sociais.

A narrativa também apontou de que maneira os sistemas simbólicos eram veículos de poder. Além disso, indicam de que modo acabam influenciando e norteando as narrativas e práticas dentro do campo social, pois “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*”¹¹⁷.

Essa construção que Bourdieu analisou, estava imbuída dentro das relações que o poder simbólico está inserido, ou seja, a língua, arte, mito, ciência, construídos historicamente. Vimos assim alguns elementos comuns nesses encontros sendo um deles a forma em que a crença dialogou com o grupo. Mazzarollo descreve em seu livro, algumas passagens sobre isso, que destacamos

Os trabalhos iniciaram com orações, palavras de apoio e incentivo de bispos, padres, agentes de pastoral e líderes sindicais. Em seguida o microfone foi colocado à disposição do povo. Quem quisesse expor seus problemas e sugestões tinha toda a liberdade de se expressar.¹¹⁸

Essa relação que G.K tinha com os atingidos pela barragem e por se posicionar ao lado deles, incomodou a Itaipu. O fato que foi narrado anteriormente, sobre a proposta que ele recebeu para trabalhar com a Itaipu resultou na sua expulsão de uma das reuniões que aconteceu em 1981, um pouco antes do famoso episódio do “Trevo da Vergonha”, o qual será descrito mais detidamente adiante. O trecho narrado por ele em relação ao episódio da sua expulsão e o início do trabalho que seria realizado em Foz do Iguaçu.

Em setenta e nove, eu já era deputado, mas eu participava e um dia fui expulso, não deixavam participar da reunião. Ai nós se retiramos, mas eu fiquei por lá, e eu ainda consegui salvar um pouco do movimento terra por terra, e incentivar uma parte do povo a ir acampar em Foz e os que foram até Foz, enfrentaram até o último momento...¹¹⁹

¹¹⁷ BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.p:9

¹¹⁸ MAZZAROLLO, Juvêncio. A taipa da injustiça. São Paulo. Ed: Loyola, 2003. P:70.

¹¹⁹ Entrevista cedida a pós-graduanda em janeiro de 2017.

Ele narrou de forma a entendermos que o movimento que aconteceu em Foz foi em 1979. Entretanto, o episódio que ele está narrando aconteceu em 1981, um ano antes das comportas serem fechadas e inundarem parte das terras da região Oeste. Quando trabalhamos com memória, é comum esbarrarmos com informações desconexas de quem está narrando o fato, pois como Traverso¹²⁰ nos apontou, ela é uma elaboração do passado. Toda imagem do passado, será uma reconstrução dele feita no presente. Nós, enquanto historiadores, precisamos estar atentos ao que Traverso chamou de singularidade de experiência vivida, inserida dentro de um contexto em que é necessário respondermos os elementos que perpassaram por esse meio como as causas, condições, ou seja, toda a sua estrutura.

Essa reunião narrada por G.K aconteceu na cidade de Santa Helena, na casa paroquial, em vinte e sete de fevereiro de 1981. Ela contava com a presença do padre Valentin Dal Pozzo, Werner Fuchs (secretário da CPT), alguns assessores convidados da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, o advogado Wagner D' Angelis, professor da UFPR Lafaiete Neves e o bispo Dom Olívio Faza de Foz do Iguaçu, e os deputados do MDB, Kirinus, Fidelcino Tolentino e Nelton Friedrich. A expulsão a qual relata, é sobre a argumentação que Itaipu estava alegando que o movimento estava sendo dirigido pelo partido do PMDB. Diante disto, Dom Olívio pediu para que os deputados se retirassem da reunião. Tolentino e Friedrich voltaram para Curitiba, porém G.K resolveu ficar e conversar com os atingidos, sobre a possibilidade de irem até Foz do Iguaçu.

Itaipu continuava questionando o movimento. Uma das maneiras que utilizou para deslegitimar a proposta dos expropriados foi a contratação de engenheiros, advogados para pesquisar em outras áreas possíveis valores de venda de terra. O jornal Nosso Tempo¹²¹, ao longo das suas edições presenciou o movimento dos expropriados. Esse jornal se posicionava contra a ditadura, tanto que se observarmos quem eram seus editores veremos que Aluizio Palmar foi um dos 70 militantes que foram trocados pelo embaixador suíço, em 1970. Segundo o autor Renato Muchiuti Aranha, o jornal contava com onze sócios, sendo eles: Alberto Koelbl, Evandro Stelle

¹²⁰ Como base teórica para entender memória, acreditamos que o autor Enzo Traverso em seu livro O passado, modos de usar contribui para essa discussão em torno da memória.

¹²¹ De acordo com o site do jornal, sua criação foi em maio de 1980, tendo como responsáveis, Juvêncio Mazzarollo, Aluizio Palmar e João Adelino de Souza. As edições estão disponíveis no site <http://www.nossotempodigital.com.br>

Teixeira, Eloy Adail Brandt, Emerson Wagner, José Cláudio Rorato, José Leopoldino Neto, Jessé Vidigal, João Adelino de Souza, Juvêncio Mazzarollo, Severino Sacomori e Sérgio Spada. É importante destacarmos que nove sócios eram pertencentes a partidos, como PMDB, PDS e PDT.

Sendo assim, o Jornal Nosso Tempo passou a cobrir praticamente todos os problemas que estavam acontecendo na região Oeste do Paraná em decorrência das atitudes tomadas pelo governo militar. As edições que interessam para essa pesquisa são de 1980 a 1982. Anteriormente estávamos narrando sobre a reunião que G.K foi expulso. Em relação a esse episódio encontramos uma reportagem referente a essa reunião, porém focando a narrativa da Itaipu.

A equipe do ITC, responsável pelo trabalho, foi formada por sete engenheiros agrônomos, dois engenheiros civis, um advogado, dois engenheiros florestais e um fotogrametrista. A equipe foi auxiliada no trabalho de campo por coordenadores do Sistema Estadual de Agricultura, dois escritórios regionais e 21 escritórios locais da EMATER/PR, num total de 147 técnicos especialistas em agricultura trabalhando junto aos agricultores de toda a região.

O levantamento teve como intuito central a pesquisa de preços na região Oeste do Paraná, uma vez que é a principal questão de impasse entre as partes- dizia o relatório do ITC.

A equipe percorreu 22 localidades entre municípios e distritos, sendo alguns bastante distantes e com características topográficas e climáticas bem diferentes (piores) que as da região desapropriada pela hidrelétrica, fato que permite a conclusão de que os preços encontrados na média feita pelo ITC servem para indicar os preços das terras para reassentamento, mais que para indicar os preços das terras (inigualáveis) expropriados aos agricultores pela Itaipu.

Foram buscadas informações junto a propriedades à venda, propriedades recentemente vendidas, empresas imobiliárias, cartórios de registro de imóveis, cooperativas, escritórios de contabilidade e líderes de comunidades agrícolas. As informações colhidas junto a cartórios não puderam ser aproveitadas pela evidente distância (para baixo) entre os preços lá anotados e os praticados no mercado.¹²²

¹²²Jornal Nosso Tempo. Edição de abril de 1981.P:19

Esse trecho é um recorte de uma notícia que tem por título “Novos rumos para as desapropriações em Itaipu”. Nela, são apresentados possíveis valores de propriedades nas regiões próximas ao Oeste do Paraná. Esses possíveis valores, foram tratados pela Itaipu como reais, ressaltando que as suas propostas são cabíveis. O grande problema disso, é que quando analisamos o contexto geral de solo, perceberemos que nem todas as áreas eram produtivas como a da região Oeste do Paraná, o que acabava diminuindo o seu valor. Outra questão envolvida sobre, é que Itaipu não dizia quais regiões ela havia pesquisado, apenas ressaltava o grupo de profissionais que levou consigo.

Claro que atitudes como essa da Itaipu assustavam ainda mais os atingidos. Muitos que estavam sendo expropriados e participavam do movimento resolveram vender suas propriedades para a Itaipu. Essa venda esteve ligada com vários elementos, desde incertezas e a violência simbólica que a Itaipu estava fazendo e em alguns casos por não se identificar mais com o grupo.

Somos a favor dos lavradores contra essa farsa, essas injustiças e opressões. Somos também contra as ameaças que funcionários da Itaipu estão fazendo contra colonos já indenizados, quando os ameaçam para assinarem documentos afirmando que estão satisfeitos com o montante recebido, caso contrário não receberão as cartas de anuência.¹²³

O fato de Itaipu contratar profissionais para analisar possíveis valores de propriedades e entrar em contato com os expropriados já indicavam também uma possível ameaça, pois o modo que foram repassadas essas informações, difundia e representava poder frente àquela situação.

As ações da empresa de Itaipu amedrontavam os atingidos e isso refletiu na luta. Em 1981, “apenas 60% das desapropriações haviam sido feitas”¹²⁴. Diante daquele contexto, uma assembleia foi montada pelo MJT em Itacorá, no dia dezesseis de março de 1981. Nela foram discutidas as possibilidades de irem até Foz do Iguaçu e acamparem na obra. A proposta foi aprovada pelos atingidos, já se programando e organizando o que seria necessário levar para a mobilização.

¹²³ Parte do pronunciamento de Gernote Kirinus, que se encontra no livro Entre a Cruz e a política. Edição Beija-flor. P: 41

¹²⁴ GERMANI, Guiomar Inez. **Expropriados Terra e Água: o conflito de Itaipu**. Salvador: Editora ULBRA, 2003.P: 145.

O movimento depois da assembleia de Itacorá resolveu seguir até Foz do Iguaçu para conversar com os responsáveis sobre as medidas cabíveis para resolver a situação dos valores a serem pagos (Itaipu estava pagando 200 mil cruzeiros pelo alqueire, entretanto o valor do alqueire na região girava em torno de 600 a 700 mil cruzeiros). Disso resultou o episódio da marcha dos agricultores. Ao analisarmos, nos deparamos com uma divergência de fontes.

A divergência está nas datas do evento. Germani em sua obra cita que no dia dezessete de março de 1981, os agricultores foram para Foz do Iguaçu em direção ao campo de construção da Itaipu Binacional. Já o sítio eletrônico Documentos Revelados¹²⁵ de autoria de Aluizio Palmar, apresenta que a marcha ocorreu no dia sete de abril de 1981. Abordarmos essa pequena divergência, é para demonstrar que as vezes alguns dados podem ter sido alterados, em questões de datas, mas que isso não implicou no andamento da pesquisa. Em alguns casos isso decorreu da memória construída pelos indivíduos.

Independentemente de as datas serem divergentes, o que nos interessou foi o evento por completo: a Marcha dos agricultores. Antes de eles irem ao seu destino, os canteiros das obras da construção da usina realizaram uma celebração religiosa na Igreja Matriz São João Batista. Analisarmos o culto nos permite compreendermos como que a simbologia presente nos sermões possibilitava que as experiências dos sujeitos ali presentes de individual passassem a serem coletivas, dando sentido a elas, não as tornando apenas teológicas, mas sim sociais.

Posteriormente ao culto, iniciaram seus trabalhos nas ruas, no caso a passeata. Como eles não estavam recebendo as condições necessárias da Itaipu, o movimento passou a utilizar outra forma de resistência, que não estivesse apenas ligada a discussões e reuniões, era necessário algo mais efetivo. As fotografias que serão apresentadas a seguir foram tiradas quando o MJT estava seguindo em direção aos canteiros das obras da Itaipu. Trazer fotografias para analisar nos possibilita perceber como que elas transmitem informações e sentimentos, construindo assim uma memória.

O MJT foi um movimento que chamou muito a atenção no Paraná. Se observarmos, ele se consolidou dentro de uma ditadura militar extremamente violenta

¹²⁵<https://www.documentosrevelados.com.br/repressao/easi-itaipu/a-memoravel-marcha-dos-agricultores-desapropriados-por-itaipu/>. Acessado em 14/06/2018.



e repressiva. Além disso, possibilitou a abertura de outras mobilizações agrárias, como foi o caso do Movimento do agricultor sem-terra no Oeste do Paraná (MASTRO), em 1981. Desta maneira, compreendemos que a criação do MASTRO em grande medida, se deu pela atuação do MJT na região Oeste do Paraná. O MASTRO compartilhou muito da perspectiva do MJT, em que deu continuidade ao trabalho com os sujeitos que sofriam com a violência agrária. Diferentemente do MJT para a qual a causa era local (região Oeste), o MASTRO ganhou proporções nacionais, sendo um dos precursores do Movimento Sem Terra (MST).

FIGURA 3. Fotografia do Movimento Justiça e Terra, na cidade de Foz do Iguaçu-PR.

Fonte: Fotografia retirada do site Documentos revelados no dia 28 de dezembro de 2017.

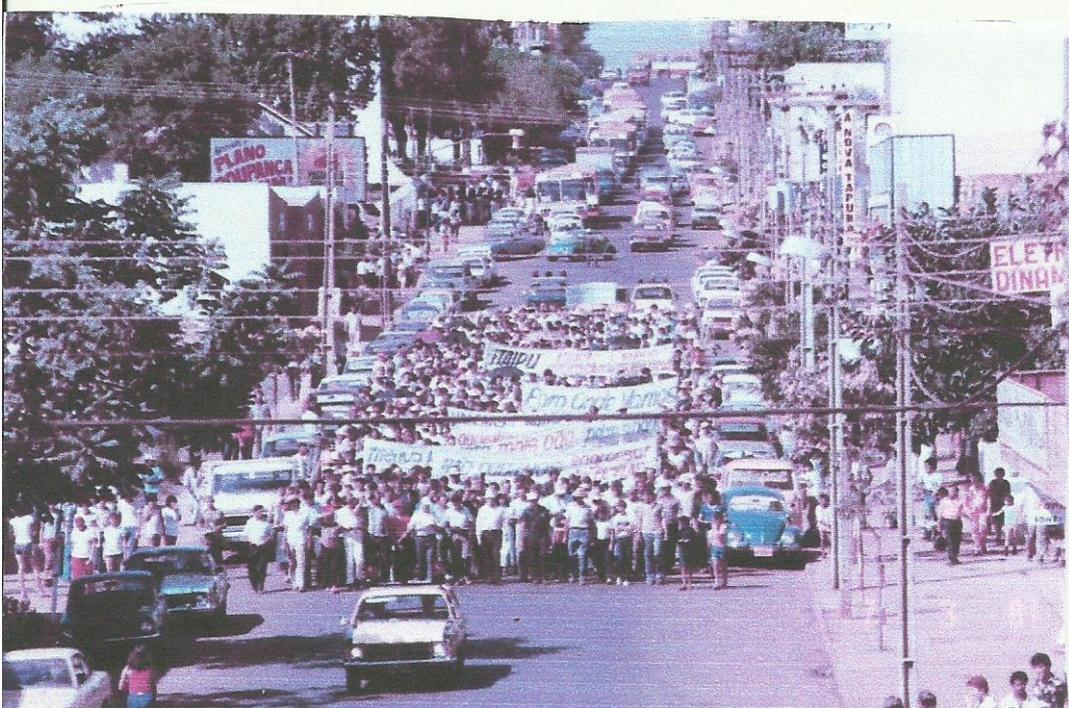


FIGURA 4. Fotografia do Movimento Justiça e Terra, na cidade de Foz do Iguaçu-PR.

Fonte: Fotografia retirada do site Documentos Revelados, no dia 28 de dezembro de 2017.

<https://www.documentosrevelados.com.br>

Essas fotografias são da passeata do MJT para os canteiros das obras da Itaipu. Nelas vemos faixas como “menos projetos, mais pão”, como se fossem palavras de ordem, pois expressavam os sentimentos e as situações que aquelas pessoas estavam enfrentando devido a um projeto de governo que em nenhum momento se preocupou com os problemas sociais da população que iria ser afetada com a construção da Usina.

Em nenhum momento o Movimento escondeu que seria feita a mobilização. O MJT levou suprimentos e todo material necessário para ficar acampados por muitos dias, inclusive se necessário, por semanas. Ciente disso, Itaipu enviou cerca de quatrocentos policiais para impedir que os agricultores seguissem com a marcha. Algo marcante nesse episódio, justamente foi essa repressão exercida pelos militares.

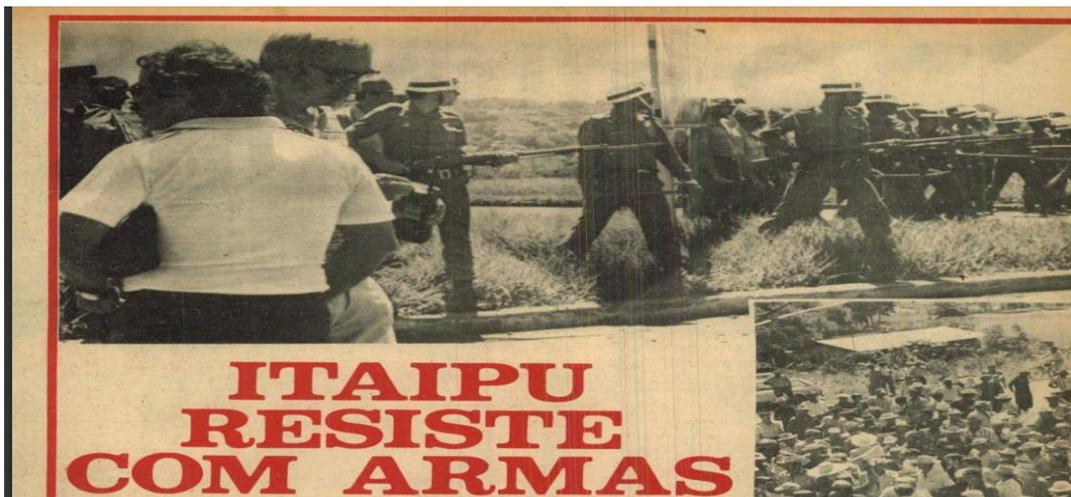


FIGURA 5. Reportagem Jornal Nosso Tempo.

Fonte: Jornal Nosso Tempo da edição de número 15(18 a 25 de março de 1981).

G.K estava presente nessa marcha. Ele se posicionou frente à situação da repressão em que,

E lá tinha até tropa de choque, e eu como deputado, dizia que tinha que manter a ordem, que não ia ter problema nenhum, porque eu sabia que eles tinham ordem pra bater, e tinha soldado que tava branco que tava com medo e tava perdendo o equilíbrio, e atrás vinha a tropa de choque.¹²⁶

Ainda contou que a tropa dizia que eles não poderiam entrar, pois aquela propriedade era privada. A argumentação um pouco contraditória, pois a Itaipu foi uma construção partindo dos interesses e investimentos do Estado. Marcelo Barth, um dos porta vozes do movimento, com um microfone conduzia a fala repudiando a ação dos policiais. G.K rememorou a fala de Barth,

E o Marcelo disse: quando vocês chegaram aos nossos ranchos, nós recebemos vocês com café, com educação, conversamos com vocês, e agora nós queremos conversar com vocês, e é essa a educação que vocês mostram pra nós?¹²⁷

¹²⁶Entrevista cedida a pós-graduanda em janeiro de 2017.

¹²⁷ Idem, 2017.

Diante desta situação, os membros do movimento resolveram montar as barracas no trevo que dava acesso às obras da Itaipu. No dia dezanove de março de 1981, foram até o acampamento representantes da Itaipu, estes enviados pelo presidente da Itaipu, Costa Cavalcanti. Esses sujeitos vieram recolher as reivindicações do movimento. De acordo com Germani, Costa Cavalcanti iria responder todas as perguntas que os expropriados propuseram e também seria feita uma reunião com cinco pessoas, sendo estas expropriados.

Os acampados decidiram que a melhor escolha a ser tomada naquele momento, dessem a continuidade do acampamento. Isso incomodou muito os dirigentes da Itaipu, porque além de Foz do Iguaçu ser uma cidade turística, para o Estado aquela ação do MJT era considerada um atentado contra a ordem.

Mesmo assim, o grupo dos atingidos vieram preparados para Foz do Iguaçu. Trouxeram consigo comida, barracas, lenha. O único modo de burlar o movimento seria pela proibição do consumo da água. Como o movimento estava consumindo a água fornecida pelo município, o general Costa Cavalcanti deu uma ordem de cortar a água do acampamento. A solução seria a compra de água, porém o valor subiu de forma absurda. Nesta situação, G.K foi até uma cidade próxima de Foz de Iguaçu, precisamente Santa Terezinha de Itaipu para conseguir água, mas também não foi permitido o seu consumo e retirada para levar até o acampamento, porém a comunidade de São Miguel do Iguaçu começou a levar água para os acampados. Como a situação ficou ruim para a Itaipu, a prefeitura de Foz de Iguaçu, reinstalou a água.

O acampamento durou cinquenta e quatro dias tendo como algumas vitórias o aumento da porcentagem no pagamento das terras e reassentando uma parte de posseiros e arrendatários¹²⁸. A resistência do MJT, proporcionou aos expropriados a chance de lutar pelos seus direitos, em que grande parte das suas reivindicações foram atendidas. Sendo assim, no dia nove de maio de 1981, os integrantes do acampamento desmontaram as barracas e voltaram para suas residências. Reafirmando que isso aconteceu porque o grupo resistiu e lutou, enfrentando as mais variadas situações, como as citadas anteriormente.

¹²⁸ Ver em Germani, G. Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu.2003.



FIGURA 6. Reportagem Jornal Nosso Tempo.

Fonte: Recorte de uma notícia do Jornal Nosso Tempo. Ed: 8 a 15 de abril de 1981, número 8.

Essa imagem indicou que a relação dos deputados do PMDB com o MJT. O MJT foi uma mobilização que contava com a participação além dos expropriados. Essa amplitude esteve ligada a diversos interesses políticos. Algo que chama a atenção são as duas fotos com G.K. Sua trajetória enquanto pastor e posteriormente como deputado marcou a sua presença na região Oeste do Paraná. Quando G.K chegou ao Paraná em 1975 atuando como pastor, passou a conhecer a realidade da região, a qual viu que os grandes problemas sociais estavam ligados a questões agrárias. Quando chamamos a atenção sobre as duas fotos, é por compreender que uma parte da população regional enxergava a partir da atuação dele uma "segurança" devido ele estar envolvido desde o início do processo.

Para além dos problemas das expropriações pela Itaipu, a região Oeste também sofria com a repressão de agentes policiais. Diante deste contexto, a atuação de G.K não se deu apenas com o movimento dos expropriados pela Itaipu. A citação a seguir foi retirada de um recorte de uma notícia do Jornal Diário Popular de Curitiba, em que focava apresentar casos policiais e esportivos.

A região de Santa Helena, na área de fronteira, tem se constituído em palco de grandes extorsões, tendo como vítimas principais agricultores expropriados pela Itaipu Binacional. A denúncia foi feita ontem pelo deputado Gernote Kirinus, do PMDB, ao solicitar uma CPI para investigar a corrupção, e, ao secretário de segurança pública, “habeas corpus” para que o lavrador Getúlio Correia Soares possa retornar a Santa Helena.¹²⁹

O fato ocorreu em uma localidade do interior de Santa Helena, com um indenizado da Itaipu Binacional chamado Getúlio Soares, no dia sete de outubro de 1981, um ano antes do alagamento. Além de o município ter sido um dos mais afetados pelo alagamento da formação do Lago de Itaipu, também foi considerada pela AESI como Área de Segurança Nacional. Desta maneira, existiam informantes que possuíam contatos com a polícia local. O que queremos indicar com isso é que, essas relações permitiam realizações de práticas ilícitas como citado acima.

O sujeito citado como Fernandinho, era auxiliar do delegado Osvaldo Pacheco da delegacia de Santa Helena¹³⁰. A partir do momento que “Fernandinho” tomava conhecimento sobre os indenizados, procurava nos arquivos policiais alguma possível ocorrência que poderia existir contra o sujeito indenizado. Essas ocorrências eram diversas, desde brigas em bailes, discussões, entre outras, mas que não chegavam a ser motivos detenção. Desta forma, se deslocava até a casa desses sujeitos e utilizava do seu poder e da sua posição para amedrontá-los e extorqui-los.

A intimidação que o auxiliar do delegado e que provavelmente o próprio delegado da cidade fazia em muitos casos funcionou. Entretanto, no caso descrito no documento, o lavrador Getúlio que iria receber uma indenização da Itaipu não se aquietou frente à violência da ameaça de ser preso. Sendo assim, a solução encontrada por ele foi de entrar em contato com G.K. Percebemos que, mesmo que o deputado não estavam mais residindo na região Oeste do Paraná, ele ainda tinha uma forte influência naquela área. Vemos isso com a atitude de Getúlio em que viu no deputado estadual uma possível ajuda que foi recebida.

¹²⁹ Retirado da pasta do DOPS; N°: BR PRAPPR.PB004.PT624b.71

¹³⁰ Essas informações conseguimos obter em conversas informais com moradores da cidade, em que apontavam que esse delegado era bastante violento. Posteriormente ao acontecido com Gentil, ele foi transferido para atuar em Guaíra. Como mencionamos, foram informações coletadas pela população local, a qual foram construídas das suas memórias, podendo ter tido algumas divergências com documentos oficiais, mas que não foram encontrados.

Isso decorreu de dois motivos, mas estes que estão relacionados. Diante disso não há porque elencarmos entre primeiro e segundo. Sendo assim, recorrer a G.K foi porque ele era da região e tinha determinada autoridade frente a sua posição social, tanto por ter sido pastor e posteriormente deputado e também por ter participado ativamente no MJT.

Diante desta situação, G.K decidiu que a melhor saída era ele se esconder em algum lugar distante de Santa Helena. Sendo assim, levou Getúlio e sua família para ficarem na sua casa em Curitiba. De acordo com ele, o lavrador ficou poucos dias na residência, logo acabou indo embora. Depois desse dia, Gernote não soube mais sobre o paradeiro de Getúlio Soares.

Essa fonte nos possibilitou compreender que a atuação de G.K depois que ele se elegeu deputado estadual no Paraná, não o restringiu de atuar na região Oeste, mesmo morando em Curitiba. O fato de ele estar distante da região Oeste, aparentemente poderia influenciar na sua atuação de representante da região que o elegeu, porém, isso não aconteceu, ele continuou atuando na região, de formas diferenciadas para além de estar presente na região, como por exemplo, respondendo cartas que recebia da população do Oeste paranaense, sobre os mais diversos assuntos.

A sua candidatura esteve ligada diretamente com a relação que teve com a comunidade local. Esse processo se iniciou por ele ser pastor em que presenciou os problemas agrários que a sua comunidade eclesial estava passando. Com a intensificação desses problemas, passou a lutar não apenas com os membros da igreja em que ele atuava, mas com o grupo que sofreu. Devido a sua atuação na região, a eleição que ele se elegeu, foi em grande medida resultado das suas ações em conjunto com os pequenos agricultores.

A vinda para o Oeste paranaense permitiu que ele continuasse a trabalhar com a metodologia e perspectiva a que ele aderiu em as suas experiências e participações em movimentos no Rio Grande do Sul. Essa bagagem que ele construiu no Sul e na ida para o Peru, desde leituras diferenciadas das que eram realizadas no seminário (em seus relatos narrativos indicou que também conheceu a literatura de Michel Foucault) até a prática na participação de atravessar a fronteira entre o Brasil e Uruguai possibilitaram que ele adentrasse em movimentos no Oeste paranaense,

participando assim da construção de comissões e articulações do movimento dos expropriados pela Itaipu.

Esse último capítulo buscou apresentar de que maneira G.K já deputado estadual do Paraná atuou na região que o recebeu quando chegou do Rio Grande do Sul. É importante destacarmos que foi essa forte atuação dele que fez com que ele se elegeesse deputado por três mandatos. Por mais que a escrita se baseasse nas experiências dele para compreender o que estava acontecendo naquele momento no extremo Oeste, o principal objetivo era de demonstrar principalmente o MJT dos expropriados pela Itaipu Binacional em que G.K presenciou toda a movimentação.

Analisar os conflitos agrários que marcaram a região oeste do Paraná durante o período aqui em foco é tarefa bastante complexa, pois são diferentes os matizes que o processo ganhou. Tarefa que fica ainda mais difícil quando o ponto de partida para análise é a trajetória de um indivíduo que teve sua atuação marcada pela esfera religiosa e política. Embora sejam dois campos distintos de atuação, cada qual com suas particularidades e preceitos, são campos que estão em constante diálogo e, diferentemente do que se busca fazer entender, um não é a negação do outro, sendo que em algum sentido podem ser até complementares. No caso específico de Kirinus, a intenção foi perceber, discutir e problematizar como na sua trajetória de vida ele lidou com estes diferentes campos e a partir de sua inserção como pastor ou como deputado se envolveu nas questões que marcaram a realidade agrária da região oeste do Paraná entre as décadas de 1970 e 1980.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora existam várias pesquisas referentes aos problemas agrários na região Oeste do Paraná, especificamente sobre os expropriados pela Itaipu, a temática dessa dissertação se diferenciou. Quando analisamos conflitos agrários nos envolvemos com diversos elementos que permeiam as relações entre os sujeitos.

Buscamos apresentar nessa dissertação, como foi possível a partir da análise de um sujeito compreender um contexto sócio histórico. A região Oeste do Paraná, sempre teve problemas com questões agrárias e além disso ficou popularmente conhecida porque em um município da região (Foz do Iguaçu) foi construída a Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Essa construção acarretou em diversos problemas para a população da região. Entretanto isso nunca foi demonstrado pelo discurso da empresa, pelo contrário, desde o seu projeto, sempre utilizaram como justificativa um discurso de que ela seria uma potência econômica, em que desenvolveria o país. Para que esse projeto faraônico fosse desenvolvido, vários sujeitos foram obrigados a sair das suas propriedades. A saída desses sujeitos muitas vezes acontecia pela extorsão, violência policial e de jagunços a mando de fazendeiros e também pela situação que a Itaipu impôs.

O contexto de mobilizações agrárias nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná, pós década de 1960, sempre contaram com a presença de pessoas vinculadas à Igreja católica e protestantes. Na década de 1970, essas relações se intensificaram, quando por exemplo foi criada a CPT no Paraná. Relembrando que na sua construção participaram o pastor luterano G.K e padres.

Diante dessa conjuntura, mobilizações na região Oeste do Paraná começaram a ser realizadas. Desses sujeitos, mencionamos G.K em que veio para a região para atuar como pastor, mas devido às circunstâncias que ele se deparou fez com que começasse a exercer práticas além da questão religiosa como pastor.

Antes das mobilizações oficiais do Movimento Justiça e Terra serem organizadas, esses mesmos sujeitos já estavam auxiliando e ajudando outros pequenos agricultores que estavam sofrendo com a violência dos jagunços. Essa situação se intensificou quando a Itaipu começou a percorrer a região e oferecer valores baixos pelas terras. Nesse sentido, os expropriados pela Itaipu juntamente com outros sujeitos iniciaram um processo de luta contra as implementações do Estado. Diante disso, os expropriados pela Itaipu em contato com a CPT e sindicatos organizaram o Movimento Justiça e Terra (MJT).

Dessa relação do MJT com a CPT, um periódico foi criado: o Boletim Poeira. Esse periódico foi uma forma de contrapor o que o jornal oficial da Itaipu, o Unicon publicava. Sabemos a importância da discussão desse periódico, entretanto acreditamos que por já existirem bons trabalhos¹³¹ referentes ao assunto, o nosso objetivo visou abordar outras fontes, mesmo os periódicos não estando saturados.

¹³¹ MASCARENHAS, Milena Costa. POEIRA X UNICON: confrontos e contrapontos entre expropriados e Itaipu. Dissertação de Mestrado em História, Unioeste, 2011.

Desta maneira, destacamos a contribuição dessa pesquisa no sentido de possibilitar outras análises das trajetórias de sujeitos inseridos dentro do campo religioso e que não puderam ser realizadas nessa pesquisa. Esses sujeitos de trajetórias parecidas com G.K., e que também se posicionaram frente ao um conservadorismo cristão e também político, pois estavam lutando para que a situação social da população regional mudasse, como foi o caso do pastor Werner Fuchs.

O intuito da pesquisa esteve inicialmente focado nos conflitos agrários da região, principalmente em torno do MJT. Entretanto, o diferencial foi que ao decorrer dela, acabei analisando a trajetória de Gernote Kirinus no MJT a partir da sua experiência no Movimento. Frente a isso, vimos a importância de apresentar a sua história desde a sua infância até a juventude, para compreender como que ele se tornou pastor e veio para a região Oeste. Foi nessa região que ele intensificou a sua militância social, tanto que foi por meio dela que ele se elegeu deputado estadual no Paraná por três mandatos.

Ao analisarmos trajetórias, nos deparamos com construções de memória, as quais ganhavam ressignificações perante as experiências de G.K. Grande parte das fontes utilizadas nessa pesquisa foram o próprio que doou ao Cepedal ou a pós-graduanda que posteriormente repassará para o Cepedal, em que citamos como exemplo seus sermões apresentados na comunidade de Entre Rios do Oeste.

Nesse sentido, a pesquisa visou sempre estar em contato com as fontes e demonstrar a partir da perspectiva dele. Entretanto, sabemos que não podemos tomar como verdade a produção de memórias vivas. Sendo assim, problematizamo-las com bibliografias que tratassem do tema, pois mesmo analisando a trajetória dele e sabendo da sua participação no movimento, todo sujeito busca se construir dentro de um contexto e atribuindo a si qualificações, o que foi necessário indagar.

Finalizamos essa dissertação apontando para possíveis caminhos de continuação de pesquisas referentes a análise de trajetórias, em especial a de Gernote Kirinus. A pesquisa apresentada não abordou todos os mandatos dele na Assembleia Legislativa e também não trabalhou com o periódico Boletim Poeira. Sendo assim, a trajetória de Kirinus nos apontou caminhos para conhecer formas de resistência social, principalmente na região Oeste do Paraná.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrários em questão**. São Paulo: Edusp, 2007.

ALCÂNTARA, José Carlos. **O dualismo partidário no período de 1966-1982 e sua representação local**/ José Carlos Alcântara- Assis, 2004.346f.

BOITO, Armando Júnior. **O golpe de 1954**: A burguesia contra o populismo; Ed: Brasiliense, 1982; P:116.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.P:361

_____. **Esboço de Autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.P: 140.

_____. **A ilusão biográfica.** Em: FERREIRA, M. & AMADO, J. (coord.) Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

CASTELANO, Maria José. **Conflitos na fronteira:** a atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) junto aos trabalhadores rurais e a Itaipu nas décadas de 1970-1980, no oeste do Paraná. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Anais do VII CBG. Vitória ES, 2014.

CAMILO, Rodrigo, A,L. **A teologia da libertação no Brasil:** das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade. II seminário de pesquisa da faculdade de Ciências Sociais. 2011.

CUESTA, Josefina. **La odisea de la memoria.** Historia de la memoria en España. Siglo XX. Madrid, Alianza, 2008.

DREIFUSS, René Armand. 1964: **A conquista do Estado:** ação política, poder e golpe de classe; RJ: Ed Vozes Ltda, 198

FERRAZ, Francisco. **Manual completo de campanha eleitoral.** Ed: L&pm, 2004.

GERMANI, Guiomar Inez. **Expropriados Terra e Água:** o conflito de Itaipu. Salvador: Editora ULBRA, 2003.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.p:255 .

KOLING, Paulo José. **Sociedade e Política em Marechal Cândido Rondon.** Artigo disponível no site: e-
revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/download/1237/1024

LINHARES, M. Y., & SILVA, Teixeira, F. C. **História da Agricultura Brasileira:** Combates e controvérsias. São Paulo: Brasiliense. (1981).

MASCARENHAS, Milena Costa. **Poeira x Unicon:** confrontos e contrapontos entre expropriados e Itaipu. 151 fls. Dissertação (Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2011.

MAZZAROLLO, Juvêncio. **A Taipa da Injustiça:** esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu: 2ª Ed. Loyola, São Paulo, 2003.

MENDONÇA, Sonia Regina. **A questão agrária no Brasil:** a classe dominante agrária- natureza e comportamento 1964-1990/ Sonia Regina de Mendonça; João Pedro Stedile (org.)—2. Ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MOTA, L. T. **As guerras dos índios Kaingang:** a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: Eduem, 2009.

NETTO, Wenceslau Gonçalves. **Estados e Agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira.** São Paulo: HUCITEC, 1997.

OLIVEIRA, Fernando. V ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.2009

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 4º ed. Campinas, SP: Pontes, 2001

PADRÓS, Enrique. **O uso da memória e do esquecimento na história. Literatura e autoritarismo: o esquecimento da violência.** n. 4, 2002. Santa Maria, UFSM.quatro ://w3.ufsm.BR/grpesqla/revista/num4/ass02/pag01.html

PADRÓS, Enrique Serra. **América Latina: Ditaduras, Segurança Nacional e Terror de Estado.** Revista História & Luta de Classes, 2004.

PALMAR, Aluizio. **Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?** Travessa dos Editores, Curitiba,2005.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente?** São Paulo, n. 14,1997, p. 2539. _____. Alessandro. Memórias divididas. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. - 8ª edição – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

QUADROS, Claudemir. Brizoletas: **A ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul (1959-1963).** TEIAS: Rio de Janeiro, ano 2, nº 3, jan/jun 2001.

RAUTENBERG,Edina. **A revista Veja e as empresas da construção civil (1968-1978)** Dissertação de Mestrado. PPGH Unioeste, Marechal Cândido Rondon. 2011.

ROSSI, Clóvis. **Militarismo na América Latina.** Brasiliense; São Paulo.1984; 2º edição. P: 90

SCHMITT, Judite Veranissa. **Os atingidos por Itaipu: história e memória.** Oeste do Paraná, décadas de 1970 a 2000. Dissertação (Mestrado em História). UNIOESTE: Marechal Cândido Rondon, 2008.

SESSI, Valdir. **O povo do abismo”:** Trabalhadores e o aparato repressivo durante a construção da hidrelétrica de Itaipu(1974-1987) Marechal Cândido Rondon, 2015:

SMANIOTTO, Marcos Alexandre. **A modernização conservadora na microrregião Oeste do Paraná (1964-1979).** Tese de doutorado em História .UFGD, Dourados, 2016.

SPINASSÉ, Karen, P. **Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes alóctones minoritárias no Sul do Brasil.** Revista Contingentia, 2006.

VANDERLINE, Juliane; Vanderline Tarcísio. **Mística e Resistência na Fronteira-** Perspectiva geográfica- ISSN1981-4801. Unioeste v.6, N.7-2011.

TRABUCO, Zózimo. “ **À direita de Deus, à esquerda do povo**” : Protestantismos, esquerdas e minorias em tempos de ditadura e democracia (1974-1994)/ Zózimo Trabuco. RJ,2015.419f.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**. Lisboa, Unipop, 2012.

THOMPSON,E.P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WOLFART, Cintia. "**O novo já nasce velho**": os clubes 4-S e a modernização da agricultura no Oeste do Paraná (1950-1980). Dissertação de Mestrado. PPGH Unioeste, Marechal Cândido Rondon. 2017.

FONTES

Entrevista com Gernote Kirinus. Realizada em janeiro de 2017, na cidade de Curitiba.

Entrevista com Gloria Kirinus. Realizada em janeiro de 2017, na cidade de Curitiba.

Crônica biográfica. Essa crônica foi escrita pelo próprio G.K.. Ainda não disponibilizou para acesso, apenas entregou uma cópia para a pós-graduanda.

Documentação do DOPS. Várias pastas foram olhadas, mas a selecionada foi a pasta que se refere a cidade de Santa Helena, pois lá encontramos vários documentos sobre a Itaipu Binacional e G.K..

Edições do Jornal Nosso Tempo. Debaxo de cada legenda se encontra as edições que foram utilizadas.

Fundo Gernote Kirinus. Como descrevemos ao longo da dissertação, nesse fundo encontram-se várias pastas, com uma vasta documentação temporal. G.K. doou ao CEPEDAL e está disponível para pesquisas.

Livro Beija-Flor. Esse livro foi produzido pela editora Beija-Flor, com os pronunciamentos e outros materiais referentes a um determinado período do seu primeiro mandato como deputado estadual pelo Paraná.

Revista Cambota: Revista produzida pela Assesoar. Edição especial em comemoração aos 50 anos de Assesoar.

Sermões: G.K. disponibilizou a pós-graduanda seus sermões que utilizava na comunidade da IECLB na comunidade de Entre Rios do Oeste.